

# *A Defesa Nacional*



MARÇO  
1945

NÚMERO  
370

CEL. RENATO BATISTA NUNES

CEL. LIMA FIGUEIREDO

MAJOR JOSE SALLES

# A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXII

Brasil — Rio de Janeiro, Março de 1945

N. 370

## SUMÁRIO:

	Pags.
Editorial .....	281
Malan D'Angrogne — Cel. Lima Figueiredo .....	283
São João de Deus — Gen. Silveira de Melo .....	289
Excertos — Trad. do Cel. R. B. Nunes, da Reserva de 1.ª classe .....	297
"Rio Negro-Cassiquiare-Orenoco" — Ten. Cel. Adalardo Fialho .....	307
A D. I. Norte Americana — Major R. D. ....	327
V — Princípios de Reconhecimento — Cap. Tasso de Aquino .....	331
"Abraços, beijos por brasileiros espantam os experimen- tados veteranos de Anzio" — Por Glay Gowran .....	339
Mais cuidado srs. tradutores!! — Major Antonio Moreira Coimbra .....	341
Inauguração do retrato de A. L. de Freitas Pereira na Galeria de "A Defesa Nacional" — Cel. J. B. Magalhães .....	345
Influência da Arma Aérea na Campanha do Noto da África — Trad. do Major Felicissimo de Azevedo Aveline .....	353
Boletim .....	395
Livros Novos .....	399
Revistas em Revista .....	403
Noticiário & Legislação .....	419
"Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual a Defesa Nacional Limitada" .....	429

# EDITORIAL

Sempre atento e fiel às inspirações do nosso passado, um passado tanto mais expressivo quanto representa os degraus da formação nacional, processada ao açoite das mais desencontradas e violentas solicitações, o Ministro Gen. Eurico Dutra não deixou que passasse despercebido o centenário dos dias em que se celebrou a Pacificação Farroupilha.

S. Excia. determinou que no dia 1º de março fosse comemorada aquela grata jornada de confraternização brasileira, e, como extensão dessas comemorações, estabeleceu ainda que seria escrita uma obra oficial sobre o Duque de Caxias, "mostrando os resultados da sua ação sabia e intimorata e as influências que ela teve, tem e irá ter no Brasil de ontem, no Brasil de hoje e no Brasil de amanhã, com repercussão nos destinos da América".

\*

O episódio histórico que o Gen. Eurico Dutra recorda ao Exército, e a invocação daquele que o teceu, o Marechal Luiz Alves de Lima, assumem um particular significado na hora que atravessamos.

A Pacificação Farroupilha foi por certo a vitória culminante de Caxias no quadro da sua atuação interna, mas, é preciso não esquecer, representa antes de tudo o supremo atestado da vocação pacificadora do nosso maior general.

Enérgico e inflexível na defesa da ordem, intransigente na preservação da unidade nacional, não lhe faltava nunca, porém, a capacidade de compreender e tolerar. Num dia feria a fundo,

rápido e resoluto, como bom soldado; mas no outro, cessado o perigo, restabelecida a lei e a autoridade, ele próprio estendia a mão ao adversário, pois sabia que todos eram brasileiros e aspiravam ao bem nacional.

Homem visceralmente conservador, como provam o seu temperamento equilibrado, a sua vida sem incógnitas psicológicas, as suas atitudes uniformes no sentido da manutenção dos valores consagrados — não foi nunca, entretanto, um sufocador de opiniões, um carrasco das aspirações novas, um feroz senhor acastelado nas suas convicções... Sua única intolerância era com a desordem. Esta não admitia nem afagava. Mas à base da ordem todos encontravam nele acolhida, segurança e compreensão.

\*

E é com esse exemplo, que nos acena, no presente instante, o Gen. Eurico Dutra. Dessa forma dá à nação o seu pensamento e, pois, a linha de conduta dentro da qual se conduzirá o Exército. E' ele, aliás, o Gen. Dutra, claramente, um soldado bem próximo da linhagem moral de Caxias. Homem puro, de formação conservadora, desrido de ambições pessoais, sem compromissos além daqueles que são ditados pela honra, seu único credo é o Brasil.

E ainda agora, ao dirigir-se ao Exército a propósito do centenário da Pacificação Farroupilha, sua preocupação é a superior preocupação de ver os brasileiros unidos. Qual Caxias que após a luta soube apagar os ressentimentos, esquecer os agravos, desfazer os antagonismos, em fim, desarmar os espíritos, deseja que nesta traumatizante mas inevitável fase de reajustamento nacional, haja "uma harmonia verdadeiramente fraterna entre todos os brasileiros, comungando esforços, lutando juntos e somando forças, no sentido único de fazer a nossa pátria, já grande por tantos títulos, incomensurável pelo ideal humano".

# MALAN D'ANGROGNE

Cel. *LIMA FIGUEIREDO*

Alfredo Malan d'Angrogne foi brilhante desde os bancos escolares; dizem-nos seus colegas de infância e de adolescência. Sua inteligência fecunda, sua cultura polimática, sua invulgar capacidade de trabalho e sobretudo sua maneira fácil de conquistar admiradores, fizeram-no uma figura exponencial do nosso Exército. Exerceu com brilho excepcional todas as missões que lhe foram confiadas, conquistando ao mesmo tempo a estima e o apreço dos seus chefes, colegas e subordinados, cousa difícil de conseguir-se em qualquer atividade humana.

Sei que Malan foi elemento eficientíssimo na comissão da Carta Geral da República, onde, pela fecundidade da sua ação, no campo e no escritório, se tornou amigo diléito de Augusto Tasso Fragoso. Na Europa, durante a guerra de 1914-18, foi um observador atilado, o que lhe permitiu adquirir grandes somas de conhecimentos profissionais que mais tarde foram revelados aqui, no Brasil, à nossa oficialidade. Na chefia do Gabinete do ministro Pandiá Calógeras, foi o seu braço direto, seu complemento, pois supria com experiência e cultura militares o pouco que faltava à farta e pilomorfa bagagem científica do sapientíssimo administrador civil.

Terminado o governo Epitácio Pessôa, foi o coronel Malan comandar o 1.º Batalhão de Engenharia, na Vila Militar. Foi lá que o conheci. Era dinâmico, parecia até que tinha o dom da onipresença. Quando menos esperavamos, estava ao nosso lado, chegando muitas vezes sem que o notássemos, para que pudesse bem avaliar o nosso trabalho, o nosso método de instrução, de modo que não ficassemos influenciados pela presença do chefe. A este propósito lembro-me que, em certa ocasião, dirigindo um serviço de terraplenagem, eu ajudava os soldados a encherem de barro algumas vagonetas. Com o meu

gesto adquiria a boa vontade e a amizade dos meus comandados; fazendo com que a nossa tarefa fosse mais cedo terminada, ao mesmo tempo que executava excelente exercício físico numa manhã fria e neblinosa. Estava completamente distraído, jogando a terra com vigor, manejando a pá com sustância, de sorte que trabalhasse todo meu corpo — pernas, tronco e braços. Num momento de descanso, olho para cima do barranco e vejo o meu comandante. Tinha no semblante um largo sorriso e antes que eu saisse da estupefação em que cairá, ele ainda sorrindo me disse: — “Tenente, o senhor terá bons soldados. Até logo.” Com este encontro fortuito o coronel me havia conquistado.

Houve comigo outro fato que bem caracteriza o homem. Estava arrumando, com meu pessoal, o material de pontes, quando o comandante entrou. Ao invés de dirigir suas perguntas a mim, fazia-as ao meu sargento. Não gostei da história, senti-me humilhado, pedi licença e, antes mesmo que m'a fosse concedida, retirei-me seriamente acabrunhado. Daí a poucos instantes estava sendo chamado ao gabinete do coronel. Para lá me encaminhei, dizendo com os meus botões: — vai haver o diabo. Logo que abri a porta de vai-e-vem, o comandante, de fisionomia fechada, levantou-se e se encaminhou para mim. Começou a falar-me delicadamente e logo com a primeira frase venceu-me: — “Eu já fui jovem e por isso bem sei o que são melindres de jovens, mas o senhor não procedeu corretamente comigo.” Dei-lhe as minhas razões, aceitou-as. Tudo terminou bem e naquela noite eu jantava, a convite do coronel Malan, em sua residência, com sua família. Assim procedem os verdadeiros condutores de massas, os que sabem conquistar adeptos e amigos.

Quiçá imbuido das idéias de Liautey, Malan d'Angrogne procurou melhorar as condições sanitárias da região em que se achava localizado o quartel. Uma vala profunda e tortuosa servia de escoadouro às aguas pútridas do populoso morro do Capão e passava bem junto ao muro lateral da nossa caserna. Ao lado das baías e do outro lado da estrada de ferro havia dois gigantescos pântanos. Em pouco tempo, com o exclusivo

trabalho dos oficiais e praças do batalhão, a vala fétida e desbeizada foi substituída por um belo boeiro de manilha. Nos hiantes atoleiros surgiram frondosos bosques de eucaliptos que embalsamavam o ar, vidente capinzal e múltiplos canteiros de hortaliças de todas as espécies. Terminadas essas obras de saneamento todos podiam dormir sem serem incomodados pelos anofelinos.

Depois de julho de 1922 havia uma certa desconfiança não só no seio dos oficiais como no das praças. A lealdade e a camaradagem, duas das principais virtudes militares, quasi haviam desertado das casernas. Não se falava a linguagem franca do soldado. Tudo que dissessemos tinha que ser muito bem meditado. Para não nos vermos metidos em complicações com a polícia, era mistério termos boca de siri. Malan queria o seu batalhão constituindo um só bloco, coeso pela amizade recíproca e pela confiança de todos os seus componentes. Na solução do seu grande problema reunia a oficialidade para exercícios táticos, fazia interessantíssimas preleções nas quais exibia far-tamente sua cultura, realizava longas marchas a cavalo através das quais procurava trocar idéias com todos. Entretanto, o meio por élé lançado e que mais resultado deu, foram as competições desportivas. Todas às quintas-feiras, às tardes, eram levados a efeitos torneios entre as diferentes companhias do batalhão, permitindo-nos selecionar os nossos melhores atlétas. Quando chegou o campeonato regional, vencemos por destacada contagem de pontos, quer no atletismo quer nos jogos coletivos de oficiais e praças. Por dois anos fomos os campeões. Em todas as provas, fosse qual fosse o tempo, lá estava o velho de cabeça branca a torcer e a animar confiadamente os seus elementos. As competições desportivas argamassaram, de fato, todos os componentes da forte unidade que tem por patrono o inesquecível Vilagran Cabrita. Todos queriam ver o chefe contente, não só dando-lhes vitórias nas pistas dos estádios e nos campos de jogos, mas também nos campos de instrução ou de manobras. No emprêgo das sub-unidades tudo se passava como se estivessemos num jogo desportivo, cada qual procurava cumprir sua missão, de maneira que a sub-unidade tivesse sua

ação facilitada. E, assim, na mais perfeita comunhão de sentimentos, na mais íntima cooperação, o famoso 1.<sup>º</sup> Batalhão de Engenharia trabalhava com rendimento excelente, orientado unicamente pela vontade de seu chefe.

Estalando a revolução de 1924, em São Paulo, o coronel Malan seguiu com sua unidade, para, logo que os rebeldes deixaram a capital bandeirante, seguir-lhes, comandando uma coluna, em perseguição.

Foi bem sucedido em São Manoel e Três Lagôas, mas não estimava a glória das suas vitórias, o que não contentava o governo de então chefiado pelo Dr. Artur Bernardes. Queria tudo resolver sem sangue. Certa vez vieram-lhe pedir reforços para dar cabo de grupos que se achavam em situação difícil. Malan indagou: — “Estão indo embora? Com a resposta afirmativa, acrescentou: — “Então, para que matá-los? Deixa-los ir em paz.”

Para interceptar os rebeldes no rio Paraná, acima das Sete Quédas, foi organizada, em Arapuá, pouco a oeste de Três Lagôas, uma coluna. Poucas eram as unidades: o 12.<sup>º</sup> Regimento de Infantaria (o 12 de ouro como era chamado) comandado pelo inclito coronel Diogênes Tourinho, uma bateria do 1.<sup>º</sup> Regimento de Artilharia Montado sob o comando do então capitão Ramiro Noronha (hoje governador do Território de Ponta Porã), um esquadrão do 1.<sup>º</sup> Regimento de Cavalaria (comandado pelo então capitão Agnelo de Souza) e uma companhia de engenharia sob a direção do então capitão Luiz Silvestre Gomes Coelho (atual governador do Território do Acre).

A coluna era composta de pequenos destacamentos e devia funcionar como uma sanfona, dado que o cerrado sul matogrossense é perfeitamente permeável às investidas inimigas. Fosse a testa atacada, os demais destacamentos cerravam contra êle. Se fosse o centro, cauda e testa convergiam para o centro. Se fosse a cauda, toda a coluna refluía para auxiliá-la. Malan, jocosamente, dizia que êle seria o tocador da sanfona, para o que precisava de ligações perfeitas em todos os seus elementos. A coluna iria atuar como a cobra SHUAIJAN, das montanhas chinesas do Chiand. Quando se golpeia êsse réptil

na cabeça êle ataca com a cauda, quando se bate no rabo êle ataca com a cabeça e, quando se fere no meio, investe ao mesmo tempo com a cabeça e a cauda.

Para tirar o máximo partido dos seus elementos, aumentou a cavalaria com os cavalos e condutores da artilharia, conduzindo os canhões e munição desta em caminhões adaptados no local; armou parte da engenharia com metralhadoras, de forma que pudesse combater; e empregou parte da infantaria para melhorar as estradas e fazer pontes. Foi o nosso querido chefe um verdadeiro malabarista, em pouco tempo fez dum infante um engenheiro, dum artilheiro um cavalariano. Afim de estar constantemente informado, lançou mão de todos os meios de transmissão e o telefone foi usado empregando-se até o fio de arame das cercas.

A contragosto foram-lhe dados os bordados de general, mas não havia outro remédio: o homem se destacara de tal maneira que não se podia negar o seu grande valor. Foi nomeado comandante da Circunscrição Militar de Mato Grosso, com sede em Campo Grande. Ai se revelou magnífico administrador. Com o gosto que tinha pela ciência, ao vê-lo excursionando pelo grande Estado Central, lembrava-nos logo o Visconde de Taunay.

Já estava a Circunscrição em franco trabalho de paz, quando os rebeldes, apertados entre as forças do general Rondon e o fronteiriço Paraná, atravessam a República do Paraguai e invadem o sul de Mato Grosso. Rapidamente, Malan tomou as providências que o caso exigia e na cabeceira do Apa travou-se violento combate bem nutrido de mortos de ambos os lados. O denodado general, ao contemplar aqueles corpos que se uniam fraternalmente no chão da luta, ordenou que fosse aberto um só túmulo e que nele fossem enterrados legalistas e rebeldes. Uma lápide traduzia o que pensava o bravo chefe: — “Irmãos, afinal aqui unidos, repousam no chão da Pátria.”

O general Tasso Fragoso, na chefia do Estado Maior do Exército, assim que pôde, chamou Malan d'Angrogne para seu sub-chefe, cargo que enobreceu com um trabalho inteligente e profícuo.

Assim que o Dr. Washington Luis assumiu o governo do Brasil, os jornais, a 15 de novembro, davam notícia da constituição do ministério, cabendo a pasta da guerra ao general Malan d'Angrogne. No dia seguinte o ministro já era outro — Malan havia exigido a anistia, para que o país pudesse progredir. O Presidente mandara-lhe dizer que o dispensava de responder ao convite, porquanto só ele tinha programa. Foi seu maior erro, tivesse atendido ao justo apelo do emérito general e não teria caído, preso como um passarinho, em 1930.

Com a vitória da revolução chefiada pelo Dr. Getúlio Vargas, foi Malan d'Angrogne nomeado Chefe do Estado Maior do Exército. Pouco tempo depois de assumir o exercício do cargo, sofre um insulto cerebral causado por um recado estúpido que um seu colega de bordados lhe mandara. Carregada, em estado de coma, para sua residência, após penosos sofrimentos, faleceu, no posto de general de Divisão, a 13 de janeiro de 1932.

Ao visitar meu chefe, meu guia espiritual, este ano, no dia do aniversário da sua morte, pedi-lhe, olhando para a sua assinatura que orna o granito bruto de sua campa: — "General, dai forças e luzes aos dirigentes do país, e do Exército, para que êles possam guiar, com firmeza, o Brasil através do oceano de desgraças e misérias em que navega, desarvoradamente, o destino da humanidade."

## Ao Mundo das Sedas SALIM NEDER

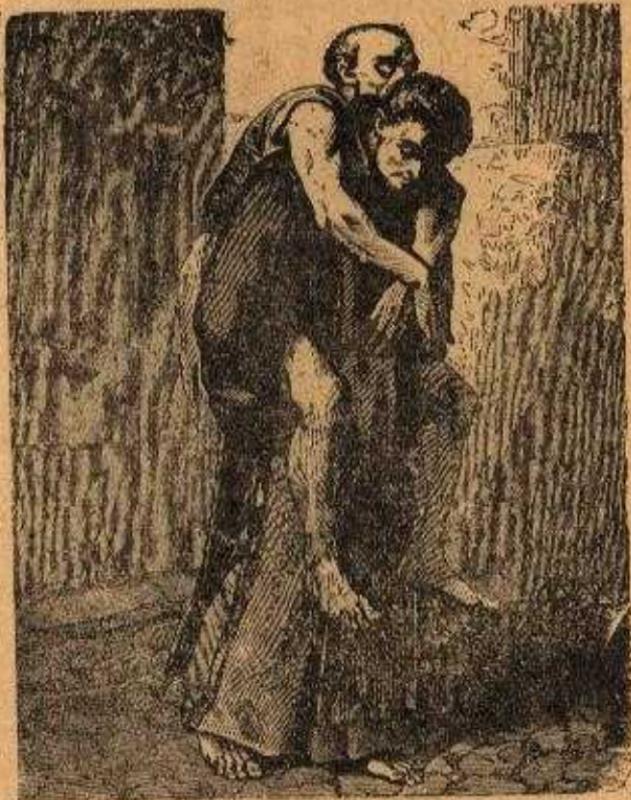
Tecidos em geral — Sempre novidades  
RUA LUIZ DE CAMÕES, 22 - Telefone: 43-5246  
RIO DE JANEIRO

# SÃO JOÃO DE DEUS

(+ 8 de Março)

Patrono do Serviço de Saúde e dos Corpos de Bombeiros.

General SILVEIRA DE MELO



O Santo transporta um doente para o hospital

S. João de Deus nasceu em Portugal em 1495, de uma família de artífices piedosos. Tendo deixado a casa dos pais, passou vários anos de sua infância ao serviço de um camponês, cuidando rebanhos.

Enfastiado, porém, dessa vida, passou à Espanha e assentou praça num batalhão de Infantaria que, a seguir, marchava para reforçar o cerco de Fuenterrábia que o Exército espanhol procurava conquistar aos franceses.

Arrastado pelos exemplos de camaradas dissolutos, desembocou por toda sorte de vícios.

Montando, um dia, um animal fogoso, este desembestou e pô-lo em terra sem sentidos, sangrando pelo nariz e pela boca. Socorrido pelos companheiros, reconheceu que fôra salvo pelo auxílio de Nossa Senhora, a quem professara entranhada devoção na juventude. Recobrou as fôrças, mas não teve ânimo de corrigir-se de seus desvrios.

Certa vez, encarregado da guarda de um acervo de material de guerra tomado ao inimigo, deixa-se iludir por camaradas em escrupulos, e estes pilharam aqueles depojos, deixando a João de Deus a ficha de abandono do posto e conivência no crime.

Foi, por isso, condenado à fôrca. Houve, porém um oficial que interveio a seu favor e a pena lhe foi comutada em expulsão das fileiras.

Acabrunhado por se ver expulso do Exército e pela deslealdade dos antigos companheiros, voltou ao ofício de pastor, mas abandonou-o de novo após quatro anos. E como os atrativos da vida militar ainda uma vez o seduzissem, alistou-se nas fôrças que o Duque de Alva vinha convocando com o fim de marchar para a Austria em auxílio do imperador Carlos V, contra os turcos. Foi essa uma empresa memorável em que esteve em jôgo a sorte da Europa cristã. Sitiada Viena pelos muçulmanos, ao mando do Sultão Salomão II, Carlos V conseguiu libertá-la e repelir os invasores depois que estes viram quebrar-se vinte assaltos sucessivos que lançaram inutilmente contra aquela grande cidade, em 1529.

Terminada a campanha, João de Deus licenciou-se do Exército, com baixa do serviço e regressou à terra natal.

Ali chegando ficou muito consternado com uma notícia que lhe tocou profundamente o coração: sua mãe morrera de

pesar pelos desatinos do filho, e seu pai recolhera-se, por fim, a um convento, onde terminará os dias.

Sem família e sem lar, compungido de suas misérias, entrou em si como o "filho pródigo" e tomou a resolução de mudar de vida. Fez a confissão geral de seus pecados e, desejoso de reparar os males que cometera, decidiu partir a África, em busca do martírio entre os mouros.

Tomando um navio, conheceu a bordo um fidalgo português que seguia desterrado para Ceuta, levando consigo a mulher e quatro filhos. Compadecido da situação humilhante em que se via uma família nobre, condenada ao exílio e sem re-



O Santo salva do incêndio os doentes do hospital de Granada

cursos, pôs-se desde logo espontaneamente a seu serviço. Desembarcando, conseguiu encontrar serviço remunerado nas obras de fortificação que se faziam para defesa dessa praça de guerra.

O salário ganho trazia-o ao fidalgo, cuja mulher e filhos enfermaram gravemente e não tinham como prover a subsistência. Todavia, como se paralisassem as obras, movido de compaixão pela pobre família, vendeu a capa e deu-lhe o dinheirinho resultante, alegando fôra ganho em serviço, e regressou à Europa.

Em Gibraltar, onde desembarcou, deu-se desde logo a exercícios de acerba penitência pelos seus antigos desmandos. Veio-lhe então a mente fazer alguma obra pia em reparação da vida dissipada que levara. Tantos vivem desgarrados da virtude, tantos outros vivem alheios à verdade... Ajudar à correcção de uns e tirar a cegueira de outros — é um grande bem. Assim pensando, passou a estudar melhor a doutrina cristã e a ensiná-la aos pobres e às crianças ignorantes. Com o produto de seus trabalhos tratou de adquirir livros piedosos que revendia aos outros, iniciando assim o apostolado da boa leitura.

Transportando-se para Granada, mонтou ali, à custa de muitas fadigas e de incessante oração, uma pequena livraria para divulgação da boa imprensa. Aproveitou-se então intensamente, das exortações e da direcção espiritual do insígne mestre e pregador, João de Ávila, de onde lhe nasceu a resolução de se fazer religioso e entregar-se à prática da caridade. Visitava os doentes, socorria-os, e, quando algum infeliz não tinha abrigo, levava-o para casa e o tratava como filho. Com a ajuda que obteve, alugou outra casa e passou a recolher nela os enfermos sem arrimo de família.

Daí em diante, por tal modo dedicou-se ao cuidado dos doentes, dos desamparados e dos mendigos, que, a breve trecho, a população da cidade veio em seu auxílio e, pouco a pouco, movida pela sua caridade, lhe proporcionou a instalação de um hospital de grandes proporções.

Teve assim inicio a Congregação dos Irmãos Hospitaleiros, por ele fundada, que foi reconhecida a seguir pela Santa Sé, e, cujos religiosos começaram a multiplicar-se, espalhando-se aos grupos por todos os países. Estendendo a sua caridade a todas as partes do mundo, João de Deus não pôs limites à sua propria caridade. Espunha-se a todos os trabalhos pelo bem do

proximô e escolhia para si os ofícios mais vis no serviço dos doentes e necessitados.

Ouvindo um dia o toque de alarme, anunciando o incêndio que se ateára no Hospital Real, fóra dos muros de Grana-  
da, o povo acorreu em massa ao lugar do sinistro, mas ninguem ousava aproximar-se do edifício que se via coroado de chamas.

Nisto apareceu o Santo, abrindo passagem pela multidão. Penetrou resolutamente no hospital. Rápido como relâmpago, arrombou janelas e começou a transportar nos braços os pobres doentes. Só abandonou a faina salvadora, quando, sopesando aos ombros os últimos dois sobreviventes entrevados, conseguiu safar-se por entre as labaredas crepitantes que já envolviam inteiramente o edifício. Mais tarde, noutra ocorrência, transpor-  
tou às costas para o hospital um pobre moribundo que encon-  
trara ao abandono, e, ao tempo de lavar-lhe os pés e de beijá-  
los, para o meter na cama, transfigurou-se o semblante do indi-  
gente, e João de Deus reconheceu nele o próprio Jesus Cristo,  
que num relance o acariciou e desapareceu.

Finalmente, consumido de trabalho e de duras penitências, certo dia — a 8 de Março de 1550 — foram encontrá-lo mor-  
to, de joelhos, abraçado ao crucifixo.

Foi canonizado em 1690, pelo Papa Alexandre VIII.

E' patrono dos enfermeiros e dos doentes, dos hospitais e dos Corpos de Bombeiros. Como não elegê-lo patrono do Ser-  
viço de Saúde ?

### **ENSINAMENTOS**

1) — Em que se distinguiu João de Deus como soldado, para vir a figurar logo a seguir como um dos grandes beneméritos da humanidade ?

Em nada se distinguiu. Foi um fracassado.

Mas de uma coisa importantíssim avaleu-se: foi de conhecer a fundo as misérias morais que se aninhavam no seio de uma tropa sem assistência religiosa. Essas misérias, de que êle a contragôsto se embebeu, reagiram nele um dia por tal forma, ao contemplar a sua própria rüina e o golpe mortal causado

aos pais, que abriram brechas de compunção tão vivas na sua alma, que a graça de Deus ali penetrou e fê-la ressurgir para os grandes lances de uma vida heróica de caridade.

Eis o que pode a verdadeira compreensão. Eis o que pode uma contramarcha resoluta e firme para Deus.

2) — João de Deus, provindo de uma família cristã, educado na virtude e dotado de bons sentimentos, logo que assentou praça caiu sob a influência de camaradas desregados e se deixou arrastar a toda sorte de vícios e paixões da mocidade.



Uma de prata com as relíquias do santo na  
catedral de Granada

Se assim aconteceu a João de Deus, como não lamentar a situação desconcertante de tantos infelizes conscritos, bisonhos, sem formação moral e cristã, ignorantes e simples, chamados ao serviço militar?

3.º) — Contudo, não se deve inculpar a profissão das armas e as instituições militares pela corrupção moral que lavra, por vezes, no seio da tropa, especialmente em campanha. O mal, intrinsecamente, como ensina Santo Agostinho, não procede da instituição — a *milícia*, mas da *malícia*. O soldado é um homem frágil como os mais, resvala para os vícios quando não frena as paixões. E como evitar as quedas e desvios, próprios dos moços, se não tiver junto a si quem o ampare e lhe mostre o bom e o mau caminho ?

### *CONCLUSÃO*

Cabe aos camaradas católicos promover a assistência religiosa dos recrutas para que êstes não percam o aprumo da fé e os bons costumes que receberem no lar, do que muito tem a lucrar a disciplina e o bem da classe.

# Restaurante Reis

\*\*\*\*\*  
**Reis, Almeida & Cia.**

O Restaurante que pela qualidade e pelo preço pôde servir desde o General aos soldados das forças expedicionárias

—  
**Avenida Almirante Barroso, 18 e 20**

**Telefone: 22-0993**

**RIO DE JANEIRO**

# EXCERTOS

Études sur le Combat — CelArdant du Picq —  
1821 — 1870.

Trad. do Cel R. B. Nunes, da Reserva de  
1.<sup>a</sup> classe.

(Continuação) (1)

O homem, que o combate moderno mantém a tão grande distância, chega a ter horror ao homem; já não travavam mais a luta corpo a corpo, a não ser contra a vontade no caso de um encontro casual, e ainda assim... Pode dizer-se que só procura alcançar o que foge, porque receia que este se volte de novo contra élle.

Desde Guibert se observa que as ações de hoje são infinitamente raras. Guibert reduziu a nada, mediante o raciocínio baseado em observações práticas, a *teoria matemática* do choque de uma tropa cerrada contra outra. A impulsão física, com efeito, não significa cousa nenhuma; o sentimento da *impulsão moral* que anima o atacante é tudo. O sentimento da impulsão moral é o sentimento da resolução que vos anima, percebido pelo inimigo. No combate de Amstetten, único em que uma linha esperou até ao choque uma outra que carregava à baioneta, os russos cederam diante da impulsão moral, e não da impulsão física. Estavam já desconcertados, abalados, absolutamente perturbados, hesitantes, vacilantes, quando a abordagem se deu.

Esperaram bastante para receber os pontaços de baioneta, os tiros à quemá roupa, mas logo que tal se deu, fugiram.

(1) — Ver os números 367, 368 e 369.

Quem espera o inimigo com calma e coração firme, tem a vantagem de ajustar seus tiros sobre êle; mas o sentimento de impulsão moral do assaltante o desmoraliza, causa-lhe medo, e êle não ajusta mais nem pontaços nem tiros, e é derribado sem defesa.

Entre boas tropas, se um ataque não fôr preparado, há tôdas as probabilidades de ser repelido. As tropas atacantes sofrem a ação material que as da defesa não experimentam; estas, portanto, estão em melhor ordem, frescas, ao passo que os assaltantes se acham desordenadas e já submetidos à influência mória de uma certa destruição. A superioridade moral que resulta da impulsão para a frente pode ser compensada fartamente pela ordem e o estado intacto dos defensores, além das perdas sofridas. A menor demonstração do defensor desmoraliza o ataque.

Quanto maior fôr a confiança depositada nos meios de defesa ou de ataque, mais se fica desmoralizado, desconcertado, ao verificar que, num dado momento, êles são insuficientes para deter o inimigo. Isto se aplica à confiança nas armas de fogo aperfeiçoadas cuja ação se limita, com a organização e o modo de ação atuais dos homens armados com carabina, ao alcance do "ponto em branco", exatamente como outrora. Disso resulta que as cargas de baioneta (em que não se dá nunca um golpe de baioneta), ou por outra, a marcha para a frente sob o fogo, exercerão efeito moral cada vez maior e a vitória caberá a quem souber imprimir, ao mesmo tempo, melhor ordem e maior impulso resoluto a essas marchas para a frente, duas cousas que parecem excluir-se entre nós mas que com força de vontade e inteligência (*consevar firmemente* em mãos *tropas de apoio imediato*) é possível reunir, o que permitirá, então, *conquistar e manter*. Portanto, não esquecer nunca a ação destruidora antes de empregar a ação moral; tende sempre, e até o último momento, atiradores. Do contrário, contra a rapidez atual do tiro (tiro ao acaso, mas acaso multiplicado pela rapidez do tiro) nenhum ataque poderá *atingir* o objetivo.

E é preciso que esta impulsão moral seja cousa assaz terrível. Eis uma tropa que marcha ao encontro de outra; esta não

tem outra cousa que fazer senão permanecer calma, prestes a apontar, cada homem visando em cheio aquêle que o defronta; a tropa assaltante chega a pequena distância, distância em que não se erra o tiro; quer se detenha, ou não, para atirar, será sempre antecipada pela outra que a espera, calma, pronta, segura de sua ação; toda a primeira fileira dos assaltantes cai fulminada; e o resto, ao qual esta recepção encoraja bem pouco, se dispersa por si, ou diante da menor demonstração de avanço. As cousas se passam assim? Não! Diante da fôrça moral da impulsão do assaltante, a tropa atacada perturba-se, atira para o ar (ou não atira, até) e se dispersa imediatamente: o assaltante, reanimado por esse fogo que o deixou em pé, redobra de impulsão para evitar nova descarga.

\* \* \*

As manobras de cavalaria (e também da infantaria) são ameaças. Os mais fortes levam a melhor.

A ordem é ameaça; é mais do que ameaça; a tropa engajada que atira, não pertence mais a seus chefes, e sei, vejo o que ela faz, sei de quanto ela é capaz; executa sua ação, posso avaliá-la, etc.; mas a tropa em forma está em mãos, eu o sei, vejo o que ela faz, sei de quanto ela é capaz; executa sua ação, posso avaliá-la, etc.; mas a tropa em forma está em mãos, eu o sei, vejo e sinto; pode ser empregada em qualquer direção; sinto instintivamente que somente ela é capaz de lançar-se contra mim, de atacar-me pela direita, pela esquerda, de lançar-se por um intervalo, de contornar-me. Ela me inquieta, me ameaça; aonde me vai ferir esta ameaça? . . .

A tropa em forma (1) (que é a ameaça mais séria, cujo efeito pode produzir-se em qualquer momento) se impõe de maneira terrível. Quando o combate está bem engajado, faz mais pela vitória do que os próprios combatentes que existem realmente ou que o inimigo supõe existirem. Num combate indeciso,

(1) — O *rang*, em francês, é fileira, ordem, formatura, significando, aqui, tropa não engajada.

quem puder mostrar, nada mais que isto, batalhões, esquadrões em ordem, vencerá. O medo do desconhecido!

Segundo o moral do inimigo, as demonstrações devem fazer-se a maior ou menor distância, o que leva a dizer que o modo de combater varia com o inimigo, e que há uma escola para cada qual.

\* \* \*

*Os grandes batalhões.* — Hoje, tem-se a preocupação do número; Napoleão também, com suas relações de efetivos; os romanos não se preocupavam tanto; o que queriam, é que *todos combatesssem*, e nós acreditamos que todos quantos figuram nas relações de efetivos, num dia de combate, num exército, numa divisão, num regimento, combatem. — Daí, o êrro...

A *teoria dos grandes batalhões* é uma teoria vergonhosa; com ela, não se trata mais de quantidade de coragem, mas de quantidade de carne humana. E o desprêzo pela alma. Do menor ao maior orador, todos quantos falam sobre causas militares, só falam em massas; a guerra se faz com massas enormes, etc., etc., . . . e, nas massas o homem desaparece. Não se vê senão o número; esquece-se a qualidade e, entretanto, hoje como sempre, sómente a qualidade é capaz, em suma, da ação real. Os prussianos venceram em Sadowa com soldados feitos, unidos, aptos disciplinarmente, e não são precisos mais de três ou quatro anos hoje, para ter soldados, porque a educação material do soldado, afinal, é pouca causa.

César tem legiões que considera noviças, não bastante sólidas ainda, mas que têm nove anos de formação.

A Áustria foi vencida porque seus homens se bateram mal, pois eram conscritos.

Nossa organização projetada dar-nos-á quatrocentos mil soldados bons, mas, faltará coesão, se forem incorporados na véspera em tal ou qual corpo. E as tropas sem coesão fazem número de longe; é alguma causa, mas, de perto, se reduzem à metade, a um quarto, como combatentes reais. Wagram e a infânciada arte, são lances de desespôro que podem lograr êxito uma

vez, como efeito moral, sobre um inimigo fácil de impressionar; mas, uma vez únicamente, e depois?

Napoleão encontrou, de inicio, como instrumento, um exército que tinha bons métodos de combate e, em suas mais belas batalhas, o combate se executa de acordo com êsses métodos: ele ordena, e deixa aos chefes os meios de execução: Quando ele próprio designa os meios (diz-se, porque Napoleão desmentiu em Santa Helena), é em Wagram, em Eylau, em Waterloo, para engajar massas enormes de infantaria, sem às vezes, material, talvez de efeito moral poderoso, às vezes, mas com uma perda de homens espantosa e tamanha desordem que, depois da arrançada, não é mais possível reunir e empregar as tropas assim engajadas, durante toda a jornada; meio bárbaro (no sentido romano), infância da arte, se é permitido empregar esta expressão tratando de tal homem; meio que não logra êxito contra tropas dotadas de sangue-frio, de raciocínio (corpo de Erlon, em Waterloo) e se transforma, então, em desastre.

Napoleão via o fim com luminosa clairividência, e, no dia em que sua impaciência (a onipotência torna o homem impaciente), ou então a falta de experiência ou de habilidade dos chefes ou das tropas, frequentemente renovados, não lhe permitia mais criar disposições de ataque realmente táticas, sacrificava completamente a ação material da infantaria, e até da cavalaria, à ação moral das massas.

Que fez Napoleão I? Diminuiu o papel do homem nas batalhas e substituiu a ação pelas combinações; nós, os instrumentos, não podemos ser tão gloriosos.

Massas de infantaria, massas de cavalaria, marcam, no fim do Império, uma degenerescência tática resultante do desgaste dos elementos, e consequente ao declínio do moral e da instrução. Demais, os aliados conheciam e adotavam já nossos métodos e nossos meios de ação; é outra razão para experimentar qualquer novidade (novidade velha), capaz de produzir a estupefação que dê, que possa dar, um dia, a vitória, mas sómente um dia, até que o inimigo recaia em si: espécie de meio desesperado de que lança mão a onipotência quando sente escapar-lhe o prestígio.

Quando chega a desdita, e há *falta de homens para sacrifícios*, Napoleão volta a ser o homem prático a quem a onipotência não cega mais; o supremo bom senso e o gênio preponderam sobre o *fúror de vencer* por qualquer preço, e tem-se a campanha de 1814.

\* \* \*

**Método de combate.** Os combates antigos executavam-se em espaços restritos; o chefe via toda sua gente, via claramente; suas narrativas deviam ser exatas, se bem que na verdade deixem muitos pormenores na obscuridade, esquecidos, obrigando-nos a supri-los. Num combate moderno não se sabe melhor o que se passa, o que se passou, senão pelos resultados; as narrativas não podem entrar em minúcias de execução.

E' curiosa a leitura dos feitos d'armas narrados pelos vencedores (ou que assim se julgam), e pelos vencidos. Não se tem a impressão de que a verdade esteja de um lado ou de outro, mascarada por ambos com o maior apuro, quase sempre, sem falar na política da guerra que desfigura os fatos com um fim disciplinar, moral ou político.

Enquanto as companhias pertenciam aos capitães, era difícil apreciar as perdas, pois todos se furtam, todos mentem. Por quê?

Nas narrativas modernas, quem lê um francês ou um estrangeiro, fica completamente desnorteado, de tal maneira os fatos se assemelham pouco. Onde está a verdade? Sómente os resultados poderiam indicá-la (resultados traduzidos pelas perdas recíprocas); como obtê-los? E só êles são instrutivos.

Nos tempos de Turenne não existia ainda, no mesmo grau, o amor-próprio de nação para obscurecer a verdade; as tropas, às vezes, pertenciam à mesma nação nos dois exércitos.

Se as vaidades nacionais, os amores-próprios nacionais fossem muito mais suscetíveis em relação aos fatos recentes, que ainda os apaixonam, encontrariam numerosos exemplos em nossas últimas guerras, quer entre nós, quer da parte dos aliados. Mas, quem poderia falar de Waterloo, de que

tanto se tem falado com paixão, sem ser amaldiçoado, se falasse com imparcialidade? Waterloo ganho, não teria adiantado muito nossos negócios; Napoleão tentava o impossível, e ao impossível nem mesmo o gênio supera. Após uma luta terrível contra a solidariedade inglesa, luta em que não podíamos reduzí-los seriamente (e não o teríamos feito ainda que os prussianos não houvessem chegado, o que tiveram o espírito de fazer muito oportunamente, para nosso amor-próprio), surgem os prussianos; enfrentámos-los, e a derrota começa, não com as tropas engajadas contra êles, mas entre aquelas que, fatigadas, é possível, porém não mais do que seus inimigos, enfrentavam os ingleses. Efeito moral de um ataque contra sua direita, quando esperavam socorro desse lado. Esta direita seguiu o movimento, e que movimento!

\* \* \*

Por quê aquêles que sabem como as cousas se passam não o dizem, e não se trata de formular um *método de combate adequado à realidade*? que regule um pouco a desordem que perturba os desprevenidos e os faz desanimar? (Dois coronéis, que poderia citar, e um muito bravo, diziam: "Deixe agirem os soldados diante do inimigo; êles sabem, melhor do que nós, o que é preciso fazer"); eis o grande motivo da confiança francesa! sabem melhor do que nós o que devem fazer; *sim, no pânico principalmente!*

\* \* \*

Não se pode imaginar que diferença existe entre as teorias e a prática; um general, que mil vezes no campo de manobras indicou, exigiu direções, dá esta ordem: "Vá até lá, coronel". O coronel, homem de bom senso, retruca: "Queira precisar, general, para que ponto o senhor me dirige? De que ponto até que outro devo ocupar? Tenho gente à minha direita e à minha esquerda, etc...." O general: "Avance contra o inimigo,

coronel; isto é bastante, que significam estas hesitações? . . ." "Meu caro general, em que direções? E' bom sabermos aonde mandamos nossa gente e que ela própria o saiba. O espaço é vasto. Se o senhor não sabe aonde envia seus homens, não lhes diz nem lhes faz compreender, e não os guia; se fôr necessário, então, para que ser general?"

Sempre a mania, a impaciência dos resultados sem os meios. Escolher o momento oportuno para atacar e saber *preparar o ataque*, são cousas, aliás inerentes ao tacto do general.

\* \* \*

Ha homens, como o marechal Bugeaud, que nascem guerreiros pelo caráter, espírito, inteligência e temperamento; recomendam, e demonstram com os próprios exemplos, uma tática admiravelmente apropriada ao caráter nacional e a seu caráter pessoal. Mas a aplicação da tática de Bugeaud exige chefes que se lhe assemelhem pelo menos, na coragem e na decisão. Nem todos os chefes são de sua témpera. E' necessário, portanto, que haja uma tática regulamentar apropriada ao caráter nacional, que seja uma espécie de *breviário* do chefe comum, e não lhe exija as qualidades excepcionais de um Bugeaud.

A exposição de semelhante tática seria à resposta aos que pretendem (e o número é grande) que tudo se improvisa no campo de batalha, e não encontram improvisação melhor do que abandonar-se ao soldado.

Trata-se, pois, de encontrar um método que regule um pouco esta maneira de agir de nossos soldados que *fogem avançando*, ou avançam fugindo, como queiram; e se alguma cousa inesperada os surpreende, fogem com tanta rapidez para trás.

Trata-se menos de inventar do que de verificar, demonstrar e organizar. Verificar, observar melhor. Demonstrar, experimentar melhor e descrever melhor. Organizar, ordenar melhor em vista da solidariedade, que é a disciplina.

Entre nós, o pequeno, o reduzido número dos que raciocinam, dos que podem compreender o raciocínio, tem sangue frio,

mas sua ação é quasi nula em virtude da desordem da massa; perdem-se, são arrastados pelo número.

Segue-se que, mais do que os outros, temos necessidade de uma tática de combate prèviamente raciocinada com justeza, partindo do fato de que não somos instrumentos passivamente obedientes, e sim séres assaz nervosos, inquietos, que queremos acabar depressa e saber aonde vamos, com antecipação; indivíduos feitos com amor-próprio, que nos esconderíamos todos se não nos vissem, e que devemos, por consequência, ser vistos, agir sempre em presença de camaradas, de chefes que nos observem. Daí, a necessidade de organizar sólidamente a companhia (é sobre o infante que o combate exerce a impressão mais violenta, porque él é sempre o que mais se expõe; é él que deve ser mais sólidamente enquadrado), de reforçar a solidariedade mediante o conhecimento recíproco e longo de todos os seus elementos entre si.

Não adoteis métodos de combate que exijam chefes sem medo nenhum, cheios de inteligência, de senso, de espírito, etc.... porque tereis sempre decepções. O método de Bugeaud é excelente, para él; mas vê-se, no combate da ponte de Hospital, que seus comandantes de batalhão não se lhe igualavam no valor; se não estivesse presente, tudo estaria perdido, e sómente él, aparecendo em toda parte, executa os lances de resolução que os outros eram incapazes de realizar. Seu sistema, que se pode formular em duas palavras, é atacar sempre, até na defensiva, e não atirar, abrigando-se quando não se fôr atacado, é dos mais racionais em seu espírito e com seu espírito, sua oportunidade, principalmente; mas, na aplicação, julga soldados e chefes por él, e engana-se. Não há, pois, dogmatismo que estabelecer daí, nem haverá jamais. O homem é sempre o mesmo: tacto e resolução não se ordenam. Dois métodos: que o chefe escolha, segundo suas tropas ou sua pessoa.

\* \* \*

*A tática (sempre foi ou deve ter sido, pelo menos) é a arte, a ciência, de fazer com que os homens combatam com a*

*máxima energia, máximo que só se pode conseguir por meio da organização contraposta ao medo.*

Quem não parte dêste ponto, faz matemática e labora em erro. E' a ciência soberana da guerra, pois o combate é o único objetivo final. O que nos impede de render-nos à verdade, quanto a considerar como ponto de partida a necessidade de vencer o medo, é o amor-próprio, a vaidade da maioria, da massa, e, no número infinitamente pequeno dos *bravos absolutos*, a falta de compreensão de uma causa que êles não sentem. Entretanto, fora dêste ponto de partida, não há verdade, e toda tática verdadeira provém daí.

**Nota.** — Muito haveria ainda que colher nas páginas do livro memorável de Ardant du Picq, profundo pensador militar, soldado bravo entre os mais bravos. A exiguidade de espaço e a possibilidade de apresentarmos, talvez, uma tradução integral da obra, levam-nos a fazer ponto aqui, a fim de dar lugar a outros estudos sobre a psicologia do combatente. No próximo número daremos a palavra ao General Daudignac, que nos dirá das "Realidades do Combate — fraquezas, heroismos, pânicos."

## A maior organização Loterica no Brasil

# Casa Lopes

LOTERIAS.

Rio - S. Paulo - B. Horizonte - Petropolis

Uma em cada canto da cidade para  
encurtar o caminho da Felicidade.

# «Rio Negro-Cassiquiare-Orenoco»

*Uma alternativa fluvial de saída para o Atlântico que não convém ao Brasil.*

Pelo Ten.-Coronel ADALARDO FIALHO

## INTRODUÇÃO

(Vêr croquis n.<sup>o</sup> 1)

A guerra, esse Moloch insaciável, devorador de vidas e de matérias primas, tem estendido os seus tentáculos pelo mundo inteiro á procura, sempre ansiosa, de novos recursos para alimentar a sua máquina militar.

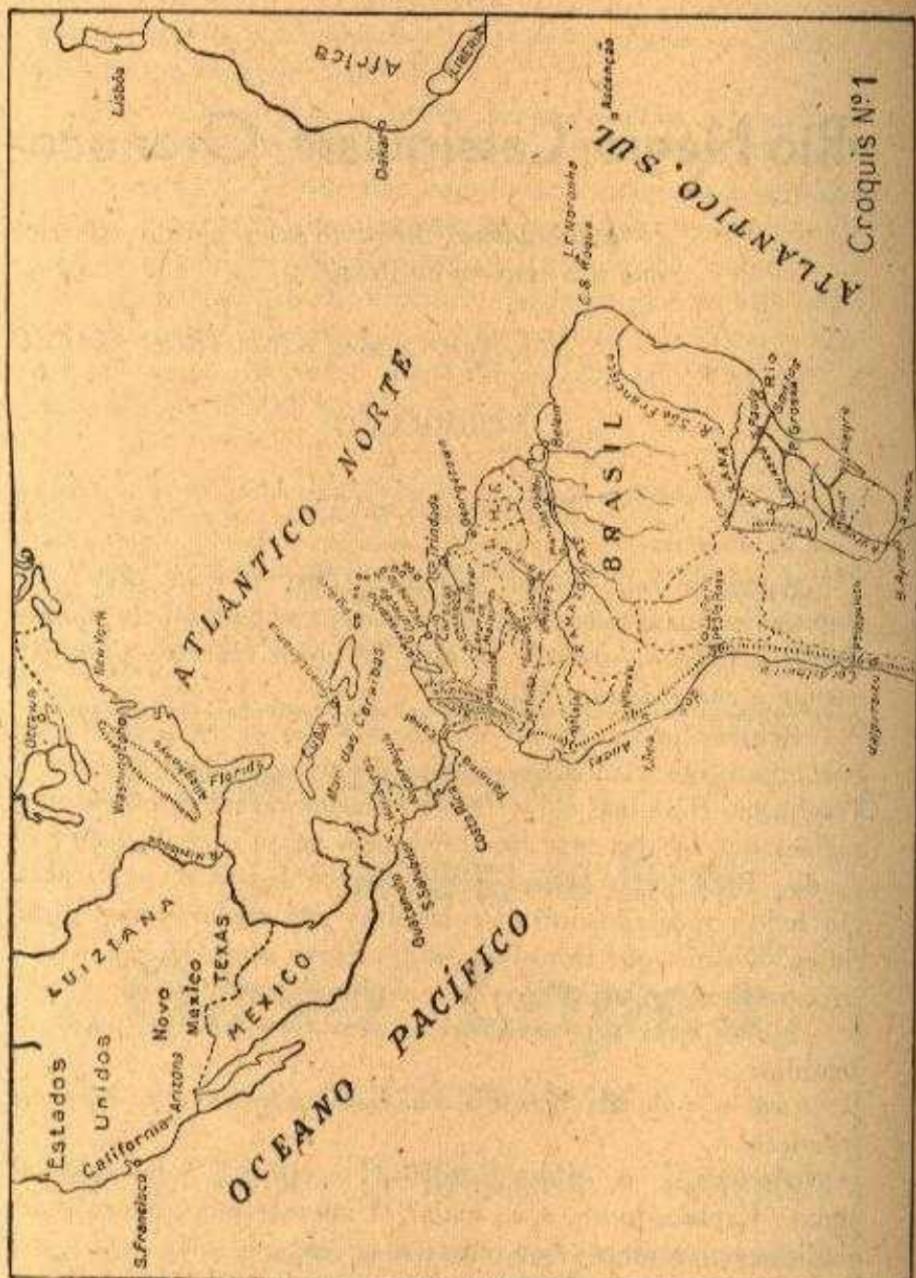
Regiões nunca dantes devassadas são agora palmilhadas por expedições científicas á cata de riquezas "estratégicas". Tranquilas florestas, cujas frondes ensombraram desconhecidas regiões por séculos sem fim, conhecem agora o canto do machado. Rios, cujas águas só refletiam a figura de selvícolas, são hoje remontados até ás cabeceiras por exploradores misteriosos. Fósseis, que dormiam multimilenar sono, são abusiva e irreverentemente acordados por explosões de dinamite.

Mares bravios e excentricos são viajados em todos os sentidos.

Até o polo da Terra é chamado a prestar a sua contribuição.

Perfura-se o solo. Estuda-se o clima. Sondam-se as águas. Capta-se o ar. Que mais? O interessante é a evolução, ebulação ou revolução que tudo isso causa.

Ampliam-se os horizontes das ciências. A Geografia se desdobra. A Mineralogia e a Paleontologia se enriquecem. A Geologia se robustece. A Climatologia ganha novos dados. A Oceanografia e outras tantas recebem novos impulsos. Porem é



no campo econômico e político que as consequências são mais profundas. Regiões que nada representavam, passaram a ter uma importância vital. Campos, até então desertos, se povoaram.

Cidades mortas resurgiram. Culturas abandonadas voltaram à florir. Terras, povos, nações tomaram novo sentido, caldearam-se, fundiram-se, receberam protetores, libertaram-se, sucumbiram. Chegamos onde queríamos. A presença de recursos vitais á guerra, em determinada região, provoca uma reação económica imediata; nessa região, é, si esses recursos são fabulosos, a reação, ou pelo menos a influencia política, por parte das nações interessadas, está quasi sempre a seguir aquela como uma sombra.

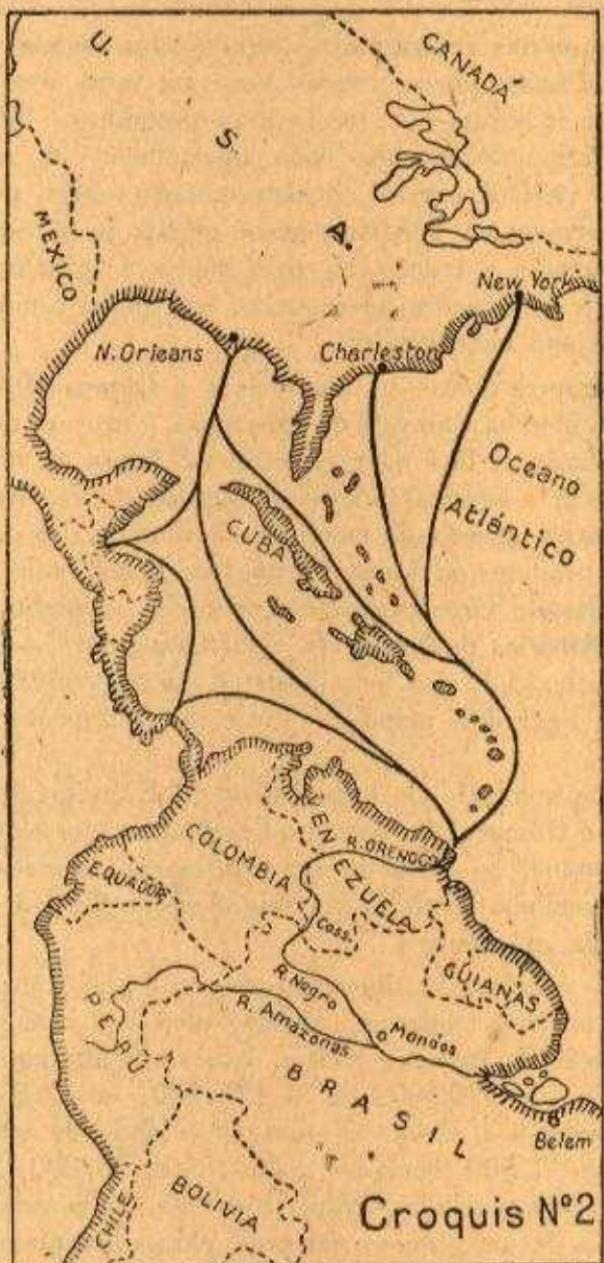
A guerra trouxe os americanos á Guiana Holandeza, em busca de bauxita e ao vale do Amazonas, á procura de borracha. A Venezuela já lhes dava o petroleo. Agora se anunciam estudos para a praticabilidade da ligação do rio Negro com o rio Orenoco, através do canal Cassiquiare, a fim de dar saída para os produtos da Amazonia não por Belem, pelo Brasil, mas pelo delta do Orenoco, pela Venezuela, caminho mais curto para a América do Norte. O canal Cassiquiare, como se sabe, liga aqueles dois rios, possibilitando, si convenientemente aparelhado, ligar dois mundos: o vale do Amazonas e o vale do Orenoco.

Uma comissão de engenheiros do Exército americano remontou o Orenoco, atravessou o Cassiquiare, desceu o rio Negro e apresentou, ao cabo de sua exploração, estudos completos sobre o melhoramento da via fluvial desde Ciudad Bolivar, na Venezuela, até Manaos.

Tais estudos, em síntese, abrangem 4 planos de operações. Os 3 primeiros, modestos, exigindo pouco ou nenhum trabalho de remoção de rochas e recifes, indicam 3 alternativas: com o dispendio de 990.500, ou 4.128.700, ou 6.856.500 dólares, poder-se-á elevar a atual capacidade de transporte da região, de 2.500 toneladas anuais, para 13.800, ou 97.500, ou 189.600 toneladas, respectivamente, simplesmente com a aquisição de um numero variável, para cada plano, de rebocadores possantes e chatas.

O 4.<sup>º</sup> plano, porém, é o mais ambicioso e inquietante.

Ele permitiria um canal navegável, de profundidade mínima de 10 pés, no *regimen normal de aguas*, desde Manaos



até Ciudad Bolívar, ou seja até o Atlântico, pois de Ciudad Bolívar até à sua foz o Orenoco dá calado aos navios de alto mar. Este plano obriga, porém, à construção de comportas e

barragens no Orenoco, em Puerto Ayacucho, na Venezuela e no Rio Negro, em S. Gabriel, no Brasil, pouco ao Sul de Cucuí, alem de outras realizações.

Em S. Gabriel podé-se escolher 2 caminhos: ou contentar-se em remover os recifes, ali existentes, o que dará para o projeto do 4.<sup>º</sup> plano um preço de 91.313.200 dólares e possibilitará transportar 1.754.000 toneladas anuais, ou construir-se a comporta e a barragem, o que elevará o preço do projeto para 120.798.200 dólares. O plano indica ainda o aproveitamento de uma capacidade hidro-elétrica existente na região, em potencial, de cerca de 2 milhões de kilowatts, para mover as comportas, alem de outros fins industriais, tais como a industrialização da bauxita (aluminio).

Esses planos estariam sendo estudados, com a máxima atenção, pelos governos interessados do Brasil, Venezuela e Colômbia. A só contemplação das cifras detalhadas e das tonelagens destes 4 planos nos convencem da minuciosidade com que foram feitos.

Alem destes sinais de interesse americano pela região, anuncia-se, como corolario do melhoramento das vias fluviais, a expansão do emprego de embarcações tipo Higgins, fabricadas por Andrew Jackson Higgins, o lançador das famosas lanchas de desembarque Higgins, da atual guerra.

Esse importante industrial americano já abriu, na Venezuela, um escritorio, com pessoal extremamente capaz, com o fim exclusivo de estudar os problemas de transportes fluviais e as necessidades requeridas por equipamentos especializados.

O seu programa de ação tem como ponto de partida o envio de uma expedição completa ao interior do país. Todos estes fatos estão a indicar que nos detenhamos um pouco mais sobre eles. Para maior compreensão do problema, começaremos, portanto, por uma incursão pela fisiografia da região, onde ressaltaremos as suas principais particularidades.

Em seguida, passaremos em revista o seu clima.

Conhecido o meio físico, mostraremos qual o produto desse meio, ou seja o homem que o habita.

Aqui nos deteremos não só sobre o homem atual, como sobre o que o poderá habitar, no futuro, principalmente depois da guerra, quando se espera que grandes correntes emigratorias se encaminhem da Europa para a América do Sul. Passaremos, após, ao estudo da economia do país, detendo-nos sobre os seus recursos vegetais e minerais, principalmente como eles estão sendo explorados. Focalizaremos os interesses americanos e os brasileiros e terminaremos por tirar conclusões do nosso estudo.

## FISIOGRAFIA

A bacia dos rios Orenoco e Negro é um mundo.

Basta dizer que, de Manaos ao delta do Orenoco, seguindo o curso do rio e passando pelo Cassiquiare, vão 2.062 milhas. Basta comparar essa distância com o comprimento total do rio Mississipi, um dos maiores rios do mundo e que é de 2.400 milhas.

A bacia do Orenoco forma a maior parte dos territórios da Venezuela e da Colômbia.

O seu vale apresenta a particularidade de estar encaixado entre o massiço primário das Guianas (vertente oriental) e as últimas ramificações dos Andes quaternários.

Os Andes correm de Sul para Norte, pela costa do Pacífico, apresentando, aqui e ali, os chamados *passos* (Uspalata e Sta. Rosa) e *nudos* (Pasco, Loja, Pasto), tradutores da instabilidade política dos países dos Andes (Vertente do Pacífico? Vertente do Atlântico?). Do *nudo de Pasto* para o Norte os Andes se ramificam em 3 direções: uma segue para N. W., entrando pelo Panamá (ligação com o sistema da América Central); outra para o Norte e a última para N. E. e L., acompanhando a costa da Venezuela.

Entre a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> formou-se o vale do rio Cáuca; entre a 2.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> o vale do Madalena, sendo que aqui, um contraforte dos Andes deu também nascimento ao celebre Lago Maracaibo, verdadeiro poço de petróleo; finalmente, entre a 3.<sup>a</sup> e o massiço das Guianas, o vale do Orenoco, já mencionado.

Os rios Cáuca, Madalena e Orenoco são, portanto, as vias naturais de penetração na América do Sul, para quem vem do Norte, maximamente quando se sabe que são todos navegáveis. Só o Orenoco, com os seus principais afluentes, apresenta uma linha navegável de mais de 4.000 milhas, conforme cita Paula Cidade em "Notas de Geografia Militar Sul-Americana".

"O porto mais importante do Orenoco é Ciudad Bolívar, a 400 quilometros do mar, continua aquele autor; aí, o rio, de 3 a 4 km. de largo, passa a ter 800 metros. Ciudad Bolívar é ponto de transbordo para embarcações de calado menor. No alto Orenoco, a navegação é interrompida pelas cachoeiras de Atures e Maipures, mas nova rede navegável se abre no planalto guiano", a montante das cachoeiras.

O rio Negro, afluente da vertente septentrional do Amazonas, nasce na Colômbia, nas encostas orientais dos Andes. É francamente navegável desde Manaos até S. Gabriel, onde ele salta do planalto guiano para a planicie aluvionica do Amazonas.

O canal Cassiquiare, que liga o Negro ao Orenoco, não passa de um afluente do rio Negro, conforme assevera Lima Figueiredo em seu "Limites do Brasil" e corre totalmente em território venezuelano. "A comunicação do Orenoco com o Alto Cassiquiare é um acidente muito posterior à sua formação e definição, como um afluente do Negro".

O Cassiquiare, segundo Lima Figueiredo, tem 365 km. de desenvolvimento.

Em toda a linha d'água que estudamos, desde Manaos até o delta do Orenoco, encontram-se 65 saltos e 3 cachoeiras:

Atures e Maipures, já citadas, na Venezuela e S. Gabriel, no Brasil, estas os principais obstáculos à navegação. Porem, para os engenheiros americanos, nas 2.062 milhas daquela linha d'água, somente um total de 50 apresenta qualquer problema para modernas embarcações a motor, de rio.

O maciço das Guianas, com altitudes variando em torno de 2.500 metros e que separa o Brasil da Venezuela, desce para o Norte e para o Sul, formando taboleiros de altitudes decrescentes.

Na Venezuela tem o nome de *Llanos* e são recobertos, como no lado do Brasil, por excelentes pastagens, largamente utilizadas pela pecuaria da região.

Na vertente oeste do Orenoco, os Andes alcançam 4 e 5 mil metros, com picos recobertos de neves eternas.

### CLIMA

As terras do baixo Orenoco e do baixo rio Negro são quentes. Mas a região de *Llanos* e de planaltos guianos e a região andina apresentam temperaturas médias e baixas.

A expedição verificou que as temperaturas variam, mensalmente, entre 74 e 88 graus Farhenheit, o que é extraordinário para uma área sob o Equador.

A região apresenta e não poderia deixar de ser assim, numa zona tropical, pesada precipitação pluviométrica, variando de 70 a 105 polegadas por ano, bem como alto teor de umidade.

Contudo, o médico que acompanhou a expedição americana afirma que não há nenhuma razão pela qual a área percorrida não seja tão saudável como Charleston, Savannah, Mobile ou Nova Orleans, desde que sejam seguidas certas regras comuns de ordem sanitária.

As noites, verificou-se, são geralmente tão frescas, que se é obrigado a recorrer ao uso de cobertas.

Ha ainda outras circunstâncias favoráveis e que devem ter pesado na opinião do clínico americano: no território venezuelano, pelo menos, não há moscas e mosquitos portadores de doenças, à exceção de certos trechos do baixo Orenoco e das regiões inundadas da costa.

A presença de águas oleosas e salinas evita a proliferação deles.

As formigas, embora em grande número, também não são transmissoras de doenças.

### O HOMEM

O venezuelano de hoje é uma mescla de raças na seguinte proporção, segundo o escritor colombiano Fernando Gonzalez: 45 % branco, 45 % índio e 10 % negro.

O aborigene venezuelano, conforme Thomaz Rourke, pertence racialmente ao grupo caribe, raça numerosa que, em tempos passados, habitou todas as ilhas e costas do mar caribico.

Essa raça, subdividindo-se em inumeras tribus, invadiu todo o país.

Os que foram para as regiões andinas ficaram fortes, altos, robustos, trabalhadores resistentes e guerreiros, pois foram habitar uma região onde a agua era pura, a temperatura fria, o ar saudavel, onde não havia insetos transmissores de febres e onde os caminhos rochosos enrijavam-lhes os músculos e a altitude desenvolvia-lhes os pulmões.

Os que foram para as terras baixas, tais como o vale do Orenoco e inclusive o seu delta, bem como para o lago Maracaibo ficaram raquíticos, de pequeno porte, pouco inteligentes e pacíficos, pois tratava-se, aqui, de regiões insalubres, de climas quentes e onde a alimentação predominante era o peixe.

Finalmente, os que se encaminharam para os *Llanos*, constituiram um tipo intermediario.

A área percorrida pela expedição americana, com um total de 200.000 milhas quadradas, é habitada por 6.000 almas, aproximadamente, das quais 5.000, civilizadas, se distribuem por uma faixa estreita ao longo da via fluvial e as restantes 1.000 são constituídas por tribus nómades de indios em estado selvagem.

Toda essa população vive mais ou menos em completa miseria, porem tal situação é devida á falta de alimentação adequada e de medidas sanitarias.

Trata-se de gente sub-nutrida.

A avitaminose é a sua primeira consequencia. E assim por diante. Porem isto é o que nos interessa, o relatorio da expedição afirma "que a terra responde com estupenda alacridade á mais leve tentativa de cultivo, possibilitando a variação de alimentos e que mesmo a aplicação dos mais rudimentares principios de higiene e de medidas sanitarias apropriadas resultaria em espantoso melhoramento da saúde publica, pois o clima é potencialmente saudavel e as doenças predominantes são facilmente controlaveis".

Em resumo, o território que estudamos, desde que controlado por medidas sanitárias, apresenta condições favoráveis ao acolhimento de quaisquer raças humanas, circunstância digna de registro quando se encara a possibilidade de emigração, em larga escala, dos povos europeus, depois da guerra.

O relatório americano sugere a vinda, para ali, de "Judeus e outros povos oprimidos, ansiosos por um novo mundo de oportunidades".

Sabe-se também que um dos objetivos de após-guerra da Venezuela é encorajar a imigração, a fim de preencher a deficiência de sua população e, nesse sentido, ela encara o vale do Orenoco como um motivo de real atração.

## ECONOMIA

A Venezuela produz, no reino vegetal, café, cacau, plantas medicinais, borracha, resinas, madeiras, milho, cana de açúcar, fibras, etc.

O solo é tão fértil que se podem obter, em certas regiões, 3 safras de milho, por ano, o que se dá, também, com outras culturas.

O café é de superior qualidade, largamente exportado.

Muitos desses produtos encontram também o seu "habitat" na região do vale do rio Negro.

No reino mineral, a Venezuela é particularmente dotada de bauxita e petróleo, os dois produtos "chave" da economia mundial.

Além desses, possui cobre e ouro, compensadoramente explorados, bem como diamantes e cloreto de sódio (sal), também já industrializados.

Recentes pesquisas indicam a existência de mais reservas de ouro e diamantes e principalmente novos lençóis de petróleo e novos depósitos de bauxita.

Um abundante potencial hidro-elétrico possibilitará o desenvolvimento de indústrias, podendo-se prevêr a expansão da indústria de alumínio, visto que a industrialização do seu mineral de

origem — a bauxita — consome grande quantidade de energia elétrica.

Mas é no petróleo que repousa e repousará cada vez mais a economia da Venezuela e por isso nos deteremos mais sobre ele.

Até 1917 a Venezuela era um país cheio de dívidas internas e externas.

A sua instabilidade política traduzia fielmente a sua instabilidade econômica e financeira.

O seu crédito no estrangeiro estava tão abalado que encorajou a Alemanha, no inicio deste século, a empregar a força para compelí-la ao pagamento de suas dívidas.

Cruzadores alemães bloquearam a costa da Venezuela e chegaram a disparar contra Puerto Cabello e Maracaibo.

Essa atitude violenta, tão do gosto da velha Germania, suscitou protestos mundiais e acordou os Estados Unidos.

Theodoro Roosevelt, então presidente da União Americana enviou, por sua vez, navios de guerra para o local do bloqueio e notificou ao Kaiser Guilherme que, "se os navios germânicos não se retirasse dentro de 48 horas, seriam canhoneados, acrescentando não permitir que uma nação americana fosse transformada em outro Egito".

Os navios alemães se retiraram.

Era a "Doutrina de Monroe" em pleno funcionamento!

Em 1918 começaram as primeiras perfurações nas margens do Lago Maracaibo.

Essa região foi a única área produtora durante 10 anos e ainda hoje é a principal. Sendo de acesso difícil, obrigou à construção de oleodutos até à costa.

Daqui o petróleo é transportado em navios tanques para Curaçao, onde é refinado e de onde é distribuído para o mundo.

O comércio está distribuído entre várias nacionalidades. "Cedo, cita Thomaz Rourke, começaram as companhias holandesas, inglesas e americanas a disputar sobre concessões, re cobrindo o país com elas e operando sob diversos nomes".

Os primeiros grandes produtores que conseguiram manter a supremacia até o presente foram a Royal Dutch Shell (holan-

deza), operando sob o nome de Caribbean Petroleum Company; a Standard de Indiana (americana), com a rubrica de Lago Petroleum Company, a Gulf Oil Company e a Sun Oil Company (inglezas).

Dentro de pouco, lá estavam todas as grandes companhias, a Standard da Califórnia, a Standard de Nova Jersey, a Texas Oil Company, a Atlantic Refining, a Sinclair e todas as suas respectivas subsidiárias.

Todo o país foi, praticamente, recortado de concessões, mas, diga-se em abono do governo e do povo venezuelano, a legislação decretada sobre essas concessões é sabia, altamente remunerativa e repassada de um extremado cunho nacionalista.

Hoje, a Venezuela transformou-se numa região de alta pressão econômica e financeira.

Os interesses internacionais que ali se defrontam valem milhões.

Já em 1932 a Venezuela — a pequena Veneza dos descobridores — se transformava em 3.º produtor mundial de petróleo e em 1938 a sua produção, sempre crescente, atingia a 28 milhões de toneladas métricas.

O capital inglês aplicado em petróleo, ali, orça em 103 milhões de dólares; o americano em 250 milhões e o de outras nacionalidades em 40 milhões, cifras relativas ao ano de 1930. Guardemos o total: são cerca de 400 milhões de dólares!

Não é de admirar, pois, que a Venezuela seja a única nação do mundo que nada deva, quer interna, quer externamente.

Ficam no país taxas, impostos, décimas e etc., cobrados sobre a exploração do seu petróleo.

## OS INTERESSES AMERICANOS

Não é preciso ir mais longe para discernir a importância dos interesses americanos numa região situada a 2 passos do canal do Panamá e banhada pelo "Mare nostrum" da grande pátria de Washington.

O canal "todo o ano", de 10 pés, Rio Negro — Cassiquiare — Orenoco, começando em Manáos e terminando no delta do

Orenoco, construído, será a arteria vital, verdadeira vara de condão que, manejada por interesses ardorosos e progressistas, acordará todo um novo mundo, o famoso "El Dorado" dos visionários conquistadores hespanhóis. E si observarmos o croquis n.º 2 verificaremos como esse mundo se ajusta bem ao sistema de comunicações e à influência das 3 grandes bases económicas de New Orleans, Charleston e New York, dos Estados Unidos.

Passamos em revista as características da região. Vimos que o Orenoco é uma das vias de penetração natural do septentrional da América do Sul; que essa caudal imensa se liga ao vale do Amazonas por um canal natural e que toda essa linha d'água não apresenta à navegação senão problemas desprezíveis em face do capital americano; vimos que o clima era saudável e acolhedor a quaisquer raças humanas, desde que controlado por medidas sanitárias, cujos segredos a Fundação Rockefeller possue; vimos, finalmente, que a terra era feraz e as riquezas minerais apresentavam a abundância de 2 produtos "chave" do século, a bauxita e o petróleo, de permeio com outra alavanca da indústria moderna, ou seja a força hidro-elétrica.

Como deter, pois, a força da expansão da economia americana por essa linha de menor resistência? Já Mario Travassos dizia, em seu livro "Aspectos Geográficos Sul Americanos", publicado em 1933, "estar mais que evidente a possibilidade do potencial yankee exceder o recipiente antilhano e canalizar-se por onde for mais fácil e necessário escoarem-se os seus interesses económicos".

"O imperativo de certas contingências industriais exige ir-se ao encontro de certos produtos onde quer que eles se encontrem."

As leis económicas são imperativas. A trajetória de uma Nação na história da política mundial é ditada pela sua geografia e pela expansão de sua economia. E bem sabemos que o curso da história é inestancável.

Em fins do século XVIII, na alvorada de sua formação política, os Estados Unidos eram constituídos por um reduzido número de Estados, adensados na costa do Atlântico e formados

pelos territórios da antiga colônia inglesa, que Washington libertara. Foi o ponto de partida. Daí por diante a Geografia e a Economia deram-se as mãos para tutelar a política de "Oncle Sam".

Ao raiar o século XIX, meio milhão de americanos, obedecendo a impulsos creadores, já estavam vivendo a oeste da cordilheira de Alleghanys.

Tinham-se ali estabelecido várias comunidades, cuja sobrevivência dependia do comércio com o resto do país e do mundo.

Isto levou Jefferson a enviar Robert Livingston a Paris, com a missão de propôr à França depauperada e exausta de Napoleão a compra, a princípio, tão somente de Nova Orleãs, situada na embocadura do Mississipi e considerada indispensável ao escoamento da produção das comunidades há pouco referidas e cuja prosperidade já se fazia sentir vivamente.

Essa proposta resultou na compra de toda a Luisiana, oferecida por Talleyrand, em nome do grande côrso, pela soma de 15 milhões de dólares. Mais tarde a Flórida foi também comprada da Hespanha..

A descoberta de ouro no Oeste e a necessidade de novas terras para a agricultura e a pecuária provocaram a corrida para o "Far West", a despeito dos protestos dos Peles Vermelha.

Na direção de S. W. surgiram a Califórnia, o Novo México, Nevada e o Arizona, regiões colonizadas pelos americanos e onde, primitivamente, viviam muitos mexicanos.

Finalmente, o Texas foi o tributo de uma guerra perdida pelo México . Eis a unidade geográfica estabelecida . Os Estados Unidos eram agora uma potência transcontinental!

Seu território era uno e se estendia do Atlântico ao Pacífico! Mas faltava-lhe unidade política, que só obtiveram com a vitória do Norte na guerra da Secesão. Os 2 oceanos criaram-lhes — sempre a Geografia — um vasto problema de segurança, resolvido com a abertura do canal do Panamá, desta vez com o tributo pago pela Colômbia . Porém, a defesa do canal só estaria assegurada se, de um lado, a América Central não apresentasse nenhum problema político sério e, de outro, si se garantissem as saídas do mar mediterrâneo das Caraibas.

A questão da América Central foi resolvida com o seu fracionamento em grande número de pequenas repúblicas e quanto ao mar das Caraíbas, é hoje, "fait accompli", nitidamente, uma zona de influência norte-americana. Guantánamo, em Cuba e Pôrto Rico, bases americanas, guardam os estreitos entre as ilhas.

Este problema de segurança só foi completado na atual guerra, em consequência do acordo com a Inglaterra, pelo qual os E. U., em troca de 50 destroyers, obtiveram concessão de bases nas Pequenas Antilhas, em Trinidad e em Georgetown.

Anuncia-se agora a construção de bases americanas na Venezuela. Operários especializados de firmas do Rio estariam se despedindo, alegando terem recebido vantajosas propostas para trabalhar em bases americanas na Venezuela.

As atuais bases já permitem aos *yankees* dominarem, em termos de autonomia, marítima, todo o litoral Norte e Nordeste da América do Sul até o cabo de S. Roque.

As exigências da guerra atual os levaram, finalmente, à ilha de Ascenção, a meio caminho entre a América do Sul e a África e recentemente à Libéria, onde já obtiveram bases.

Estas 2 últimas, de um lado e as das Pequenas Antilhas, de outro, dão-lhes o domínio do Atlântico Sul.

Esse domínio seria absoluto se o Brasil lhes cedesse o uso das suas bases do Nordeste. Como vemos, os fatos falam por si mesmo.

Limitámo-nos a narrar a história da expansão americana. Somos admiradores da pátria de Franklin. O Brasil é hoje aliado da América e seus filhos vertem o seu sangue, pela causa da liberdade, hombro a hombro com os americanos. Mas não podemos deixar de dar resposta a problemas que estão sendo estudados vivamente, mesmo nas atuais circunstâncias do mundo, pelos nossos amigos do Norte e, diga-se de passagem, com a máxima liberdade de opinião.

Não queremos sugerir que os E. E. U. U estão a pique de crear um problema político na região do Orenoco — Rio Negro, mas podemos afirmar, em conclusão, que as bases da penetração

econômica "Yankee" pelo vale daqueles 2 rios já estão lançadas.

Ali se encontram matérias primas de 1.<sup>a</sup> ordem, vitais à guerra e indispensáveis à economia mundial, após a guerra. A via Rio Negro — Cassiquiare — Orenoco possibilitará o escoamento daquelas matérias primas e por um caminho mais curto do que pela boca do Amazonas. De resto, a expansão americana nada mais será que a consolidação de uma sólida posição econômica já firmada no canto N. W. da América do Sul.

Não nos iludamos. O mundo de amanhã será o mundo do avião e do automóvel. Diz-se mesmo que a idade do aço, que caracterizava a época atual, já passou, substituída pela de ligas de metais leves porém resistentes, como o duro-alumínio. E tudo isso se assenta em petróleo, borracha e bauxita, largamente colocados pela mão da natureza na região Orenoco — Rio Negro.

Por tôdas essas considerações, é fácil advinhar o papel que essa região será chamada a representar na economia do após-guerra.

### OS INTERÉSSES BRASILEIROS

Irá o Brasil facilitar, em seu território, a construção do canal "todo o ano" Rio Negro — Cassiquiare — Orenoco? Cremos que não.

A natureza, mãe sábia, dotou o Norte do Brasil com o *fenômeno Amazonas*, formidável bacia hidrográfica que se abre em leque até o massiço das Guianas, por entre as faldas dos Andes e até às encostas do planalto brasileiro.

As águas dessa imensa bacia, que nos comunicam com 7 países, são coletadas numa única e estupenda calha e ali correm — *estrada que anda* — na direção de Leste e não do Norte.

A economia e a política de comunicações do Brasil na Amazônia, em relação aos seus vizinhos, deverão também se assentar com o espírito voltado na direção de Leste e não do Norte.

Fazer o contrário é atentar contra a própria natureza.

Não sejamos estúpidos a ponto de crear, por nossas próprias mãos, em nosso próprio território, um antagonismo geográfico, que dará origem, fatalmente, a um antagonismo econômico, fonte de futuras inquietações.

O canal rio Negro — Cassiquiare — Orenoco, construído, fará voltar para o Norte toda a economia da imensa região banhada pelos rios Negro, Branco e seus tributários, ao invés de fazê-la viver para o Sul e para Leste.

E' contribuir para desnacionalizar uma longínqua região do Brasil, justamente na ocasião em que o governo federal, com a criação do Território do Rio Branco, se esforça para aglutiná-la ainda mais à comunidade nacional.

E' pôr forças centrífugas onde só deveria haver forças centripetas. Sabe-se que o vale do Amazonas age como uma força centripeta e homogenizadora em relação aos antagonismos geográficos da Colômbia (nudo de Pasto) e da Bolívia. O interesse do Brasil é drenar pelo Amazonas toda a economia do vasto arco que se estende do massiço Guiano a La Paz, fazendo de Belém o portão monumental de saída para todos os seus produtos, bem como de entrada para as mercadorias que se destinam a remontá-lo.

Ligar o rio Negro ao Orenoco é inverter o sentido daquela drenagem, encaminhando-a para a Venezuela, onde os americanos já têm uma posição econômica fortemente consolidada, fazendo-a escoar-se no mar das Antilhas, dominado por êles, ao invés de no Atlântico, livre para nós.

E' pôr a chave de um mundo em mãos alheias, quando a natureza a pôs em nossas mãos.

Devemos seguir em relação ao Amazonas a mesma política que a Argentina segue em relação ao rio da Prata. Os argentinos procuram carrear toda a economia da bacia platina para o Sul e fazer de Buenos Aires a chave dessa economia. Contrapondo-se a essa política, o Brasil procura desviar para Leste, para o Atlântico, para costas suas, o que vai correndo para o Sul.

E' o papel desempenhado pela Noroeste, pelo ramal de Uruguaiana e pelas rodovias que vão ter à fronteira da Argentina e do Paraguai.

Em relação ao Amazonas, quem está querendo se contrapôr à nossa política de comunicações são interesses estrangeiros, e iremos facilitá-los? Há outros aspectos. Geograficamente, o Brasil é constituído pelo Brasil platino, voltado para o Sul e pelo Brasil amazônico, situado excêntricamente e voltado para o Norte e para Leste. Ligando êsses 2 Brasis há, como força aglutinadora, o Brasil longitudinal, cuja espinha dorsal é o rio São Francisco. Iremos, pois, contribuir para aumentar ainda mais a excentricidade do Brasil amazônico, região já distante e de acesso difícil, em relação ao Brasil platino, onde está o coração do país? Ha ainda o aspecto segurança. O canal rio Negro — Cassiquiare — Orenoco tornará inútil Obidos.

Desaparece a defesa natural.

Abre-se uma porta à penetração estrangeira no extremo Norte do Brasil, tornando fácil a invasão de uma região que nos é difícil socorrer militarmente.

E' dar Manáos de graça ao estrangeiro. E' colocarmo-nos na situação de ter de inverter os canhões de Obidos e invadir o vale do Amazonas para reconquistar a nossa própria terra.

Perguntar-se-á: então o senhor é partidário da Geografia e da Economia em compartimentos estanques? Responderemos: não, quando as forças econômicas que se defrontam nos compartimentos vizinhos se equilibram; sim, no caso contrário. Ora, o caso das bacias do Amazonas e do Orenoco é o segundo.

Logo... Cada país segue, em cada fronteira e em relação a cada vizinho, a política que mais convém aos seus interesses políticos, econômicos e militares.

Essa posição é compulsória, tratando-se de um país com a extensão do Brasil, limitando com 10 países, apresentando fraca densidade de população e fortes correntes imigratórias e onde, portanto, os fios de sua política externa e interna devem ser tecidos com cuidado e visando a sua unidade, segurança e preservação.

O que devemos fazer é equipar o rio Negro, bem como todos os tributários do Amazonas, mas para desempenhar o papel que a natureza lhes reservou, isto é, para carrear os produtos da Amazônia na direção geral de Leste e não do Norte.

Nada de comportas em S. Gabriel. Fortes barreiras alfan-degárias na direção da Venezuela e taxas mínimas na direção de Belém.

Eis a política que verdadeiramente consulta aos interesses nacionais.

## CONCLUSÃO

O obstáculo de S. Gabriel, quase no limite do Brasil com a Venezuela, parece ser outra dádiva da natureza ao Brasil.

E' como se fôsse posta ali para dificultar a comunicação da bacia do Orenoco com a do nosso Amazonas.

Saibamos, portanto, aproveitar mais essa lição da natureza.

Façamos de S. Gabriel o limite entre 2 mundos. Fiquemos com cada um em sua bacia hidrográfica.

Os interesses que ora se aninharam na do Orenoco, já transbordando, drenados para o Sul, avassalariam a do Amazonas. Quebrariam a unidade geográfica do anfiteatro amazônico.

Subverteriam a economia do rio mar. Poriam em perigo a unidade nacional. Suseitariam problemas sérios de segurança.

Concluímos, portanto, por afirmar que os mais lídimos interesses do Brasil desaconselham a sua contribuição, sob qualquer forma, para a construção do canal rio Negro — Cassiquiare — Orenoco.

## BIBLIOGRAFIA

- Limites do Brasil, por Lima Figueiredo.
- South America's Lost Canal, by Ruth Sheldon.
- Gomez, Tirano dos Andes, por Thomas Rourke.
- Aspectos Geográficos Sul Americanos, por Mario Travassos.
- Notas de Geografia Militar Sul Americana, por Paula Cidade.

# A.D.I. Norte Americana

*Subsídio para a organização da futura  
D. I. Brasileira*

Maj. R. D.

*"I shall return"* — Mac Arthur

A D. I., essa grande unidade tática comandada por um general de divisão, deve ter certas características que lhe facultem agir com eficiência e segurança em todas as fases do combate. Assim, pois, deve possuir potência de fogo capaz de destruir, ou pelo menos, neutralizar os meios utilizados pelo inimigo para dificultar, senão mesmo, impedir o cumprimento das missões normalmente atribuidas a essa G. U. Além do mais, deve ter flexibilidade suficiente para fazer face às flutuações do combate e enfrentar as frequentes mutações de que a guerra se reveste.

A segurança, como se sabe, é função das *informações* que se possuem do inimigo e forças amigas, do dispositivo e do emprêgo judicioso de *destacamentos de segurança* (vanguarda, flanco-guarda, retaguarda) e *órgãos especiais de segurança* (P. A., reconhecimentos, patrulhas, etc), adrede constituídos pelo comando, para lhe darem o tempo e espaço exigidos para a consecução de seu plano de manobra. Por seu turno, a *rapidez* depende de dois elementos inseparáveis — *velocidade* e *segredo* — os quais, para darem bons resultados, devem ser muito bem conjugados, pois, se assim não suceder, o comando ficará *manietado*.

Determina-se a *potência de fogo* de uma unidade, fazendo-se o balanço judicioso de seu armamento intrínseco e das possibilidades desse mesmo armamento, face aos objetivos que se apresentam no combate.

Vamos apresentar, hoje, um rápido bosquejo do armamento utilizado pela D. I. norte-americana, esboçando, ao mesmo passo, algumas considerações que não podem ser relegadas ao olvido, se desejamos, de fato, resolver da melhor maneira possível o problema brasileiro.

O armamento atualmente distribuído à D. I. norte-americana é o seguinte:

Carabina cal. 30 (ou 7 <sup>mm</sup> ,62) .....	5.262
Fuzil automático Browning cal. 30 .....	243
Metralhadora pesada cal. 30 .....	90
Metralhadora leve cal. 30 .....	80
Fuzil M <sub>1</sub> cal. 30 .....	6.301
Fuzil M 1903 cal. 30 .....	217
Pistola cal. 45 (ou 9 <sup>mm</sup> ,225) .....	1.157
Fuzil-metralhador cal. 45 .....	90
Metralhadora cal. 50 (ou 12 <sup>mm</sup> ,7) .....	236
Canhão 37 <sup>mm</sup> .....	13
Canhão 57 <sup>mm</sup> .....	57
Morteiro 60 <sup>mm</sup> .....	90
Morteiro 81 <sup>mm</sup> .....	54
Obus 105 <sup>mm</sup> .....	54
Obus 155 <sup>mm</sup> .....	12
Lança-foguetes (ou bazuca) .....	557

Esses dados, olhados superficialmente, não exprimem quase nada. Mas, se nos detivermos um pouco, examinando-os com os óculos do bom senso, chegaremos a um pequeno número de conclusões, à primeira vista acacianas, dada sua grande simplicidade, mas um tanto interessantes, por isso mesmo.



Após a ligeira discriminação acima, manda-nos o *método* que se estudem as características do armamento acabado de especificar. Para não fatigar o generoso leitor, deixaremos isso

para outra oportunidade, contentando-nos apenas em focalizar, no artigo de hoje, alguns aspectos mais superficiais do problema:

a) — Conforme se observa na relação acima, há uma grande uniformidade nos calibres do armamento leve (Fuzil, F. M. e Mtr.) da D. I. norte-americana. Isso tem grande importância, pois, se de um lado facilita grandemente a questão magna da produção de material, por outro lado facilita ainda mais tudo o que se refere ao remuniciamento.

b) — Os americanos do norte ainda não padronizaram seu sistema de pesos e medidas, donde resulta uma certa barafunda na designação dos calibres, ora no sistema métrico moderno, ora no antigo. Se isso não tem significação para eles, para nós outros, brasileiros, é mui importante, pois, de há muito, adotamos o sistema métrico decimal, cuja vantagem e simplicidade ninguém mais, penso eu, tem coragem de contestar.

c) — Não obstante a riqueza desse grande País, ainda não foi de todo desprezado o Fuzil M 1903, que é a unica arma de repetição existente na D. I. Distribuido a determinados atiradores, sua dotação é bem reduzida, destinando-se apenas aos homens que têm funções compatíveis ao uso dessa espécie de armamento (caçadores).

d) — Para assentar os alicerces da reorganização da D. I. Brasileira, por onde começar? Pelo pessoal, ou pelo material? Mais uma vez, o bom senso responderá sem hesitação: para alicerçar a reorganização do Exército Nacional, é preciso começar pela questão do material. Sem padronizá-lo, sem fixar definitivamente sua escolha, sem saber com bastante segurança qual o emprêgo que devemos dar-lhe em nossos teatros de operações, qualquer reorganização apressada será feita, em pura prda.

A guerra na ITALIA faz-se em terreno montanhoso e no meio de neve. No BRASIL, teremos que defrontar os pampas gaúchos, as caatingas do sul matogrossense, as extensas planícies amazônicas, cobertas de rios e florestas, as incomensurá-

veis fronteiras terrestres e marítimas, atingindo-as por eixos de comunicações difíceis e através de obstáculos de toda a sorte.

Certamente, a experiência colhida na CAMPANHA DA ITALIA ser-nos-à mui interessante, mas não será suficiente para resolver *in-totum* nosso problema crioulo. Tal problema, todos o sabem, tem seus fundamentos no PLANO DE GUERRA, plano esse que é organizado e mantido em dia pelos altos dirigentes do País, visto ter suas bases em *medidas econômicas — militares — políticas*.

Por hoje era só e até quando DEUS quiser.

## Companhia Nacional de Papel S. A.

RUA SOUZA BARROS N. 140

Rio de Janeiro

Tel. 29-0070

Rede Interna



*Shell coopera no Progresso do Brasil*

*Na guerra ou na paz a SHELL tem desempenhado papel saliente no progresso desta grande Nação, procurando sempre cooperar com o governo e as indústrias em todos os problemas relacionados com os fornecimentos de produtos petrolíferos*

**ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO LTD**

PRAÇA 15 DE NOVEMBRO N° 10 \* RIO

# V – Princípios de Reconhecimento

Capitão Tasso de Aquino  
Cavalaria

Os princípios básicos de reconhecimento se têm mantido invariáveis através dos tempos.

Os progressos realizados ultimamente na arte da guerra têm, quando muito, introduzido modificações na aplicação de alguns deles; não, entretanto, criado novos ou eliminado velhos.

São êsses princípios, frutos da experiência das guerras sucessivas que têm sacudido a Humanidade desde a aurora da Civilização, que procuro reunir aqui.

Eles se aplicam em todas as condições de clima e de terreno, qualquer que seja o meio de reconhecimento utilizado.

*1 — Reconhecimento é uma operação contínua realizada pela combinação de observação e movimento.*

Observação e movimento estão intimamente ligados em qualquer reconhecimento; são, entretanto, executados, mais ou menos separadamente.

Não é possível uma perfeita observação enquanto em movimento. Os detalhes do terreno são *olhados*, mas não são *vistos* e os aparelhos empregados para aumentar o poder visual não podem ser utilizados por um observador em deslocamento.

Para uma observação cuidadosa as seguintes regras devem ser obedecidas:

- a) — Observe coberto ou abrigado.
- b) — Use o binóculo sempre que dispuser dêle.
- c) — Observe desmontado.
- d) — Inicie a observação de perto para longe, da esquerda para a direita, varrendo pela observação todo o terreno em frente e com mais atenção os pontos de mais difícil observação.

Movimento deve ser planejado (Para onde? Por onde? Quando? Como?) e executado decidida e rapidamente.

O tempo gasto em observação deve ser compensado pelo movimento, de maneira que a ação das forças principais não seja retardada.

À grande distância do inimigo a observação é, de alguma maneira, subordinada ao movimento; à proporção que a distância do inimigo diminui, o movimento se torna cada vez mais dependente da observação.

Uma regra que a prática aconselha e que se aplica a qualquer tipo de reconhecimento é: "Desloque-se o mais rapidamente possível, mas observe cuidadosamente, parado".

*2 — Reconhecimento se clasifica em longe do inimigo, perto do inimigo e durante o combate.*

Reconhecimento longe do inimigo é de natureza estratégica.

Ele busca informações gerais sobre a localização e efetivo, aproximado das forças importantes do inimigo muito antes da tomada de contato. É levado a cabo pela aviação e elementos mecanizados.

Reconhecimento perto do inimigo é de natureza tática. O seu objetivo é obter informações detalhadas sobre o inimigo, quando a tomada de contato está iminente.

Esse reconhecimento é realizado por elementos a cavalo e mecanizados.

Reconhecimento durante o combate é também de natureza tática. Ele segue o desenrolar do combate que se está travando, informando constantemente o comando, de maneira a habilitá-lo a investir contra um flanco desprotegido ou um ponto fraco do dispositivo inimigo; reforçar, pelo emprego das reservas, um ponto ameaçado no seu dispositivo ou neutralizar um ataque lançado contra o seu flanco.

E esse reconhecimento levado a efeito por elementos a pé, a cavalo e mecanizados.

*3 — Reconhecimento procura informações sobre o terreno e forças importantes do inimigo.*

Informações sobre o terreno incluem: topografia geral, aspecto militar, acidentes geográficos notáveis, pontos críticos, vias de comunicação, curso d'água, pontes, áreas contaminadas por gás, campo de pouso, campos de minas, energia elétrica e meios de comunicações existentes, recursos em alimentação e combustível, áreas para acampamento.

Informações sobre o inimigo compreendem: tipo, localização, disposição, composição, efetivo e direção do movimento das forças aéreas e terrestres do inimigo.

Patrulhas ou forças inimigas incapazes por seu efetivo e organização, de interferir com a missão do grosso das forças amigas devem ser evitadas pelos reconhecimentos, cuja missão é buscar informações de forças importantes do inimigo e suas reservas.

*4 — Contato com forças importantes do inimigo é procurado desde o inicio, e uma vez conseguido não deve ser abandonado.*

A força inimiga é classificada importante ou não em relação à força amiga que destacou o reconhecimento.

Só estabelecendo contato com forças importantes do inimigo é que o reconhecimento poderá obter as informações que o Comando necessita para bom emprego de suas forças.

Estabelecido o contato todo esforço deverá ser feito para mantê-lo pela observação, para ter o Comando sempre informado das modificações que se forem processando em relação ao inimigo.

*5 — Toda a informação sobre inimigo deve ser encaminhada à autoridade interessada.*

Por mais sem importância que pareça uma informação quando encarada isoladamente, ela poderá ser útil para completar a visão de conjunto do Comando.

Estão nesse caso as informações concernentes à atividade de patrulhas e pequenas forças inimigas. Não é atribuição dos reconhecimentos procurar contácto com elas ou barrar-lhes o caminho, mas evitá-las, deixando-as a cargo da Segurança do Grosso; informações sobre o tipo, localização, efetivo, identificação e direção de movimento devem ser, entretanto, imediatamente encaminhadas à autoridade interessada.

*6 — Unidade em reconhecimento deve combater somente em duas situações:*

- a) em defesa propria;
- b) quando estritamente necessário para o cumprimento da missão.

Os reconhecimentos devem empregar em larga escala a astúcia para infiltrar-se nos dispositivos inimigos, obtendo por esse processo, sempre que possível, sem combate, as informações desejadas.

A grande mobilidade, característica dos reconhecimentos, e os seus relativamente pequenos efetivos, lhes permitirão vezes sem conta observar de perto o inimigo sem que sejam percebidos. Quando atacados, entretanto, ou quando necessário, oferecer combate para conseguir pela força as informações que o Comando necessita, deverão empregar decidida e violentamente a potência de fogo e de choque de que são dotados.

No primeiro caso o contácto deve ser rompido logo e desde que seja possível, para agir em outro ponto não, ou menos ameaçado; no segundo caso o ataque deve ser lançado de surpresa, violento e coordenado contra um ponto fraco do dispositivo inimigo ou contra o flanco, previamente reconhecidos. Aberta a brecha, ou desbordada a resistência, os reconhecimentos se infiltrarão sem perda de tempo no dispositivo inimigo, levando a observação ao ponto desejado.

*7 — As missões confiadas a uma unidade de reconhecimento devem ser baseadas em suas possibilidades.*

Uma unidade de reconhecimento, seja ele a cavalo, mecanizado ou a pé, tem suas possibilidades limitadas, no que diz respeito à velocidade de marcha e extensão da zona a reconhecer.

Antes de dar missões a um reconhecimento, o Comité deverá levar em conta a rede de estradas existente na zona de ação, natureza do terreno, condições atmosféricas, atitude da população civil e do inimigo.

*8 — Reconhecimento deve ser coordenado.*

Essa coordenação é obtida desde que seja dada a cada unidade de reconhecimento eixos ou zonas de ação, objetivos e missões bem definidas.

Cada reconhecimento deve estar perfeitamente ao par do que o Comando deseja dele para que mutua cooperação seja assegurada e para que não haja duplicidade de esforços.

*9 — Reconhecimento deve ser contínuo.*

A localização e disposição do inimigo estão constantemente se modificando.

Dessa maneira contínuo reconhecimento é necessário para que o Comando esteja sempre alertado e em condições de empregar com acerto as suas forças.

*10 — O número de unidades de reconhecimento empregado deve ser o mínimo possível de acordo com a situação.*

Levando em conta as possibilidades das unidades de reconhecimento de que dispõe, as condições do terreno e atmosféricas e a atitude do inimigo, o Comando deverá lançar apenas o número necessário de unidades de reconhecimento. Uma reserva deverá ser sempre conservada para realização de novos reconhecimentos e substituição dos lançados.

As dificuldades de toda sorte que encontram os reconhecimentos, tornam essas missões muito penosas e fatigantes. Frequentes substituições são, dessa maneira, imperativas para que seja assegurada a continuidade.

*11 — Uma unidade em missão de reconhecimento deve ser lançada com a necessária antecedência.*

No caso contrário as informações não chegarão ao Comando em tempo útil.

Essa antecedência é função: da natureza da unidade de reconhecimento e da força principal que o destacou, das condições das vias de comunicações, de terreno e atmosféricas, situação em relação ao inimigo, além de causas outras que limitam o rendimento de marcha.

*12 — O reconhecimento aumenta de intensidade à proporção que a distância do inimigo diminue.*

A grande distância do inimigo informações gerais concernentes à localização e efetivo aproximado de suas forças importantes são geralmente suficientes.

À medida que a distância diminue e o contato se torna cada vez mais iminente o Comando necessita de maiores detalhes, como: localização da artilharia, dos tanques e armas automáticas e das reservas, para melhor e mais judicioso emprego de suas forças.

*13 — Informações obtidas pelos reconhecimentos devem alcançar o comando em tempo útil.*

Uma informação que chega às mãos do Comando em tempo tal que ele não possa mais manobrar com suas forças, no sentido de tirar delas o maior proveito antes da ação do inimigo é de nenhum valor ou prejudicial.

Todo esforço deve, dessa maneira, ser envidado pelos reconhecimentos para que as suas informações o Comando as re-

ceba em tempo útil. O meio de transmissão disponível e mais adequado para o caso deve ser empregado sem demora.

*15 — Reconhecimento pessoal pelo Comando é sempre necessário para melhor e mais judicioso emprego de suas forças.*

Qualquer que seja a importância da unidade combatente, o Comando emprega-la-a com mais confiança e eficiência se ele tem conhecimento pessoal da situação.

Esse reconhecimento é particularmente importante nas situações defensivas, antes do ataque e durante os momentos críticos do combate.

Washington, junho de 1944.

## Fábrica de Bebidas Cayrú

Praça da Bandeira, 205-F

Fones 48-5580 e 48-8100 — RIO DE JANEIRO

Fábrica de Bebidas Cayrú Ltda.

## F. A. GOMES

Compra-se apara de tipografia, arquivos, etc.

RUA DOS ANDRADAS, 122

TELEFONE 43-1116

Rio de Janeiro

## **"Abraços, beijos por brasileiros espantam os experimentados veteranos de Anzio"**

Por **GLAY GOWRAN**

*Num porto secreto italiano, Out. 11 (retardado) — (C.T. P.S.)* — No meio de um espetáculo colorido que parecia ter sido suspenso intacto de uma opereta de Gilbert e Sullivan, o segundo contingente do mais altamente pago exército de ultramar do mundo — a Força Expedicionária Brasileira — desembarcou neste porto devastado e despedaçado da guerra.

Uns poucos soldados americanos, que aconteceu estarem no cais, quando os navios encostavam, olhavam em torno, enquanto milhares dos novos recém-vindos eram cumprimentados barulhentamente por membros da primeira unidade brasileira que está na Itália desde Julho e na linha de combate por meses.

### **ABRAÇOS E BEIJOS**

Quando a prancha de desembarque foi para cima, os brasileiros a bordo precipitaram-se para baixo e aqueles em terra apressaram-se para cima — eles se encontraram no meio. Lá eles se abraçaram, beijaram-se as faces, agitaram-se felizes às ordens de esmagados fotógrafos brasileiros, então abraçaram-se e beijaram-se tudo de novo, unicamente pelo puro gozo disso. Por habil esforço e muito dextro uso de seus cotovelos, o Sargento Luiz Leal, de S. Paulo, foi o primeiro dos novos recém vindos a pôr pé no sólc da Itália. Porém a sua fama não durou muito. Afastara-se apenas 2 pés da prancha de desembarque quando um transpirante polícia militar empurrou-o e os outros atrás dele para dentro do navio. Então um coronel americano, que é o oficial de ligação junto aos brasileiros, explicou numa voz estertorante que nenhuma tropa desembarcaria até

que fôsse oficialmente cumprimentada pelo Comandante da F.E.B., Maj. Gen. João Batista Mascarenhas de Moraes.

### EM ANZIO NÃO HOUVE PRANCHAS DE PASSEIO

O pequeno General de óculos, que tinha estado voando sobre os navios, enquanto entravam no porto, no seu aeroplano particular de ligação, Stinson, não chegou se não 90 minutos mais tarde. Ele subiu a bordo e a história dos abraços e beijos começou toda de novo. Acabou finalmente quando o pequeno comandante recebeu o seu último aperto e beijos dos Brigadeiros Generais Oswaldo Cordeiro de Faria e Olimpio Falconiere da Cunha, que chegaram com o novo contingente.

Os soldados dos E.U. preparam completamente o caminho para o desembarque brasileiro. Das pranchas de desembarque aos pontos de reunião umas poucas centenas de jardas longe estavam comboios de caminhões esperando carregar os novos recém-vindos para a área de estacionamento. Enquanto os brasileiros marchavam felizes ao longo dos passeios, uns Sargentos grizalhos americanos olharam-nos por um momento e então encolheram os ombros. "Eles com certeza não puzeram pranchas de desembarque para nós em Anzio", um deles disse.

**Cereais em Grosso**  
Manteiga, Queijos, Xarque, Banha  
e Salgados

**MACIEL, FONSECA & CIA.**

*Comissões, Consignações e Conta Própria*

Rua Leandro Martins n.º 6  
QUASI ESQUINA DA RUA ACRE)  
Rio de Janeiro

Caixa Postal 3794  
Tele | phone 23.1598  
gramas LEICAM

**Vinho do Porto - Elixir das Freiras**  
**- experimente como é saboroso**

# Mais cuidado srs. tradutores !!...

Maj. *Antonio Moreira Coimbra*

Recentemente temos tido a felicidade de travar relações com algumas traduções de "Manuais de Campanha", adotados no Exército Norte-Americano, artigos de Revistas, etc., cujos originais, graças ao cavalheirismo e à produtiva camaradagem que mantemos com um distinto oficial americano, possuímos. Algumas excelentes, denotam conhecimentos ligüísticos e técnico-profissionais, dignos dos mais destacados encômios, outras, porém, evidentemente descuidadas e eivadas de deslizes, denotam imediatamente a ausência, por parte do tradutor, do suficiente conhecimento da língua inglesa para um desempenho satisfatório da tarefa, e o que é pior, versádias em português caótico e em terminologia militar que às vezes chega a ser cômica para os que, por força do ofício, a conhecem precisa e perfeitamente.

Quer parecer-nos que, a azáfama, não justifica a deformação dos originais através traduções "*verbum pro verbo*", amórfas e muitas vezes de sentido falso, principalmente quando se tem à mão matéria prima capaz de magnífica obra. (1)

Entretanto, pôsta à margem a questão linguagem, visto como, embora capital, não é esse o escopo precípua destes rabiscos, o que mais lamentamos são as incorreções verificadas no que concerne à fidelidade do original e à terminologia militar, esta consagrada e insofismavelmente definida em nossos regulamentos, e constante, com propriedade e correção, dos lexicons militares de uso corrente, onde o "Military Dictionary", TM 30-257, não obstante incompleto, é digno de menção.

(1) — Não estou de acordo com o Autor, pois sempre tive por lema: fazer mesmo com defeito, mas fazer. O aperfeiçoamento virá depois.  
— Cel. L. X.

Desgraçadamente nem todos conhecem suficientemente o idioma inglês para, na ânsia de adquirir e aperfeiçoar conhecimentos, à falta de literatura profissional nossa, relegarem a plano secundário as traduções, e como consequência vão ariundo os que lhes são apresentados sob essa fórmula. E, os *resíduos* de uma terminologia militar incorreta, perfeitamente evitável, além de confusão, acarretará um desperdício de energias atuais e futuras através um reajustamento necessário e quiçá uma nova aprendizagem.

Sistematicamente só à crítica construtiva emprestámos mérito, e sempre que exércemos esse elementar direito, fazêmo-lo sem a intenção de ferir suscetibilidades, visando unica e exclusivamente beneficiar a plurilidade.

Por que, então, introduzirmos inovações como *agências de abastecimentos*, *agência de transmissões*, *centro de mensagens*, *estações de mensageiros*, *estações de auxílio*, *reabastecimento de munições*, *reabastecimento de materiais*, *abastecimento por reabastecimentos e reaprovisionamentos*, *comunicações por transmissões*, *contrôle do tiro*, *romper o tiro*, *concentrar o tiro*, *General Staff*, *General Ajudante* (Ajudant General), *supórtie da Companhia*, *frente do grôsso*, *atraz do grôsso*, *dos lados do grôsso*, etc., etc., isto para citar sómente algumas que nos ocorrem de memória, quando a nossa linguagem militar possue termos precisos sobre o assunto? Positivamente, face ao que temos visto, não nos admiraremos se toparmos algures com um *remuniciamento de ríveres!* . . . .

Isto traz-nos à mente um episódio passado em certo Ginásio, onde velho e sisudo mestre de latim, solenemente, pêde a um dos discípulos que traduza a introdução do bêlissimo poema heroico de Virgilio, "Eneida", "*arma virumque cano*", e este, prontamente, saiu-se com o disparate de grôsso calibre "*arma de varêta e cano*", arrematado pelo provéto e sisudo magíster, com uma formidável "*bomba no fim do ano*" e pela assistência com uma estrepitosa gargalhada. Que saudade sentimos na evocação desse acontecimento dos tempos em que a "*bomba*", hoje em periodo de franca inflação, combatida a

outrance, era ainda uma instituição temida por edonistas e epicuristas...

Certamente a vontade de acertar é imanente em todos nós, e, é por isso, que recomendamos mais cuidado aos tradutores apressados, incitando-os a prosseguirem a árdua tarefa a que se propuseram com dóse redobrada de esforços, visto como "*labor improbus omnia vincit*".

## Chocolates Gardano

BLOCK - MILK-MEL e TIJUCA  
QUALIDADE INSUPERAVEL  
A VENDA EM TODO O BRASIL

**Chocolate Gardano S. A.**

Rua do Senado, 184-B

— Rio de Janeiro

## Companhia Cantareira e Viação Fluminense

Serviço de entrega de despachos a domicílio - Trafego mutuo com a Agencia Pestana de Transportes Limitada

Rio de Janeiro - Niterói - São Paulo

**RAPIDEZ**

**ECONOMIA**

**SEGURANÇA**

**INFORMAÇÕES:**

Rio de Janeiro - Estação das Barcas - Praça 15 de Novembro

Telefones: - 22-9856 e 22-2422

**Agencia Pestana de Transportes Limitada**

Rua Pharoux, N. 3 - Telefone 42-4196 - Niterói

Ponto Central das Barcas - Telefone 5711

# Inauguração do retrato de A. L. de Freitas Pereira na galeria de "A Defesa Nacional"

## DISCURSO

pelo Cel. J. B. MAGALHÃES

— Minhas Senhoras, Meus Senhores,

— Freitas !

"A Defesa Nacional" que, ha cerca de 400 meses, se publica em nosso país, é um caso raro. Rarissimo. O único que conheço no genero .Caso de sobrevivência *quand même*. Isto meus senhores, prova o que vale a dedicação de esforços, numa colaboração sincera. O que pode fazer um pequeno grupo de homens em beneficio da coletividade, animados por uma idéia sã pela conciêncie de interesses superiores aos do puro individualismo, pelo sentimento de devêres reconhecidos de coração e de espírito, sem quaisquer outras imposições que as da própria conciêncie.

A nossa *revista de assuntos militares*, fundada ha cerca de 31 anos, por um grupo de oficiais, que se propôs a mantê-la sem nenhuma idéia de lucro pessoal, vizou ser fonte abundante de divulgação de conhecimentos profissionais, e voz clamante de reformas, que se faziam necessárias à garantia maior da própria existêncie nacional.

Nossas instituições militares eram antiquadas. Havia já, por sua forma, e pelos costumes nelas reinantes, todos prenhes de características herdades de afastadas épocas de antanho, perdido a noção de sua razão principal de viver — a guerra.

Não eram mais que uma polícia cara e por isso podiam apenas ser úteis nos casos de manutenção da ordem interna.

Fazia-se indispensável reconstituir-las *de fond en comble*, não só na fórmula como na alma. Era preciso dar-lhes uma mentalidade nova. E foi essa a tarefa ingente a que se dedicaram os fundadores de “*A Defesa Nacional*” e os que continuaram depois a sua obra.

E', porém, de justiça reconhecer que ela, a nossa revista, era já uma resultante de duas grandes fôrças reformistas anteriores ao seu aparecimento, num momento azado e feliz, reunidas para o benefício do Brasil. Refiro-me ao grande período de vida de nosso Exército que Hermes da Fonseca inaugurou, como Comandante do antigo Quarto Distrito Militar, e continuou depois, como Ministro, quando deu estrutura nova às instituições e fôrças militares terrestres brasileiras. Adotou-se então, uma organização de base regional, única capaz de dar eficácia ao processo de mobilização necessário para se poder desenvolver a ordem de batalha indispensável em caso de guerra. Mostrou-se, destarte, haver aqui quem pudesse conceber e projetar um tipo de organização, adequado às circunstâncias nacionais, mas subordinado a concepções resultantes de muito boa assimilação da doutrina de guerra que impunha a necessidade das *nações armadas*. Hermes, continuava, assim, brilhantemente os progressos que Mallet inaugurara.

Refiro-me também, à influência indireta de Rio Branco, recenvindo da Europa, com as imagens das modelares instituições militares do Antigo Continente bem vivas no seu espírito, notadamente, as do paradigma universal que, a êsse tempo, era o Exército Alemão. Ao deparar aqui com a ausência absoluta de uma fôrça militar, que servisse de esteio à sua política exterior, em caso de emergência, ficou, sentiu-se, como que desamparado, o Grande Chanceler. Jamais poderia êle, o maior conhecedor de nossas honrosas tradições militares e dos feitos de nossas armas, imaginar houvesse que a incapacidade de fazer a guerra chegado aqui ao extremo em que se achava. Tra-tou logo de influir, quanto pôde, para que nos fôssemos mi-

litamente modernizando. E o fez sob as mais variadas fórmas, entre as quais não são sem importância os estímulos que deu a Hermes e o abrir as portas do Itamaraty à visita de oficiais do Exército.

E' nessa época que o Brasil inicia o hábito de mandar oficiais a aprender nos exércitos estrangeiros. Também é nessa época que se desperta o nosso grande interesse pelos estudos profissionais, a que antes muito poucos se dedicavam.

No ambiente favorável que a gente nova do Exército ia, consequentemente e com espontaneidade entusiástica, formando, os que regressavam de estagiar na Alemanha, encontravam amparo e, desde logo, se prontificaram a tirar daí todo partido possível para a empresa gigantesca da reforma a efetuar. Era preciso poder agir fóra das organizações oficiais, independentemente delas e mesmo a seu apezar e até contra elas.

O melhor meio que encontraram foi a fundação de "A Defesa Nacional", para divulgação das noções técnicas que faltavam e das idéias novas, afim de criar-se uma opinião capáz de se tornar avassaladora.

Eles, os jovens, fizeram-se deste modo o primeiro elemento formador de uma conciência profissional coletiva no Exército, à qual, a influência da Missão Militar Francêsa, depois, deu um sentido mais amplo, e objetivo mais praticamente conforme com as concepções próprias à guerra moderna, à guerra da era industrial, francamente reconhecida após a tenebrosa crise mundial de 1914 a 1918.

Iniciaram uma campanha árdua, cujos esforços iam lenta, mas firmemente, frutificando em reformas da nossa estrutura militar e principalmente na eliminação paulatina da inconsciência das responsabilidades dos deveres profissionais explícitos e implícitos.

Essa cooperação de *A Defesa Nacional* na vanguarda do movimento reformista, exigia dos que a serviam, sacrifícios vários. E êles foram feitos sem hesitação, galhardamente. Representavam, fundamentalmente, uma sobrecarga de trabalho e de encargos materiais para os que faziam a revista, o que era de somenos importância. Representavam também graves con-

sequências reflexas das atividades da mesma revista, dos dizeres de suas páginas, nos combates contra a ignorância e a inércia enorme das impropriedades a remover. Os que viam suas comodas situações de *dulce far niente* abaladas, os que se sentiam incapazes de realizar esforços novos e os que seguiam bovinamente os ritmos de uma rotina inalterável, eram todos adversários, não raro temíveis, a enfrentar. As penalidades disciplinares, os prejuízos certos no acesso hierárquico, que sofreram os responsáveis pelas atitudes da Revista, foram a grande recompensa de muitos dos que aqui trabalharam pelo bem do Exército.

O período glorioso de “A Defesa Nacional” foi essa época das primeiras batalhas, na era dos *jovens turcos*...

Depois, nosso País, vítima das condições que presidem a economia mundial e de sua estrutura física, mais do que dos regimes políticos que adotou ou dos homens que os serviram, entrou em fase de graves agitações que levaram de envolta as instituições militares e os militares.

As consequências que daí surgiram para a “A Defesa Nacional” foram graves.

A mentalidade coletiva do Exército, profundamente abalada, desinteressou-se pelas questões de maior importância. Deceu o entusiasmo pelo labor profissional. Diminuiu muito o número dos que se dedicavam voluntariamente ao estudo para o progresso profissional e das instituições. A vida do Exército tornou-se tumultuosa, incerta, subvertida, descambando na mais terrível indisciplina intelectual e em não menos terrível enfraquecimento moral.

Felizmente, tais aparências eram mais extensas que profundas. No meio desse tumulto e confusão, permaneciam vivas certas *células* em torno das quais, ao mínimo repouso, não tardava o trabalho de reconstrução do organismo todo.

“A Defesa Nacional” era uma das que, sobrevivendo a todas as tempestades, à primeira bonança, logo recomeçava seu labor orgânico e produtivamente.

Momento houve porém, em que tudo parecia sossobrar sem nenhuma esperança de salvamento. Então, esteve as portas da

falênciaria, abandonada pelos seus habituais contribuintes de toda natureza — colaboradores e assinantes.

Não fechou, porém, as suas portas. Continuou a circular. Houve quem viesse em seu socorro, homem de dedicação exemplar.

Um colaborador anônimo, seu amigo de longa data que a ajudava sem quaisquer outras recompensas que as da consciência do serviço que com isto prestava ao Exército, não a desamparou.

Reclamavam, então, algumas outras *células vivas* do Exército, os poucos trabalhadores que por toda parte iam animando as casernas, um regulamento para a educação física, mas o Estado Maior não queria no momento, sem mais detido exame, propô-lo ao Governo. Já elaborado pela Escola dedicada ao assunto, havia um projeto, cheio de numerosas gravuras, cujos volumosos eadernos permaneciam naquele orgão, sem maior utilidade. Aparece então a idéia de dá-lo “A Defesa Nacional” para que o publicasse a fim de que, depois, se o adotasse a título provisório. Ela aceita o encargo e assim se resolve o problema. Mas como poude fazê-lo, se vivia a mingua de recursos? Alguém facilitou-lhe tudo.

Esse alguém era o seu velho amigo de quem ela já havia recebido tantos benefícios e a quem ia dever agora o sobreviver à crise que ameaçava submergí-la. Antonio Luiz de Freitas Pereira, é o nome dêsse homem dedicado que não obstante viver sua repartição sempre cheia de serviços, soube achar tempo e remover dificuldades para a realização dêsse trabalho.

Desde que “A Defesa” apelou para ele tudo se tornou fácil. Com um dispêndio mínimo, podendo fornecer aos que labutavam no Exército e a todos que se dedicavam à cultura física, por preço também mínimo, a preciosa elaboração da Escola de Educação Física, obteve ela os recursos financeiros necessários para poder manter-se até passar a crise resultante do momento que todo o Exército vivia.

Isto não é, porém, tudo.

Meus senhores, antes dessa crise e depois dela, raros números de nossa revista terão vindo à luz da publicidade sem a

sua cooperação anônima". Não fôra sua boa vontade, sua sempre pronta prestimosidade, seu espírito de colaboração para tudo que podia influir no progresso do Exército, e as nossas dificuldades técnicas de imprensa, seriam talvez insuperaveis a vista dos fracos recursos que possuímos.

Mais ainda. Nós de "A Defesa Nacional" não temos, somente a agradecer-lhe, os serviços que nos prestou diretamente. Essa dedicação ao Exército, que as autoridades reconheceram solenemente nas excepcionais homenagens que lhe foram prestadas, por ocasião de sua aposentadoria, por força da lei, também é dívida, cujo reconhecimento fazemos com emoção. O objeto de nossa existência, a razão de ser, de "A Defesa", era trabalho da mesma finalidade e do mesmo espírito que o desenvolvido pelo nosso amigo. Não podemos, por isto deixar de ver nêle uma enorme força convergente que de súbito cessa de atuar em unisono comnôseco, por efeito de uma exigência legal.

Lidei com este homem largos anos nas funções, nem sempre comodas, que exercei no Exército e não tenho nenhuma dúvida em afirmar que muitos dos trabalhos que fiz ou presidi, teriam falhado em grande parte, se não houvesse sua iniciativa prestimosa a remover tudo que era dificuldade de ordem gráfica, nas oportunidades mais complexas. E vi-o, senhores, o que digo para seu maior louvor, sem preferências de qualquer espécie, atender a todos que precisavam de seus serviços, a tempo e a hora, enfezando-se apenas quando suas envelhecidas máquinas periclitavam ou o mecanismo administrativo retardava o fornecimento dos materiais necessários. Muitas vezes, fui recebido por ele desabridamente. Aos pedidos de trabalho a executar que lhe propunha, vinha uma terrível declaração de impossibilidade prática como solução. Mas eu sorria e lançava mão de um recurso que nunca falhou. Dizia-lhe em revide, secamente, exabrumamente: — si fosse fácil, não precisava vir aqui... Partia, então, certo de que a tarefa seria realizada. E nunca deixou de o sêr...

Não, poderia portanto, Meus Senhores, "A Defesa Nacional" vê-lo partir deixando-a em campo na tarefa comum que ele e ela tinham por escopo, o progresso das nossas insti-

*tuições militares*, indiferentemente. Nem mesmo poderia contentar-se com uma destas manifestações de caráter efêmero que o tempo depois vai facilmente consumindo.

O meio que achou para melhor atestar sua gratidão e ter a animá-la perenemente a idéia da profícua cooperação que dêle obteve, foi o de manter permanentemente a vista dos que aqui labutam a sua efígie.

A inauguração do retrato de Antonio Luiz de Freitas Pereira, em nossa galeria de honra, é Senhores, a razão que nos reune hoje.

## OFICINAS

Mecânica - Metalúrgica - Galvânica

REPARAÇÕES — CONSÉRTOS

GRANDE E PERFEITA CROMAGEM

**Mega & Cia. Ltda.**

Avenida Mem de Sá, 31 — Tel. 22-1403

CROMAGENS — DOURAÇÃO — PRATEAÇÃO — BRONZEAMENTO — OXIDAÇÃO

ESTILO DIVERSOS

Niquelagem com banho de espessura

## Fundição "Avião"

Cobre e Bronze em lingotes, Metais Patente, Linotipo, Estereotipo e Monotipo — Anti-fricção "Avião", "Locomotiva", etc. Fósforo, Estanho em barras e verguinhas, soldas de estanho

**JOSÉ FERRARO**

Fabricante da Solda e metal Niquel "Avião"

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

RUA MACHADO COELHO, 80 — Rio de Janeiro

TELEFONE 22-5541 — Telegramas "AVIAO"

# Influência da Arma Aérea na Campanha do Norte da África

"Conferência pronunciada no Círculo Militar, pelo Comodoro do Ar *Andrew A. Walser*, no dia 28 de Julho de 1943". Traduzido da "Revista Militar" publicação do "Círculo Militar" República Argentina, pelo Major Felicissimo de Azevedo Aveline.

Para começar quero remontar ao ano de 1939, antes do inicio da guerra, para poder explicar a situação, sob o fórmula em que a víamos naquela época. Lembraremos que então a Itália havia concluído sua conquista da Abissinia e possuía consideráveis fôrças, não só na África Oriental, como também na Líbia, onde tinha destacada uma fôrça aérea relativamente grande e poderosa, enquanto nós ocupavamos uma posição central no Egito, onde possuímos um Exército e uma pequena fôrça aérea, para proteger nossas vitais comunicações através do Canal de Suez. Também tínhamos poucas unidades aéreas na Palestina, Transjordânia, Kenia e no Sudão.

Durante alguns anos antes da guerra, em face de razões que são bem conhecidas, devíamos encarar o perigo de uma guerra com a Itália; porém nessa época a situação européia e nossos mui limitados recursos metropolitanos nos impediram de enviar qualquer reforço considerável para o Médio Oriente. Em si mesmo, este caso não parecia então tão grave, porque si bem que a Itália, com sua considerável Armada, seu grande exército na África e suas numerosas bases, fosse uma ameaça potencial para nossa posição no Mediterrâneo, ela estava por sua vez, flanqueada por nossa aliada a França.

Em vista do reduzido número de esquadrihas que possuímos disponíveis para a defesa do Egito e pelo fato de que

estas não estavam equipadas nem remotamente com aparelhos dos tipos mais modernos, nossos planos originais eram, por necessidade, em sua maioria, defensivos.

Considerávamos essencial, sem embargo, que, ao declarar-se a guerra, podessemos ocupar campos de aterragem bem no interior do Deserto Ocidental e prevenir assim, o bombardeio de nossos aeródromos principais nas proximidades do Cairo e de nosso Depósito Principal de Aviões em Aboukir, perto de Alexandria; e não falemos dos alvos extremamente vulneráveis que ofereciam nossos pórtos no Mediterrâneo e no próprio Cairo.

Esperávamos que mediante o máximo aproveitamento destes aeródromos avançados poderíamos estar em condições de atacar qualquer unidade aérea italiana, no começo das hostilidades e resistir também a qualquer ataque durante um período de tempo suficiente para nos permitir receber reforços aéreos e dar tempo aos nossos aliados franceses para desencadear sua fensiva sobre Tunis.

Algumas das medidas que adotamos, preparando-nos para a guerra com os limitados recursos que estavam ao nosso dispor durante esses primeiros dias, talvez sejam de interesse para vós.

Compreendemos, por suposição, desde o próprio começo, que em uma guerra no Médio Oriente, exerceria grande influência o problema das comunicações, e que sob este ponto de vista estávamos em enorme desvantagem, já que nossa rota principal de abastecimentos através do Mediterrâneo, seria, na melhor das hipóteses, muito perigosa e suscetível de ser atacada pelas forças navais do Eixo, tanto de superfície como submarinas; além disso, sofreria inevitavelmente muitos ataques aéreos. Decidiu-se, portanto, explorar e preparar rotas diferentes. Assim, em princípios de 1939, de acordo com instruções do Ministério do Ar, levei uma formação integrada por cinco bombardeiros pesados e cinco médios monomotores, do Cairo até o Sudan, atravessando Khordofan e a África Equatorial Francêsa até à costa ocidental da África, para investigar a possibilidade de estabelecer uma rota aérea através daquele continente.

Alguns setores desta rota já haviam sido cobertos pela Imperial Airways, porém não se havia mantido nenhum serviço regular "devido às tormentas das monções", que são extremamente desagradáveis em certas épocas do ano. Éramos sete oficiais e vinte e seis homens, cada um selecionado cuidadosamente e dos quais se requeria ampla especialização, posto que nos devíamos bastar a nós mesmos. Devíamos levar as peças de reposição e todo o necessário para poder trabalhar durante dois meses no mínimo, sem auxílio técnico de espécie alguma, porque fámos a uma parte do mundo onde não existia força aérea alguma. Outra das dificuldades que devíamos levar em conta foi a de que cada oficial e soldado devia ser vacinado contra toda a espécie de doenças antes de partir, inclusive febre amarela, pois que não nos permitiriam regressar ao Egito ou ao Sudão sem sermos imunizados antes de partir. Nossa partida esteve a ponto de ser retardada por causa de um dos nossos homens, o encarregado de cuidar dos controlos automáticos, que fraturou uma perna, pouco antes de começar o vôo. Apesar de tudo, obtivemos o sôro que não existia então no Egito, trazido por via aérea da Grã Bretanha, com o tempo necessário para inoculá-lo no seu substituto.

Este vôo nos ensinou muitas coisas. Aprendemos a voar através de tormentas tropicais sobre centenas de quilómetros de bosques impenetráveis e a realizar reparações provisórias, qualquer que fosse o material disponível; e mais tarde ficou demonstrado que o conhecimento que adquirimos foi de grande valor, quando a rota aérea de 10.00 quilómetros de longitude, desde Tokoradi até o Cairo, se transformou em umas das vias principais para reforçar nossas forças aéreas destacadas no Médio Oriente.

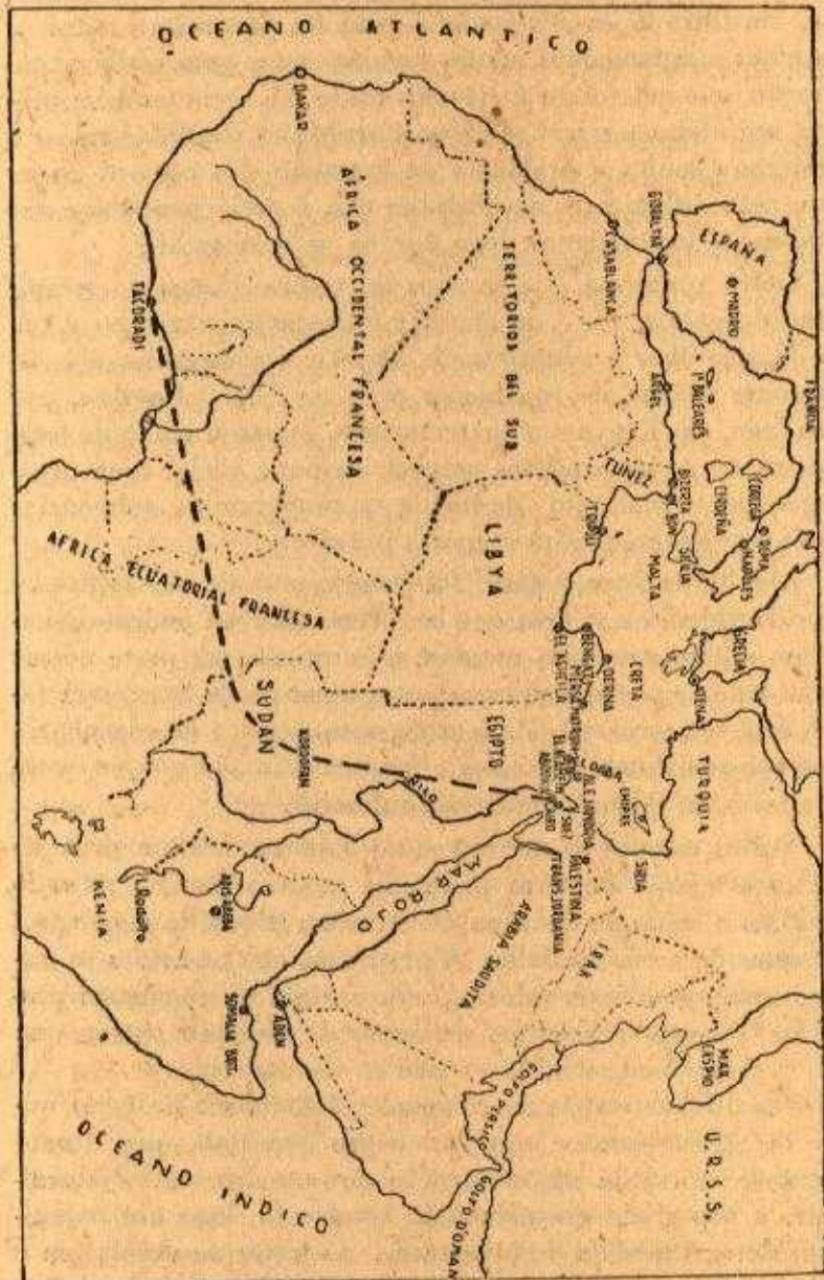
Regressamos ao Cairo; haviam passado pouco mais de dois meses, exatamente o dia marcado no itinerário preparado antes de nossa partida, sem perder nem um só aparelho, nem um só homem e tendo visitado todos os campos de aterragem disponíveis na África Ocidental.

O êxito da incursão foi devido em grande parte à cuidadosa organização prévia e ao cumprimento perfeito e pontual de sua tarefa por cada um dos oficiais e tripulantes.

Cada oficial e cada homem tinham suas tarefas a desempenhar, afóra o vôo diário, devendo cuidar dos aparelhos que durante dois meses estiveram constantemente expostos às intempéries e tiveram que suportar todas as variações do tempo, cumprindo no possível um horário regular para dormir. Perdi algum tempo em descrever esta viagem para esclarecer-vos acerca de um ponto importante: que a disciplina necessária na Fôrça Aérea difere "um tanto da requerida nas demais armas". Fundamentalmente, aquela se baseia na conformidade e no respeito mútuo e na compreensão de que o trabalho de cada indivíduo, é indispensável para a segurança e êxito dos demais. "Nem sempre é possível controlar tudo e, quando as vidas de toda a tripulação, por exemplo, dependem de uma pequena inspeção realizada concientemente por um mecânico, é necessário despertar em todos os grãos da hierarquia um sentimento de responsabilidade, que torne impossível que um homem se descuide de sua tarefa, ainda que saiba que sua negligência jamais será descoberta".

Voltemos agora ás nossas unidades do Egito. E' de todos vós conhecido que o Délta Egípcio está flanqueado de ambos os lados pelo deserto. Para o oeste, o deserto se estende por muitas centenas de quilómetros e nossa base aérea mais avançada com água era Mersa Matruh, o ponto mais afastado onde existe água potável, que se encontra a uns trezentos quilometros de Alexandria. Em torno deste ponto estavam agrupadas, ao princípio, nossas esquadrilhas avançadas, com campos de aterragem improvisados, estabelecidos sobre superfícies planas do deserto.

Umas das maiores dificuldades daqueles dias, e mais tarde, durante toda a campanha, foi o efeito causado pela areia em nossas máquinas. Esta areia é tão fina e de uma qualidade tão corrosiva, que atacava aos motores e a todas as superfícies de fricção. "E' por isso que um motor que normalmente poderia trabalhar durante quinhentas horas sem ser revisado, demonstrava perda de pressão, de óleo e outros defeitos depois de



trabalhar sómente oitenta horas". Depois de muitas experiências, aperfeiçoamos, com a ajuda de nossos técnicos da metrô-

pole, um filtro de ar adequado, o qual foi adaptado a todos os aparelhos e aprendemos muitos recursos para uma melhor conservação, que nos foram úteis mais tarde. A areia também produzia um efeito terrível sobre os instrumentos radio-elétricos e complicava muito o problema da execução dos reparos ao ar livre, pela dificuldade de obstar-se que a areia penetrasse nas máquinas e instrumentos, logo que se os desmontava.

Outro problema que tivemos de resolver antes do rompimento da guerra foi o de ampliar e descentralizar nosso depósito de aparelhos e materiais de Aboukir e começamos a construir uma oficina de reparações mais ao Sul. Fizemos, por outro lado, em Kenya — aparentemente afastada então de todo o perigo — os preparativos necessários para iniciar uma organização de treinamento destinada a preparar os voluntários que se apresentaram para a guerra provável.

A falta de água potável foi sempre uma de nossas principais dificuldades e si bem que em Mersa Matruh pudemos limpar um antigo aqueduto romano, que satisfaz em parte nossas necessidades, tivemos que transportar água desde Suez para fazer face à sua escassez. Mais tarde nosso serviço de engenharia construiu aquedutos, depósitos e uma canalização que se estendia através de 800 quilómetros de deserto.

Nossos campos de aterragem no deserto, foram a princípio simples extensões de terra plana, da qual se haviam retirado as pedras e sobre as quais se construiram pistas de decolagem compostas de areia e asfalto. A proporção que os aviões se tornavam maiores e mais velozes, estes campos de aterragem provisórios ficavam impróprios e tivemos de construir outros, que melhor correspondesse às exigências do momento.

Nas últimas etapas da campanha dispuzemos de certo número de aplainadoras e outros veículos especiais, que foram de grande utilidade na construção de aeródromos. Naturalmente, a superfície era nivelada, recebendo logo um revestimento duro, à medida do necessário. As pistas de decolagem e aterragem eram cobertas geralmente com uma camada de esteiras de fibra de côco, colocando-se por cima uma rede metálica de varetas de aço. Isto lhes dava estabilidade nos dias hú-

midos e dividia o peso do trem de aterragem sobre uma superfície maior.

Durante este período preliminar, executamos um treinamento intensivo em operações do deserto, sem prejuízo da realização dos exercícios normais de tiro e bombardeio.

O voo sobre o deserto apresenta muitas dificuldades que lhe são peculiares. Os mapas com que contávamos eram inexatos e a região possuía tão poucos pontos de referência, que era extremamente difícil assinalar uma posição. Foi, pois, necessário melhorar os mapas, selecionando os pontos de referência existentes que pudessem servir de guia à navegação aérea, de modo que os aviões que se vissem forçados a aterrarr, ou os veículos que ficassem detidos, pudessem ser localizados. A todos os nossos pilotos se assegurou uma grande experiência de voo sobre o deserto, ensinando-se-lhes a descobrir um ponto determinado, a informar sobre sua posição com exatidão, assim como a escolher uma zona própria do deserto para aterrarr.

Mais tarde, aprendemos por experiência própria, como conduzir veículos sobre os diferentes tipos de areia que se encontravam no deserto, como transpôr as faixas de areia suave e traíçoeira sem ficarmos detidos e como manter uma rota por meio de um "sextante" fixado sobre o radiador.

Feram organizadas patrulhas de reparações, dotadas de tipos apropriados de veículos, capazes de penetrar no deserto e reparar ou recolher um avião que tivesse caído. Foi ensinado a essas patrulhas a conservação do rumo através do campo e a orientarem-se sózinhas, durante os muitos dias que deviam passar fóra de suas bases.

Nossos principais depósitos de munições e bombas, tinham ficado já estabelecidos então, em umas enormes cavernas existentes desde a época em que os Faraós tiravam dali as pedras necessárias para a construção das pirâmides.

Limpámos estas cavernas, instalamos nelas luz elétrica e uma pequena rede ferroviária e conseguimos assim um excelente refúgio à prova de bombas, para todas as nossas munições e explosivos de reserva. Nessa época, estava em construção uma ferrovia que penetrava no deserto ocidental partindo

de Alexandria e apressamos esta obra a medida do possível, pois, percebíamos muito bem a sua importância, pois que dado o caso de ser necessário manter uma grande força tão afastada de sua base, essa ferrovia seria vital, para satisfazer as suas necessidades de abastecimento.

No momento da entrada da Itália na guerra, ao começar o verão de 1940, nossa força aérea tinha recebido alguns reforços. Para a defesa do Egito e da Palestina contávamos com cerca de quarenta (40) aparelhos Gladiator, um tipo de caça anti-quado, com uma velocidade máxima de quatrocentos quilómetros, só quatro metralhadoras e, é claro, sem blindagem nem tanques de soldadura automática.

Todos êstes aparelhos, si bem que úteis, não estavam à altura dos modelos italianos, os quais, no mínimo contavam com duzentos (200) bombardeiros relativamente modérrnos e outros tantos caças.

Estão os senhores lembrados que a entrada da Itália na guerra coincidiu com o colapso da nossa frente na França e que em poucos dias, esta abandonou a guerra. Por conseguinte, a Itália já não tinha que temer ameaça alguma procedente de Tunis e podia dirigir seu esforço totalmente contra nós. Outro fator importante era a insegurança em que estávamos com respeito à Siria e a necessidade de vigiar nossa "porta de serviço".

Não era melhor nossa posição na África Ocidental. Os italianos possuíam ali uma superioridade numérica sobre nossas forças de no mínimo, dois para um, podendo reforçar suas dotações desde a Libia, mediante vôos noturnos através do Sudão e quando em Agosto de 1940 caturaram a Somalia Britânica, apresentou-se um sério perigo para o Sudão e Kenya, desde o porto e aeródromo britânicos de Berbera, que haviam caído em mãos do inimigo.

Para fazer face a esta situação ameaçadora, o primeiro passo consistiu em colocar todas as nossas forças aéreas do Norte da África e zonas adjacentes, sob o controle de um comando único, com sede no Cairo, Egito.

Ó Comando do Médio Oriente abrangia assim unidades — por pequenas que fossem — no Egito, Sudão, Kenya, Palestina, Irak, Aden e Malta o que permitia ao Comandante em Chefe das Fôrças Aéreas ordenar o deslocamento de unidades e seu emprego de um ponto a outro, conforme exigissem as circunstâncias.

Este mesmo Comando, da sua séde no Cairo, dirigiu mais tarde as operações no Egito e na Líbia, na África Oriental e na Abissinia, na Grécia e na Albânia, em Créta, Irak, Iram e Síria.

Quando alguém se acha em face de um problema difícil, muitos de nós já descobrimos que o melhor que se tem a fazer é atacar e assim, não obstante nossa inferioridade, atacamos simultaneamente nas duas frentes africanas. Na África Oriental, logo após o inicio das hostilidades, bombardeiros do Sudão atacavam os pôrtos da África Oriental italiana, concentrando-se particularmente contra os depósitos de nafta e os abastecimentos que sabíamos existirem ali. Nossos antiquados aparelhos Wellesley de um único motor e duas metralhadoras, voaram de Aden, atacando os hangares da aviação italiana em Adis Abeba.

No deserto ocidental todos os aviões que conseguimos reunir foram enviados imediatamente poucas horas após a declaração de guerra, para atacar os aérodromos italianos. Estes foram surpreendidos e não haviam dispersado ainda seus aparelhos no terreno, motivo pelo qual fizemos bôa colheita, afóra o fato de conseguirmos a iniciativa, que não havíamos de perder para o futuro.

Desde esse momento, a guerra no deserto ocidental se transformou em uma luta pela posse de aeródromos conforme avançávamos conseguímos novos campos de aterragem, dos quais se podia, por sua vez, descarregar golpes a maior distância.

Podíamos proporcionar maior proteção às nossas linhas de comunicações no mar, terra e ar e atacar com a maior facilidade o inimigo.

Todos vós deveis estar lembrados de que em Dezembro de 1940, nosso exército avançou vitoriosamente, caturando em sessenta e dois dias 133.295 prisioneiros, 1.300 canhões e ocupou totalmente a Cirenaica.

Durante esse período nossas forças aéreas se empenharam contra a aviação inimiga e todo o aérodromo que estava a seu alcance, era bombardeado em todas as oportunidades que se apresentavam. A efetividade dos nossos ataques fica demonstrada pelo fato de se haverem contado 1.100 aparelhos inimigos destruidos ou avariados em diferentes aeródromos, a proporção que avançávamos na Cirenaica.

Os caças italianos, que ainda então nos superavam na proporção de quatro para um, nos afrontavam valorosamente, porém cálculo que o preparo de nossos homens era melhor e a organização de terra superior à sua, pois que derrubamos 74 de seus caças, na primeira semana de nosso avanço.

Nossa tática nesta campanha seguiu aproximadamente um plano único. Em primeira urgência, efetuavamos um ataque concentrado contra todos os aeródromos de caça que estavam ao nosso alcance com uma força combinada de caças e bombardeávamos os pontos fortificados e os portos italianos, como Derna, Bardia, Bengasi; em quanto outros caças não empenhados na ação, se dedicavam a atacar as colunas de transporte italianos nas estradas.

Durante este rápido avanço, era essencial que nossas patrulhas mantivessem contacto com o exército, de modo que grupos especiais, dotados de seus próprios veículos, foram organizados para acompanhar em sua marcha as tropas mais avançadas. Estes grupos ocupavam os aeródromos logo que haviam sido evadidos pelos inimigos e os preparavam para receber nossos aviões e levavam junto suficiente quantidade de bombas, munições e combustíveis, para permitir às primeiras esquadrilhas cumprir suas primeiras missões de vôo. Ao mesmo tempo, unidades do regimento das Reais Forças Aéreas, de recente criação, se encarregavam da defesa do aérodromo. Cálculo que poderei estender-me sobre este ponto mais adiante.

Infelizmente, em quanto se realizava nosso avanço até Beppasi e o caminho para Trípoli parecia aberto, a Italia declarou guerra à Grécia e se decidiu então enviar o maior número possível de nossos aviões em apoio de nossos aliados. As esquadrilhas que enviaríamos à Grécia se fizeram sentir e ainda que não pudessem ter evitado a derrota, vibraram poderosos golpes nas forças aéreas inimigas e obrigaram os alemães a reforçar esta frente, retardando deste modo seus movimentos em outras direções, justamente em um momento crítico.

A diminuição de nossas forças aéreas na Libia coincidiu com a chegada de grandes forças de Luftwaffe à mesma frente. Isto, junto ao fato de que nossas comunicações com o Egito eram agora extensas e vulneráveis, mudou a sorte contra nós, de modo que por algum tempo, perdemos nossa superioridade aérea local, o que teve uma séria repercussão nas operações de terra.

Nessa época nossas forças aéreas na Inglaterra se viam submetidas a duras provas e além disso enviávamos todos os aéroplanos que tínhamos disponíveis para a Russia, Oriente, Próximo e India, de modo que não tínhamos grandes esperanças de receber ajuda. Em face da falta de apoio aéreo, o nosso exército foi rechassado até a fronteira egípcia.

Daí em diante, as coisas pareceram marchar mal para nós durante algum tempo. O exército alemão ocupou a Grécia e pouco depois caturava a ilha de Creta. Estas duas campanhas são dignas de estudo, porém infelizmente não disponho de tempo necessário para fazer uma descrição minuciosa das mesmas.

Sob o ponto de vista das operações aéreas, a campanha grega foi difícil e nossas escassas esquadrilhas tiveram de combater duramente. No princípio, tínhamos que fazer face sómente às unidades aéreas italianas na Albania e tivemos bastante êxito. Assim, a 28 de Fevereiro, uma força britânica composta de dez Hurricanes e dezoito Gladiators, teve um encontro com uma grande formação inimiga sobre a Albania e derrubou 27 aparelhos sem sofrer perdas de sua parte.

A seis de Abril de 1941, a Alemanha declarou guerra à Grécia e a força aérea alemã começou a prestar auxílio a seus aliados. Naquele momento tínhamos uns oitenta aviões britânicos na Grécia, entre bombardeiros e caças e estes tiveram que lutar com uma desvantagem numérica de dez para um, visto como os exércitos germânicos que avançavam através da Bulgária e Rumania tinham uns oitocentos aparelhos e os italianos outros 160, com bases na Albânia.

A seis de Abril, dia em que a Alemanha declarou guerra, seu exército começou a descer pelo vale do Sturma. Doze de nossos Hurricanes saíram para travar combate e se toparam com vinte Messerschmitt 109, derrubando cinco sem sofrer nenhuma baixa. Porém os alemães logo concentraram seu poderio aéreo contra nossos escassos aeródromos cujo número se foi reduzindo cada vez mais á proporção que nossas forças de terra se iam retirando. O fim chegou ao terminar o mês de Abril. A dezenove do referido mês somente nos restavam quinze Hurricanes. Sairam a fazer frente a uma força de cem bombardeiros em "pique" e caças inimigos, que haviam sido enviados para atacar Atenas e seus arredores e conseguiram derrubar vinte e dois aparelhos do eixo contra a perda somente de cinco. Os dez restantes foram utilizados para proteger a evacuação de nossas forças e os que ainda sobraram foram enviados logo para Creta.

A campanha de Creta se reveste de grande interesse e possue muitas características novas, tais como o emprego de planadores e tropas conduzidas pelo ar, em grande escala. Os alemães tinham planejado as minúcias da operação com sua habitual meticulosidade e deram provas de muita imaginação nas novas formas de emprêgo de aviação, com o indicado objetivo. Aqui, como em outras partes, a posse dos aeródromos foi um fator decisivo. Os alemães tinham um semi-círculo de aeródromos no sul da Grécia e nas ilhas próximas, dentro do raio de ação de Creta e ainda, por suposição, muitos aeródromos mais para o interior, dos quais podiam enviar reforços, enquanto Creta se achava fóra do raio de ação dos caças, com base nos nossos próprios aeródromos no Oriente Próximo.

O resultado foi que os alemães dominaram o ar e puderam não sómente operar contra nossas tropas, como também infligir perdas a nossas forças navais que conduziam refôrços e abastecimentos.

Temos, portanto, um novo exemplo do valor da supremacia aérea.

Na época tivemos também dificuldades no Irak e no Iran. No primeiro desses países a rebelião que estalou contra nossas forças, foi apoiada pela Luftwaffe e nos causou alguma preocupação; porém, pudemos resolver o problema transferindo certas unidades aéreas do Egito, as quais, conjuntamente com os instrutores e alunos da Escola de Preparação, bastaram para reprimir a rebelião.

A campanha no Iran foi muito curta e terminou logo que se evidenciou que estávamos em condições de contra-atacar.

Muito ligada a estes sucessos esteve a questão da Siria, na qual a Fôrça Aérea Francêsa, hostil, que Vichy organizara, nos causou algumas dificuldades.

Enquanto se passavam êstes acontecimentos, a situação se modificava de novo na África. O general Rommel, que havia assumido o comando dos exércitos italo-alemães, havia feito recuar nossas reduzidas forças, que não tinham o necessário apôio aéreo, até a fronteira egípcia. Porém, ali Rommel foi detido e continuamente hostilizado pelo que restava de nossa aviação, que bombardeava suas linhas de comunicações dia e noite, lançando-se contra suas colunas de transporte ao longo da agora extensa linha que ia de Bengasi a Tripoli. Na suposição de que Rommel não podia avançar até o déltia do Nilo, sem antes acumular reservas suficientemente grandes de abastecimento de toda a espécie, durante esta pausa, as Reais Fôrças Aéreas não lhe deram trégua.

A evacuação das nossas forças aéreas da Cirenaica, durante a retirada, não foi fácil, porém, foi efetuada com tanta habilidade e cuidado, que sómente cinco aviões avariados tão seriamente que não puderam ser reparados, ficaram nos aeródromos e assim mesmo foram destruídos antes da retirada.

Nossa tática de continuar na ofensiva, demonstrou ser acertada, pois, ao fustigar as linhas de comunicações de Rommel, suas zonas de retaguarda e seus postos, não sómente retardamos seu exército, como também imobilizamos o grosso dos caças italianos que tiveram de permanecer dispersos na defesa de suas zonas de retaguarda. Julgo que não é nenhuma jatância dizer que a ação da Real Fôrça Aérea deteve Rommel o tempo suficiente para que nosso exército pudesse reagrupar-se e receber os reforços necessários.

E' interessante assinalar que em certos momentos, as colunas alemães se viram tão fustigadas, que tiveram de colocar um veículo encouraçado no espaço de cada oito quilometros, ao longo das estradas, para atuar como bateria anti-aérea.

Depois de uma pausa, a batalha se reatou novamente em fins de Novembro de 1941 com nossa ofensiva contra as posições do Eixo perto da fronteira egípcia. Fizemos recuar o inimigo dentro da Líbia até Jedabaia. Neste ponto Rommel contra-atacou e mediante um movimento brilhantemente audaz, lançou uma coluna até adiante. Nossa fôrça aérea nesse momento estava praticamente imobilizada devido ao mau tempo, que durante vários dias dificultou grandemente nossas operações aéreas.

Produziu-se após uma pausa na batalha terrestre, porém as operações aéreas continuaram durante todo o inverno. Ao fim de Maio de 1942, nosso exército foi obrigado a retroceder até a linha El Alamein e nossa aviação travou durante a retirada alguns dos combates mais rudes de toda a campanha. Contavamos agora com algumas unidades da Aviação Norte-Americana que combatiam a nosso lado e seus bombardeiros Liberator, concentraram sua ação contra os portos do Eixo e colunas avançadas. Então tínhamos recebido consideráveis reforços de Hurricanes, Kittyhawks, Beaufighters e também alguns Spitfires, de modo que estávamos em condições de manter a ofensiva no ar dia e noite.

O tempo é pouco e receio não poder dar-vos detalhes das operações aéreas que tiveram lugar durante os quatro meses em que os exércitos estiveram frente a frente em El Alamein.

As forças aéreas aliadas, rapidamente reforçadas, através da rota ocidental africana, mantiveram uma ofensiva sem pausa. Manteve-se a média de 500 saídas em 24 horas e foram efetuados nada menos de 172 ataques, sobre as bases de reabastecimento do Eixo na África.

A aviação do Egito recebeu grande apoio da estacionada em Malta. Em conjunto afundaram ou avariaram mais de 100 navios, inclusive 11 petroleiros. Naturalmente a Luftwaffe reforçada incessantemente e a Real Aeronáutica não deixaram estes ataques sem resposta. Em outubro de 1942, durante toda uma semana, efetuaram o mais vigoroso esforço para abafar nossa pequena aviação de Malta. Mais de 1.400 incursões foram levadas a efeito contra a ilha, delas participando Messerschmitts Mechis e Re-2001, mas naquela época já possuímos Spitfires em Malta e as operações dessa semana custaram ao Eixo 114 aviões, enquanto nossas perdas foram de 27 Spitfires, de cujos pilotos 14 se salvaram.

O pleno efeito de nossa superioridade não foi notado até Novembro de 1942, quando a resistência das forças do Eixo cedeu por fim e seu exército começou a grande retirada até Trípoli.

Em quanto o exército derrotado se retirava para o Oeste, através da fronteira egípcia, na primeira etapa de sua travessia de 2.330 quilómetros deixava a traz de si um espetáculo de desolação ao longo do deserto.

Todo o caminho desde El Alamein até El Daba e mais para Leste, estava coalhado de restos de veículos incendiados, granadas, canhões, metralhadoras e abastecimentos de toda espécie, que se espalhavam sobre a areia e às margens da estrada. As pistas de aterragem estavam cobertas com aviões destroçados e os depósitos de aviões haviam sido, em alguns casos, abandonados intactos.

Devemos render homenagem ao valor e à resistência das forças inimigas e à habilidade do General Rommel, que lhe permitiu conservar seu exército unido e evitar que a retirada se transformasse em uma fuga desordenada, sob a constante aguilhoadas dos ares.

Aqui temos o caso de uma força aérea que conseguiu superioridade no ar e se emprega não só para infligir perdas à tropas em retirada, como também para desorganizar o exército inimigo a ponto do mesmo não poder oferecer uma resistência prolongada.

Este método de utilização do poderio aéreo não possue nada de novo em si. Aprendemos esta lição na última guerra, no Vale do Strumer e no Passo de Nablus, quando os nossos ataques contra o 8.<sup>º</sup> exército Turco em retirada, acabaram por desintegrá-lo completamente. É interessante observar na situação creada em Outubro de 1942, quando Rommel nos fazia frente através das linhas de El Alamein, muita semelhança com a que teve de fazer face Wavel quando seu exército vitorioso havia atingido El Agheila, muitos meses antes. Cada General com certeza contemplou com entusiasmo seu objetivo imediato: um para Tripoli; outro para Alexandria. Sem embargo, porém, ambos tinham alongado excessivamente suas linhas de comunicação com suas bases e ambos necessitavam reforços e abastecimentos. Mas aí acaba a semelhança, porque quando Wavel se retirou nós continuamos empregando nossas fôrças aéreas ofensivamente contra as fôrças aéreas do inimigo, e portanto, protegemos em grande parte a retirada das nossas tropas: O General Rommel, ao contrário, em sua ampla retirada até Tunis, perdeu a supremacia do ar a tal ponto que nossos aparelhos encontravam fraca oposição quando fustigavam as colunas em retirada. Um estudo minucioso das operações, conduz à conclusão de que a diferença não é devida a nenhuma falta de valor ou deficiêncie combativa da parte da Luftwaffe, e sómente a uma direção errada das fôrças disponíveis por parte do Alto Comando Alemão.

O Exército Alemão esteve bem apoiado no princípio pelas unidades de cooperação aérea e seus bombardeiros em piqué lançados contra nossas tropas avançadas, foram frequentemente muito desagradáveis; porém, a Luftwaffe, foi utilizada, fundamentalmente, antes para auxiliar a progressão do exército que atacar as fôrças aéreas inimigas, com o resultado de que suas operações aéreas lhe custaram muitíssimo e terminaram

em dar como resultado uma falta de aparelhos, que a colocou em grave desvantagem nas últimas fases da batalha.

Acresce ainda, o fato de Rommel não ter utilizado de inicio suas forças para desalojar nossa aviação, tratando em troca de economizar as suas, terminou por ocasionar tais perdas a seus abastecimentos e reforços, enquanto estavam em marcha, que não lhe foi possível crear um exército suficientemente forte para irromper através de El Alamein.

Mais tarde, ante a iminência do fracasso lançou à luta todas as esquadrilhas disponíveis, porém, já era muito tarde. Em um só dia, uma esquadrilha de 14 (J. 36.87), bem escoltados por caças, foi lançada na batalha, para perder nada menos que treze, o chocar-se com uma esquadrilha de Hurricanes.

Chegamos agora à fase final da campanha.

A 23 de Outubro de 1942, nosso exército atacou e penetrou nas posições alemãs de El Alamein. Este avanço foi precedido pela maior das ofensivas aéreas que se tenham lançado, até hoje na África.

A ubiquidade do poderio aéreo ficou bem demonstrada pelo fato de que as forças aéreas que haviam sido utilizadas para martelar os distantes portos da Sicília e da Itália e hostilizar as linhas de abastecimentos, tanto em terra como no mar, foram concentradas, primeiramente, contra os aérodromos inimigos, destruindo suas forças aéreas e depois, no momento crítico, utilizadas em forma local, para ajudar o avanço do exército.

Como bem se sabe, enquanto o 8.<sup>º</sup> Exército Britânico estava avançando contra o General Rommel, grandes forças norte-americanas e britânicas foram desembarcadas em muitos pontos da África Francêsa do Norte e desde esse momento a campanha se desenvolveu em duas frentes principais.

Possuímos já uma grande força aérea no Norte da África, si bem que se achasse ainda muito tolhida em sua ação pela falta de aeródromos.

Além da Real Fôrça Aérea, um considerável contingente das Fôrças Aéreas do Exército dos Estados Unidos havia sido

reunido na África Francêsa do Norte, encontrando-se também operando ali muitas esquadrias da Fôrça Aérea Sul-Africana.

Com tão grandes fôrças aéreas disponíveis foi necessário coordená-las assim que foi possível, de modo que foram agrupadas em três comandos secundários: o Comando Tático, que tem a seu cargo as operações de apoio direto ao Exército; o Comando Estratégico, empregado para castigar o inimigo nos pontos afastados do teatro imediato da guerra e a Aviação de Costas, cuja missão consiste em colaborar com nossas Fôrças Navais, atacando a navegação inimiga e dando proteção contra os navios inimigos, submarinos ou de superficie.

Devemos levar em conta que, si bem que para os fins do Comando e para a divisão de tarefas, fosse conveniente sub-divider as fôrças aéreas disponíveis em "táticas" e "estratégicas", seria difícil delimitar na prática o emprêgo tático e estratégico da arma aérea.

O apoio aéreo de um exército no campo de batalha não se limita à sua intervenção na mesma, tem como objetivo principal o isolamento de toda a zona em que opera o exército inimigo. Si bem que a vantagem desta forma de apoio nem sempre seja tão evidente para os soldados que recebem o maior peso do inimigo, nas linhas da frente, o efeito final sobre o inimigo, cujos portos distantes e aprovisionamentos tenham sido atacados continuamente, é muito mais proveitoso.

Em Tunis, como em outros teatros de guerra da África do Norte, a situação no ar foi o fator dominante. Sómente existiam dois bons aeródromos no norte de Tunis e ambos estavam em poder dos alemães, o que significava que as fôrças aéreas disponíveis, para apoiar os Exércitos Aliados, deviam operar de campos de aterragem consideravelmente distantes do teatro das operaçōes terrestres. Devido a isto, foi impossível dar-lhes escolta de caças e assim, por certo tempo, os alemães gozaram de superioridade aérea local, o que dificultou de muito o nosso avanço.

Esta situação atrazou nossas operaçōes nesta frente, porque, enquanto a Luftwaffe poude enviar grandes reforços aéreos a estes dois aeródromos da Tunizia e apoiar suas fôrças de

terra, não somente com bombardeiros, mas também com caças, nosso Primeiro Exército teve que avançar sem proteção de caças e as forças aéreas que pudemos utilizar tiveram que operar de bases improvisadas situadas a grandes distâncias.

Nossas primeiras dificuldades em Tunis foram devidas em parte à circunstância de que se esperava uma forte oposição por parte dos franceses no Norte da África, de modo que as tropas de choque norte-americanas tiverem prioridade no transporte, sobre as tripulações de terra, as equipagens e os abastecimentos da Real Fôrça Aérea. Foi devido a isto, em parte que a proteção aérea da Real Fôrça Aérea foi escassa, enquanto as forças aliadas avançavam através da Argélia para derrotar as fôrças rapidamente reunidas em Tunis.

O General Arnold, Chefe das Fôrças Aéreas do Exército dos Estados Unidos, declarou que esta circunstância e a falta de aeródromos adequados na zona de vanguarda, impediram que os Aliados utilizassem plenamente o poderio aéreo de que dispunham. Não deixemos esquecer todavia que, devido à inesperada "mudança de frente" de Darlan, nosso avanço foi muito mais rápido do que se havia previsto e que nós tínhamos adiantado, portanto, ao horário pre-estabelecido.

O inesperado curso dos acontecimentos teve consequência ter o General Anderson, Comandante do Primeiro Exército, perdido várias semanas lutando na defensiva, enquanto eram reuidas as unidades aéreas. Concluo deste fato a lição de que as unidades aéreas devem contar com prioridade igual à das tropas avançadas pois que um exército não pode prescindir de proteção aérea, nem siquér durante os primeiros períodos de um ataque.

Um fato digno de ser assinalado é que durante a retirada final das fôrças do Eixo, estas trataram de passar o arado na maioria dos seus campos de aterragem. Também fizeram explodir cargas explosivas em vários logares, espalharam minas e, no geral, fizeram todo o possível para inutilizar os aeródromos.

Mais tarde os aliados se previniram contra esta tática e sempre que foi possível enviavam caças sobre os campos de

tos consideráveis refôrços aéreos chegarem a Tunis, Sicilia e Sardenha. Grandes fôrças aéreas destacadas em consequência, para atacar aeródromos tais como os de Mile e Castelvetrano na Sicilia e também em Decimomannu, Villacidre e Elmed, na Sardenha. Em reconhecimento fotográfico do resultado deste raide, ficou demonstrado que 75 aparelhos foram destruidos em terra.

Um dos dias mais notáveis da guerra no ar foi o de 18 de Abril, quando nada menos de 74 aparelhos foram destruidos em um encontro: 58 "JU. 52" de transporte, 14 "Me.19" e 2 "Me.110".

No total foram destruidos 85 aparelhos inimigos neste dia, contra 11 que perdemos. Na manhã seguinte outros 12 "JU. 52" foram abatidos pela Fôrça Aérea do Deserto.

Torna-se muito difícil estimar a exatidão dos supostos danos causados em uma incursão aérea, uma vez que as operações desta natureza se desenvolvem a velocidade tão consideráveis que não é possível comprovar a sorte corrida pelo adversário em um duélo aéreo. Por outra parte, um aparelho inimigo que se precipita no sólo, sucêde às vezes perder-se de vista em alguma nuvem durante sua vertiginosa queda para o sólo, não sendo possível portanto ser dado como destruído. Outra complicação apresentam os combates travados entre vários aparelhos simultaneamente em um determinado setor, já que as vantagens a que se arrogam os pilotos podem ser contraditórias ou referir-se em alguns casos a um mesmo aparelho inimigo alcançado pelos projetís de vários aviões que compõem a mesma esquadrilha.

Como resultado das experiências feitas na guerra passada, resolveu-se que uma Comissão Especial de Oficiais do Estado Maior deverá pronunciar-se sobre a exatidão de toda a informação, dando como "destruidos" os aviões inimigos, examinando para tais efeitos as informações fornecidas pelos pilotos participantes da operação em referência e também os dados fornecidos pelo pessoal técnico da Real Fôrça Aérea. Tomam-se também por base as fotografias aéreas tiradas durante o combate e a informação dada pelos aparelhos de radioloca-

lização. Em muitos casos as informações recebidas de um setor corroboram ou completam os dados fornecidos por outro setor e como a mesma comissão de exame estuda todos os elementos de julgamento reunidos, é possível chegar deste modo a conclusões positivas e dignas de fé.

A um piloto da Real Fôrça Aérea não é permitido arro-gar-se à destruição de um avião inimigo, a menos que tenha visto o dito aparelho incendiar-se ou se desintegrar no ar. É assim que um avião que tenha sido atingido por nossos projé-tis e que cae sem controle, despedindo espessas colunas de fumo do seu motor, porém, que se tenha perdido de vista, deve ser classificado como "avariado" ou em alguns casos se o su-põe destruído porém, nunca pode ser dado como definitiva-mente destruído.

Nosso sistema pode ser acoimado de severo e preferimos eliminar todo o caso duvidoso a vangloriarmo-nos de um triunfo não merecido, pois, sabemos muito bem que os aviões "des-truídos" pela propaganda, em nãda nos favorecem si a infor-mação não fôr exata.

A última fase da batalha começou a 22 de Abril e nova-mente o primeiro objetivo foi a aviação do inimigo. Nêste dia uma formação completa de gigantescos "Me.323" foi abatida, o que elevou o total de transportes aéreos inimigos des-truídos em duas semanas a 188.

Durante a primeira quinzena seguinte o mau tempo per-turbou seriamente as operações, porém, sempre que foi possí-vel nossos aparelhos foram utilizados, voando a pouca altura, para atacar a navegação inimiga. O Eixo estaya então utili-zando o transporte marítimo por meio de pequenas embarca-ções, com preferência aos grandes comboios, para levar pro-visões e refôrços a Tunis e era mais difícil evitáê este trâfico.

Sem embargo, durante os últimos dias de Abril e os pri-meiros dias de Maio, nossas aviação conseguiu afundar um destróier, um barco mercante de média tonelagem, tres barcos patrulhas, tres barcaças conduzindo petróleo e um navio mer-cante que foi deixado em chamas. Isto não é tudo que sucedeu, ainda que não vos possa dar uma estatística completa, entre as

cifras que me proporcionou o Ministério do Ar, posso citar as seguintes :

1.665 aparelhos inimigos destruidos no ar (nós perdemos 631). 8.403.592 kgs. de bombas arrojadas sobre portos, embarcações e outros alvos.

62 navios afundados por ataque aéreos, incluídos um cruzador, 4 destroiers, 4 lanchas torpedeiras e dois grandes petroleiros.

Quando o Primeiro Exército irrompeu finalmente a 6 de Maio, desbaratando o plano do General von Armin de retirar-se para Bizerta, com o indubitável objetivo de evacuar suas fôrças com a ajuda da frota italiana, o ataque de nossas fôrças de terra foi precedido por um ataque aéreo de violência sem precedentes.

Citarei a parte oficial dada pelo General Anderson a 6 de Maio:

— “O Primeiro Exército, com seu magnífico apoio de nossas fôrças aéreas, iniciou a ofensiva ao Sul do rio Medjerda nas primeiras horas de hoje. Aproveitando o completo domínio do ar e realizando o ataque aéreo mais concentrado de toda a guerra, as fôrças aéreas do Noroeste Africano abriram caminho à vanguarda de nossas unidades de terra. Mais de 2.000 saídas foram realizadas sómente pela Fôrça Aérea Tática, em cooperação direta com o Exército e 17 aparelhos inimigos foram destruidos sobre seus próprios aeródromos.

Nossas operações terrestres foram realizadas sem nenhum obstáculo por parte da aviação inimiga.”

Não temos tempo para acrescentar nada mais acerca das operações realizadas, porém, creio que vos interessará saber algo acerca da tática e métodos que foram adotados por nossa Fôrça Aérea durante a campanha.

Disse-vos já que vos contaria algo mais a respeito do “Regimento da Real Fôrça Aérea”, uma nova formação militar criada há poucos anos, com o fim especial de defender nossos aeródromos. O problema de quem deveria ser o responsável pelo cuidado e proteção de nossos aeródromos, provocou grande número de discussões e no passado foram experimentados diversos

sistemas, com resultados diversos. A experiência nos demonstrou que era absolutamente necessário dispôr de homens que estivessem familiarizados com a rotina de uma Base Aérea, que vivessem e falassem a mesma linguagem dos pilotos e que estivessem familiarizados com o trabalho das esquadrilhas, tanto de dia como de noite.

Desde seus primeiros dias, nossa Fôrça Aérea havia adotado a política de que todo o Oficial e soldado, apto para conduzir armas, devia ser treinado e armado para a defesa das bases aéreas, porém, desde o momento em que uma grande proporção de nossos homens, constitue pessoal técnico cujo objetivo primário é: conservar os aparelhos em condições de alçar o vôo, se considerou necessário além disso, manter uma força permanente de soldados aptos à defesa dos campos de aterragem, para contra-atacar aos que intentassem tomá-los e combater os paraquedistas. Foi assim que, nos dias em que estávamos sendo fortemente acossados pelo ar sobre nosso próprio país e quando as Ilhas Britânicas pareciam estar em iminente perigo de invasão, formamos o "Regimento da Real Fôrça Aérea". Usam uniforme caqui, com barrete da Real Fôrça Aérea ou capacete de aço com uniforme diário e o azul da Fôrça Aérea nas demais ocasiões, com insígnias especiais nos ombros. Atualmente estão equipados com metralhadoras, fuzis e granadas e dispõem de veículos blindados, artilharia antitanque e morteiros.

Algumas seções estão organizadas com baterias anti-aéreas leves e também possuem instrução no manejo das baterias anti-aéreas mais pesadas, quando se dispõem das mesmas.

O grande valôr desta nova fôrça tinha sido demonstrado durante a luta na Líbia, quando tivemos uns 7.000 homens com nossas unidades aéreas. Eles se deslocavam imediatamente atraç das divisões motorizadas que tomavam posse dos aeródromos inimigos. Deviam acabar com a resistência dos grupos que ainda continuavam lutando e colocar os aeródromos em condições de serem defendidos, antes de sua ocupação por nossas esquadrilhas.

O Regimento estava encarregado também da importante e especial tarefa de recolher as numerosas minas espalhadas pelo inimigo e desmontar as armadilhas deixadas pelo mesmo.

O que desejo assinalar particularmente, é que estes homens proporcionam uma força apta para encarar êstes problemas especializados e constituem mais tarde um forte núcleo para a defesa dos aeródromos, que é reforçada si necessário pelos aviadores das esquadrilhas.

Um assunto que nos preocupou consideravelmente no começo da guerra, foi o de obter com suficiente tempo, informações sobre a aproximação de aparelhos inimigos, de modo que pudesssemos dispôr de tempo para que os poucos caças que tínhamos estacionados no deserto Ocidental e perto de Alexandria, pudesse levantar vôo e interceptá-los.

Nosso principal depósito de Aviação, situado a Leste de Alexandria, era muito vulnerável a um ataque pelo ar e facil de ser descoberto, pois, que se encontrava perto do mar. Bombardeiros inimigos de grande raio de ação podiam partir de um aeródromo da Líbia, voar até o mar e atacar Alexandria ou nosso Depósito, praticamente sem ter que voar sobre terra, de modo que podiam em grande parte, escapar à observação em quanto se aproximavam. O problema não era novo, pois, que em muitos aspectos era semelhante ao que enfrentamos quando organizamos a defesa de Londres. A dificuldade foi superada a tempo, sendo espalhados postos de observação tanto no mar como em terra os quais, como fazem na Inglaterra, informam sobre todo o aparelho que passa ao alcance de sua vista, indicando número de aviões, tipo, altura, rumos e outras minúcias. E' claro que, estando ainda em funcionamento esta organização, não posso dar maiores minúcias, porém, o princípio básico consiste em que todos os dados a respeito de aparelhos em vôo, sejam amigos ou inimigos, sejam comunicados a algum comando central. Nestes se encontra um grande mapa da região e sobre êle se assinala a informação proveniente de todas as fontes, de modo que é possível localizar e seguir os aparelhos, indicando o rumo que levam.

Logo pudemos estabelecer estações de rádio-localização em vários pontos estratégicos e isto nos ajudou efetivamente na tarefa de interceptar os aviões que se aproximavam.

Para aqueles dos meus ouvintes que não estejam familiarizados com este moderno invento utilizado em primeiro lugar por nossa organização de sinais, farei uma breve descrição do mesmo. O princípio de que a energia irradiada e refletida, pode ser medida para determinar a posição exata do objeto que a reflete, já é conhecido há tempos. O raio dentro do qual pode ser descoberto um avião, por este método torna possível enviar os caças a tempo para interceptá-los. O que isto significa está ilustrado na batalha da Grã-Bretanha, durante a qual gozamos da vantagem outorgada por certa quantidade de estações espalhadas próximas às costas da Grã-Bretanha, não muito antes de que se declarasse a guerra. A rádio-localização não sómente previne contra a proximação do inimigo de modo que se possam enviar caças sem perda de tempo, como também continua fornecendo informações a cerca dos movimentos do inimigo. Permite que a organização de terra se comunique com os pilotos em vôo por meio da rádio-telefonia, dando-lhes a oportunidade de interceptar o inimigo. Permite que a organização de terra se comunique com os pilotos em vôo por meio da rádio-telefonia, dando-lhes a oportunidade de interceptar o inimigo. Se um dos aparelhos é abatido no mar — seja amigo ou inimigo — a rádio localização a um chamado de um piloto que se encontra no local, permite que a organização de terra assinale a posição exata e ponha em movimento os serviços de Salvação Aéronaval. Uma das maiores diferenças entre a luta nos ares nesta guerra e a de 1914-18 é que enquanto naquela os combates aéreos se deviam em grande parte ao acaso, nesta o piloto de caça é orientado de terra.

Pode falar com os controlos de terra pela rádio-telefonia tão facilmente como os senhores chamam um vizinho por telefone comum e é necessário assinalar que as velocidades ultrapassem 650 quilómetros por hora e que a luta tem lugar a alturas que superam facilmente os dez mil metros.

A reparação e conservação dos aparelhos no deserto foi um problema de considerável preocupação especialmente durante os primeiros dias de campanha. Uma das dificuldades, é que no deserto, não existem caminhos, exceto os que foram construídos ao longo da costa, por nós ou pelo inimigo. Por certo que se encontram algumas vias, porém, não são transitáveis, em geral, pelos veículos pesados e muitas desaparecem de repente durante as tormentas de areia.

Gradualmente desenvolvemos uma organização para reparar os aparelhos e a equipamos com veículos que podiam mover-se sobre a areia sem correr perigo de encalhar. Concluimos que o tipo leve de automóvel, tal com o Ford, com um motor bem potente e grandes pneumaticos "balão" cheios a baixa pressão, podiam chegar quasi a toda parte, sempre que fossem guiados por condutores experientes que soubessem quais areais a utilizar e quais a evitar, onde apertar o acelerador e quando avançar lentamente. Descobrimos, também, que a melhor forma de safar-se dos atoleiros de areia móle, era conduzindo cada um dos veículos umas grades rígidas (feitas naquele tempo com arame de aviação). Esta grade era feita com uma malha de quatro polegadas e fixada entre as rodas traseiras e dianteiras de cada lado. Logo que o veículo começava a enterrar-se na areia frouxa, o condutor baixava as grades utilizando também uma pá si fosse necessário e desenrolava logo uma espécie de esteira de lona de vinte pés, com travessas cruzadas de bambú ou arame, ligadas entre si, colocando-a, na frente do veículo sobre a marcha e as esteiras servem para o condutor conseguir velocidade suficiente para sair do ponto em que se acha e chegar a um terreno mais firme.

Todos os aviões e veículos levavam rações de emergência de alimentos, agua e remédios. Isto era absolutamente necessário, porque apezar de todos os cuidados, ainda em tempo de paz, alguns se perdiam sempre, por alguma falha no motor ou aterragem forçada no deserto.

Mais adiante, á medida que as lições, aprendidas no deserto foram comunicadas à metrópole ou aos Estados Unidos, começamos a receber veículos especiais com tração de lagar-

tas, ou nas quatro rodas, que podiam atravessar qualquer terreno. Cada vez que um avião se via forçado a aterravar no deserto por avaria em combates aéreos ou por falhas mecânicas, outro piloto informava a sua posição e logo um avião socorro aterrava tão próximo ao anterior como o permitisse o terreno para inspecionar e informar acerca do defeito e da possibilidade da realização de reparações provisórias no mesmo local. Si se verificava que as reparações não estavam dentro do que se podia realizar com a equipagem de auxílio se procurava uma unidade móvel de reparações. Esta era constituída de um pequeno comboio de caminhões leves, um hguindaste e um trator.

Podia colocar um novo motor para que o aparelho voasse, ou então este devia ser desmontado e transportado em um rebóque de salvamento.

Obtivemos bons resultados com os enormes tratores e rebóques conhecidos por "Queen Mary", que podiam efetuar quasi qualquer reparo no próprio local ou em caso contrário transportar o aparelho desmontado. Os movimentos deviam ser realizados geralmente à noite, por causa da aviação inimiga.

Considerando em conjunto as operações aéreas durante esta campanha, é interessante examinar a diferença entre o emprego alemão do poderío aéreo e dos aliados

\* A Alemanha, como é bem sabido, criou a Luftwaffe alguns anos antes da guerra, nominalmente como arma independente, porém a realidade estava dominada em grande parte pelo Exército e por outro lado, só muito pouco tempo antes da guerra, pôde desenvolver sua própria tese sobre estratégia e tática aérea.

Era pois natural, em consequência, que os maiores progressos se realizassem na seção da Luftwaffe, que estava destinada a atuar com o Exército e não nos problemas de estratégia e tática aérea, que se não vinculavam diretamente com aquele.

A guerra terrestre foi iniciada, pois, pelo Exército alemão com unidades aéreas altamente eficientes para atuar em cooperação com tanques e infantaria mecanizada, apoiadas por bombardeiros. O emprego de grandes massas de aviões, utilizadas como artilharia volante, que canhoneia e bombardeia as defesas

inimigas, abrindo assim um caminho para os tanques, teve um efeito formidável sobre os exércitos não preparados para fazer face a esta forma de ataque.

Demonstrou sua utilidade este sistema ao pôr fora de combate a Polônia e a França e a ele se devem, em grande parte, os primeiros êxitos da Alemanha na Rússia. Esta concentração de forças para conseguir êxitos táticos permitiu, por certo, aos alemães, obter seus diversos triunfos locais no deserto Ocidental e mais tarde em Tunis, quando realizavam seu perigoso avanço através do Passo de Kasserine. Permite-me sugerir, todavia, que os alemães cometiveram dois erros na utilização do poder aéreo, o que foi causa de terem perdido tanto a batalha da Inglaterra, como a batalha da África do Norte.

O primeiro ponto é fundamental: nenhuma força aérea pode dar efetiva e duradoura ajuda ao Exército e à Armada, sem obter primeiro a superioridade aérea.

Isto significa que a obtenção da superioridade aérea deve ser colocada em primeiro plano e que todos os esforços devem ser dirigidos para este fim. O segundo é que uma força aérea utilizada para conseguir êxitos táticos sómente, não é tão efetiva como outra que possa ser empregada a maior distância, pois, si bem que um exército possa refazer-se de uma derrota local, ainda que acarrete a perda de muito equipamento e uma larga retirada, ao contrário si seus portos e bases são continuamente bombardeados e suas linhas de comunicação interrompidas, pode chegar a encontrar-se em uma situação muito difícil, como sucedeu a Rommel, ainda que prossiga avançando e obtendo êxitos táticos locais contra as forças inimigas.

Os exércitos aliados no Norte da África cometiveram também erros no emprego da aviação, pois, que após a primeira arremetida até além de Bengasi, debilitaram as forças aéreas de que dispunham localmente, a tal ponto, que os alemães puderam reconquistar a superioridade aérea local e utilizar assim seus aviões taticamente para apoiar as forças de terra do Eixo em sua contra-ofensiva. Em outra ocasião durante as últimas etapas da campanha em Tunis, as forças terrestres aliadas se viram em determinado momento severamente travadas por falta de apoio aéreo. Sucedeu que ainda que tendo infli-

gido consideráveis danos aos portos do Eixo e suas bases distantes, mediante bombardeios estratégicos efetuados dos aeródromos disponíveis, os alemães estiveram a ponto de transtornar os planos aliados, ao conseguirem superioridade aérea sobre o campo de batalha e introduzindo uma cunha através das posições aliadas. Felizmente para nós, estes erros foram reconhecidos e daí em diante todas as forças aéreas aliadas disponíveis, foram grupadas sob um Comando Supremo, si bem que sub-divididas em comandos distintos.

Os efeitos do continuo fustigamento das bases de abastecimentos inimigos não se tornaram evidentes imediatamente, porém, se fizeram sentir na última parte da campanha. O súbito colapso do Eixo em Tunis, foi devido por sua vez ao persistente ataque aéreo das linhas de reabastecimento do Eixo e ao fustigamento incessante de seus meios de transporte.

Não considero justo, nem para nossas próprias forças aéreas nem para o inimigo, dizer que sua brusca derrocada em Tunis foi inesperada e devida à desmoralização.

O furioso ataque aéreo aliado durante os últimos momentos da campanha, foi muito pior que o suportado por nossas tropas em Dunquerque, na Grécia ou em Créta e as forças terrestres do inimigo ficaram praticamente desamparadas por sua aviação.

Para dar-vos uma idéia da intensidade do nosso ataque, dir-vos-ei que 1.000 aviões atacaram a 6 de Maio objetivos situados na zona de combate. Neste dia perdemos só dois aviões, enquanto as perdas do inimigo foram 24 aparelhos seguramente abatidos, 4 provavelmente e 11 avariados.

E assim terminou a resistência inimiga no ar. Nossas saídas se elevaram a cerca de 1900 diárias a 8 e 9 de Maio, continuando em escala semelhante até a rendição do inimigo.

Ainda que tenha tributado um elogio ao General Rommel por ter mantido a coesão do Exército durante a larga retirada do Egito e a coragem demonstrada por suas forças, que mantiveram sua eficácia combativa sob um constante bombardeio aéreo, não posso aceitar os argumentos publicados na imprensa do Eixo no sentido de que a derrota final e a rendição

foram devidas às faltas de água e munições e não a uma derrota no campo de batalha.

A verdade é que a estratégia dos aliados, que a princípio se via severamente obstada pelo fato de que suas comunicações eram muito mais longas e perigosas, conseguiu seu objetivo de levar uma força decisivamente superior, ao ponto decisivo e no momento preciso, enquanto que o Eixo, com suas curtas linhas de comunicações com a Europa, não pôde nem reforçar eficazmente seu Exército nem conseguir a vitória em Tunis.

Por outro lado, à medida que o exército de Rommel se retirava sobre Tripoli e mais tarde sobre Tunis, sua posição se tornava favorável para receber reforços de tanques e materiais pesados, além de tropas. A afirmação alemã de que não foram derrotadas no campo de batalha, pois, que careciam de munição, alimentos e água acha-se em flagrante contradição com o fato de termos capturado grandes quantidades de abastecimentos na península do Cabo Bom, em Tunis e em Bizerta.

Em um único depósito encontramos 12.000 toneladas de munições intactas e em outro um milhão de rações para as tropas.

Em minha opinião, pois, a razão principal da derrota do Eixo foi a perda da supremacia aérea e o fato de que os aliados demonstraram sua superioridade tática, tanto no ar como em terra.

Falei longamente sobre a superioridade aérea, a qual, sem dúvida, foi conseguida somente depois de muitos combates no ar, de modo que talvez vos interesse que vos diga algo sobre a missão das esquadrilhas de caça.

Como já expliquei, quando estalou a guerra no Norte da África, nossas poucas esquadrilhas de caça eram compostas de aviões Gladiador, biplanos, de trem de aterragem fixo, com motor radial de refrigeração pelo ar, quatro metralhadoras e uma velocidade máxima de 260 milhas por hora. Este tipo havia substituído na Inglaterra pelos Hurricanes e Spitfire. Infelizmente nossa indústria não estava preparada para a produção de guerra e só depois de se declarar a guerra foi que pu-

demos fabricar esses tipos em bom número e todos foram absorvidos no princípio pela defesa da metrópole.

O Hurricane e o Spitfire constituiram um enorme progresso na aviação de caça. Suas velocidades excediam de cem a cento e cinqüenta milhas as do Gladiator e estavam armados com uma formidável bateria de metralhadoras e canhões. Tratava-se de monoplanos de asas baixas, construídos como resultado de experiência do Ministério do Ar durante um bom número de anos de trabalhos e de experiências e possuíam a grande vantagem de se prestarem a modificações de modo que foi possível aumentar sua velocidade, raio de ação e velocidade de ascensão em várias ocasiões, partindo do desenho original, para mantê-los assim em constante superioridade sobre os novos tipos da Luftwaffe.

Devo explicar aqui que atualmente os aviões estão de tal modo especializados que é praticamente impossível construir um avião de caça que seja o melhor sob todos os aspectos para todos os fins e em todas as alturas. Por isso, os aviões são construídos geralmente, para desempenhar uma tarefa especial e alturas determinadas. Hoje por exemplo, se projetam aviões especiais para os combates noturnos, pois, êstes requerem mais resistência do que maneabilidade. Tal era o Beaufighter, um avião construído especialmente como caça noturno e de longa distância que nos fôra enviado para a África até o final da campanha e que foi amplamente utilizado para atacar os aviões de transporte alemães em vôo entre a Itália e a África. Este avião possui uma velocidade de 330 milhas por hora, um raio de ação de 1.500 milhas e leva quatro canhões na fuselagem e seis metralhadoras nas asas.

Outro ponto que se está tornando cada vez mais evidente reside na importância essencial do vôo a grande altura na guerra moderna. Os Ju. 86 P. alemães, travaram luta com os nossos caças, a alturas que oscilam entre 40.000 e 50.000 pés e estão dotados de cabines acondicionadas.

## O CAÇA-BOMBARDEIO

O emprego que fizeram os alemães dos Stukas que nós chamamos bombardeiros em piqué, lhe foi — como já expliquei — de grande utilidade no começo da guerra. Seus efeitos sobre nossas forças terrestres e navios provocaram a princípio muita controvérsia e se fez pressão junto ao nosso Ministério do Ar no sentido de que devia ser fabricado um grande número de tipos semelhantes. Porém o Ministério provou que o Stuka, si bem que útil para um determinado fim — isto é como “artilharia” a larga distância — era um aparelho especializado e de pouca utilidade para outra espécie de trabalhos. Além disso, os Stukas careciam quasi de defesa contra os aviões de caça e sofriam sérias baixas ao se defrontarem contra defesas de terra bem organizadas.

Como exemplo poderia recordar-vos o ataque dos Stukas contra as posições francêses de Bu-El-Akeim, quando de 38 Stukas atacantes 19 foram abatidos, permanecendo o posto em poder dos francêses.

Em vez dos Stukas nós preferimos o caça-bombardeiro e utilizavamos para esse fim um tipo especial de Hurricanes, armado com quatro canhões e equipado para conduzir bombas. Este aparelho tinha a vantagem de poder combater logo após ter lançado suas bombas.

Na África nós utilizamos os ditos caça-bombardeiros de forma diferente dos Stukas; isto é, os usavamos principalmente para atacar o tráfego inimigo, de dia ou de noite, mas, também para atuar em estreita cooperação com nossas forças de terra.

Como exemplo da versatilidade de nossas forças aéreas na África, vos lerei o texto do comunicado que publicaram num comando local e que tomei por acaso entre um grande número que me foram remetidos pelo Ministério do Ar. Está datado de 2 de Março de 1943 e diz:

“Posto de Comando das Fôrças Aliadas”.

“Sbeitla caiu em nosso poder. Fôrças aliadas, continuando em seu avanço triunfal na zona situada a 20 milhas a Nor-

deste de Kasserine, ocuparam Sbeitla a 1.<sup>º</sup> de Março e penetraram três milhas a leste da cidade.

"No Norte de Tunis os recentes ataques inimigos perderam impulso. Os detalhes das baixas inimigas durante os últimos três dias demonstraram que pagou alto preço em homens e material e que foi contido em todos os setores. Um número considerável de tanques inimigos foi destruído".

"Os ataques contra veículos inimigos, efetuados por bombardeiros Hurricanes e por Spitfires, continuaram ontem no setor Norte e os bombardeiros médios atacaram novamente objetivos em Mateur.

"No setor Sul nossos caças atacaram objetivos no setor Maretti.

"Na noite de 28 de Fevereiro para 1.<sup>º</sup> de Março, nossos bombardeiros atacaram o cais de Bizerta.

"Fortalezas Voadoras realizaram ontem dois ataques contra objetivos em Palermo, na Sicília. Viu-se o arrebentamento de muitas bombas na zona portuária e foram alvejados inúmeros navios.

As pontes ferroviárias em Le Hennecha, entre Susa e Sfax, foram bombardeadas de baixa altura. "Vinte e cinco aparelhos inimigos foram destruídos ontem e dois durante a noite de 28 de Fevereiro para 1.<sup>º</sup> de Março. "De todas essas operações, quatro de nossos aviões não voltaram às suas bases".

#### TÁTICAS DE COMBATE :

E, uma palavra agora sobre a tática de combate. Desde a guerra passada se produziram grandes mudanças, devidas principalmente à velocidade dos aviões modernos. Na guerra anterior, quando a velocidade dos caças não excedia de 140 milhas por hora, os pilotos deviam realizar complicadas manobras, girando uns ao redor dos outros como dois "boxeurs" que fazem finta procurando uma oportunidade para atacar.

Atualmente, com velocidades de 400 milhas por hora, os aviões se aproximam com incrível velocidade e sua oportunidade de conservar o inimigo no campo de tiro é extremamente efêmera. Além disso, a 400 milhas por hora é impossível fa-

zer curvas fechadas e ainda mudar de direção bruscamente sem graves riscos, de modo que o essencial no combate aéreo é o fator surpresa: disparar antes que o inimigo perceba sua presença e nunca deixar que este o surpreenda. Com este objetivo se utilizam com frequência o sol e as nuvens e os pilotos nunca voam sós. Os de caça geralmente operam aos pares, sendo responsável o n.º 2 pela vigilância da retaguarda do n.º 1 e de não abandoná-lo em caso algum. As formações de caça tendem atualmente cada vez mais a agrupar-se em retângulo ou em linha horizontal do que a adotar a distribuição em "V" utilizada na guerra passada. As formações de caças e bombardeiros geralmente têm proteção de cima, isto é, outra formação de caças que os escolta a maior altura para prevenir o ataque de uma formação inimiga desta direção. Os alemães são muito aficionados à tática de engôdo e o chefe de uma esquadilha que se lance em "pique" contra um ou dois aviões alemães que aparentemente se apresentam como alvos, sem olhar primeiramente para cima, é provável que terá de se encontrar breve numa situação de muito perigo.

Devemos reconhecer que até o fim da campanha, os aliados possuíam não sómente a superioridade aérea, como também um grande número de aparelhos disponíveis para seu emprego em muitos e variados fins.

Foi organizado, por exemplo, um Serviço de transporte Aéreo no deserto, composto não somente por um grande número de aviões de transporte propriamente ditos, como também por todos os aparelhos que podiam ser economizados, em outras operações. Este serviço de transporte foi de enorme valor para o abastecimento do Oitavo Exército durante seu extenso avanço no deserto ocidental. O serviço era executado conjuntamente pelas Forças Aéreas Norte-Americanas e pela Real Força Aérea. Para dar-vos uma idéia da utilidade deste serviço, apresentar-vos-ei algumas cifras:

— Em Novembro de 1942, no curso de um mês de operações, um milhão de libras de víveres, água, nafta, munição e equipamento de toda a espécie e cerca de 900 passageiros, foram transportados para a vanguarda e 1.300 feridos proceden-

tes das zonas avançadas foram transportados pra os hospitais. Mais tarde durante os últimos momentos da campanha de Tunis e quando reinava mau tempo, unidades de vanguarda, que de outra maneira se teriam visto isoladas, por causa da intransitabilidade dos caminhos montanhosos, foram abastecidas frequentemente pelo ar.

Outra ação muito interessante das operações finais foi o bombardeio em massa, com o fim de se abrir caminho através das defesas inimigas e dos campos minados. A 6 de Maio de 1943, em frente a Massicault, aviões aliados foram empregados em um bombardeio concentrado contra um corredor de quatro milhas por mil jardas, para abrir nele uma passagem para nossos tanques.

A maior parte dos bombardeios foram executados por grande número de aviões que operavam em formação cerrada e que lançavam simultaneamente suas bombas a um sinal do chefe. Nesse dia se realizaram 2.500 vôos, lançando-se mais de um milhão e um quarto de libras de bombas.

Outro aspecto interessante foi o emprego de uma ala de bombardeiros ligeiros que se mantinha na expectativa para ataques oportunos contra alvos momentâneos. Deste modo um objetivo favorável, tal como uma coluna de veículos de transporte, grandes movimentos de tropas inimigas ou a chegada de um comboio num porto, depois de terem sido assinalados por aviões de reconhecimento, podiam ser atacados em grande vigor.

Desta forma o comando aliado tinha uma arma de longo alcance com que acertar golpes ao inimigo onde pudessem ser mais proveitosos.

Naturalmente à Infantaria e às demais forças de terra se ensina a aproveitar plenamente as possibilidades de occultar-se, de modo que não sejam vistas pelos aparelhos inimigos e os alemães utilizaram convenientemente os movimentos. Este fato era bem sabido por nossos aviadores, que lançavam milhões de bombas sobre todos os esconderijos possíveis, com efeitos devastadores.

Na última parte da campanha, contamos com um tipo especial de esquadrilhas adestradas e equipadas para os ataques

contra tanques inimigos. Tínhamos canhões Browning e canhões foguetes, armas especiais recentemente adaptadas para serem usadas contra veículos couraçados.

Alguns dos aviões levavam também bombas. A principal dificuldade nesta classe de operações era conseguir o recebimento de informação exata e rápida sobre um objetivo e como transmiti-la à esquadrilha que estava à espera da ordem de ataque.

Outra dificuldade que se teve frequentemente foi como reconhecer nossos tanques e veículos e obter a absoluta certeza de que determinado alvo era inimigo. Esta dificuldade é tanto maior si recordarmos que no deserto existem quasi sempre grandes nuvens de pó que correm próximas ao solo, não sómente impedindo a visão como também cobrindo tudo com uma fina camada de areia. Além disso, e para acrescentar mais complicações, os alemães e italianos fizeram uso de um certo número de tanques e veículos que caturaram nas primeiras etapas de batalha e dos quais tinham retirado, naturalmente, nossos sinais.

Nossa aviação sofreu muito poucas baixas durante estes ataques, pois a maior parte do fogo anti-aéreo procedia normalmente de veículos mais leves que acompanhavam os tanques e que eram atacados independentemente ou passados de largo, se não encomodavam.

Antes de terminar devo dizer-vos algo sobre o trabalho executado por nossas fôrças de costa, entre cujas responsabilidades se contava a proteção de nossas comunicações marítimas.

Aqueles dentre vós que possuirem experiência administrativa compreenderão a importância que tinha para o êxito de nossas campanha na África, a proteção de nossas comunicações marítimas. O maior trabalho para esta tarefa corresponde às forças navais aliadas, porém, devemos ter presente que nossas fôrças aéreas da costa desempenharam também um papel muito importante. Como exemplo, poderia mencionar que nem um só de nossos navios foi afundado à luz do dia, enquanto viajava protegido pela aviação. Este é o melhor elogio aos pilotos de escolta, que geralmente não têm muito entusiasmo

# SERVIÇO de REEMBOLSO POSTAL

A DEFESA NACIONAL, visando facilitar aos seus sócios e assinantes a aquisição de livros — militares ou não — à venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu, na sua Secção de Publicações, o serviço de ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.

Os livros solicitados serão remetidos mediante o simples pedido, e o pagamento feito na agência postal da localidade onde se encontra o destinatário, na ocasião da encomenda.

As despesas relativas ao SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO, serão incluídas no valor do pedido.

A toda encomenda acompanhará a fatura respectiva.

Para facilidade do serviço, os pedidos devem ser feitos nesta ficha.



*Este número publica a relação dos livros à venda na Secção de Publicações de A DEFESA NACIONAL.*

por esta espécie de trabalho, que requer escoltar barcos que marcham na vigésima quinta parte da velocidade de seus aviões.

Outro tipo bastante monótono de trabalho, em cujo serviço as fôrças aéreas voaram milhões de milhas, foi o muito importante da caça anti-submarina.

A distribuição dos submarinos alemães e italianos variava de acordo com a situação estratégica e a disposição de nossas fôrças deviam ser modificadas do mesmo modo.

Durante as etapas finais houve uma concentração de submarinos do Eixo na frente da costa Noroeste da África e no Mediterraneo Ocidental, aos quais tivemos que enfrentar. Si considerarmos que um submarino moderno pode submergir em trinta segundos e que o raio mortífero de ação de uma carga de profundidade não excede de 18 pés, compreenderemos a dificuldade a que fizemos face na caça de submarinos. Não obstante, nossas patrulhas afundaram um bom número destes barcos e obrigaram maior número deles a se manterem submersos, onde ficaram por algum tempo inofensivos. Entre os tipos de aparelhos mais utilizados nesta espécie de trabalho se encontra o Sunderland, hidroavião de grande raio de ação capaz de permanecer no ar cerca de dezesseis horas; tem uma autonomia de voo de três mil milhas e pode defender-se perfeitamente com suas três torres giratórias automáticas. Leva uma tripulação de onze homens e possue duas pontes, com uma sala para oficiais e compartimentos separados para os inferiores, assim como um fogão com um pequeno forno, geladeira, etc.

Porém este não é o único papel defensivo que corresponde às fôrças aéreas de costa. Seus aviões conjuntamente com os os da fôrça aérea estratégica, levaram a cabo uma luta continua contra os transportes do Eixo no Mediterraneo.

Durante doze dias, por exemplo, entre 21 de Abril e 2 de Maio, nossos aviões afundaram 14 navios do Eixo, incendiaram 20 e avariaram 10. Entre os navios afundados ou incendiados se contavam um cruzador e dois destroiers.

Como é bem sabido, porém, o Eixo não dependia exclusivamente de seus transportes marítimos para a condução de seus abastecimentos; empregaram também um grande número

de aviões de transporte entre a Italia e a África do Norte. Algumas de nossas esquadrilhas se dedicavam, durante as últimas fases da campanha, à caça e destruição desta frota de transporte aéreo. Entre 5 de Abril e o fim deste mês, foram abatidos 193 aviões de transporte. Calcula-se que este número de aviões teria transportado 636 toneladas de material ou mais de 6.000 soldados completamente equipados.

E, este, senhores, o fim da descrição que me coube fazer-vos. Porém, o que conseguimos durante esta larga campanha, apesar de nossos erros, fracassos e não poucas desilusões ?

Conseguimos a eliminação de 341.000 soldados do Eixo, dos quais 248.000 foram feitos prisioneiros entre 5 de Maio e o final da campanha; além disso, tiveram 50.000 mortos e 43.000 prisioneiros antes de 5 de Maio.

A ocupação de toda a África do Norte significa que de agora em diante podemos utilizar o Mediterrâneo praticamente sem receio de ataques inimigos.

Senhores: Como aviador que sou, tratei naturalmente com minúcias os aspectos da campanha que se relacionam com o papel desempenhado pelas forças aéreas; porém não desejonhei o trabalho executado pelas esquadras aliadas, que protegeram milhares de quilômetros de comunicações marítimas e permitiram que nosso exército fosse transportado e abastecido a tão longa distância de suas bases principais, nem tão pouco ignorei o trabalho dos exércitos que combateram através de centenas de milhas de deserto, tanto em retirada como vitoriosamente, porém, penso e afirmo que a história há de provar que nesta campanha a ação das forças aéreas, foi o fator dominante e inverteu os papéis a nosso favor. Considero que a cooperação dos três serviços nas últimas etapas da campanha foi perfeita. Porém, ela só foi conseguida à custa de erros e fracassos iniciais e tivemos que aprender à custa de nossos próprios erros.

No que se refere ao ar, como pudemos derrotar a aviação do Eixo? O inimigo poderá dizer que isto se deve à nossa esmagadora superioridade numérica. Porém não é assim, pois,

como já vos disse, nós começamos a campanha com uma situação de grande inferioridade numérica e com equipamento inferior ao de nossos inimigos. Acresce ainda que, durante o curso de toda a campanha, foi muito mais fácil para o Eixo reforçar suas esquadrias da Sicília e da península italiana, do que para nós aumentar nossas forças desde a Inglaterra, circumnavegando ou atravessando a África, ou das remotas plagas da América do Norte.

Não vou proclamar a vitória para nossas forças aéreas afirmando que nossos aviadores foram mais valentes ou mais capazes do que os inimigos, pois tenho a suficiente experiência pessoal de sua aviação, para saber que seus homens combatem com valor, habilidade e ardor. Não, não foi esta a razão de sua derrota.

Na minha opinião, a guerra aérea na África foi perdida na batalha da Inglaterra, onde a aviação esqueceu alguns princípios fundamentais da guerra aérea, o principal dos quais é que, antes de conseguir a supremacia aérea ganhando a luta no ar, não se poderá prestar ajuda efetiva e duradoura ao Exército ou à Armada. Além disso — e esta é talvez a principal razão — porque durante os vinte e cinco anos que precederam ao deflagrar desta contenda, nos preocupamos mais com o desenvolvimento técnico e científico da arma aérea e em saber como utilizá-la, do que com a simples expansão das nossas forças.

Em conclusão, só me cabe agradecer-vos o haverdes escutado tão pacientemente essa longa conferência e espero que tenhais encontrado nela alguns pontos de interesse.

Não duvido que sabereis apreciar os inconvenientes que tive de afrontar ao preparar esta dissertação, assim como os limites que me impõe o fato de que ainda estamos em guerra.

Joinville, 9 de Dezembro de 1943.

# BOLETIM

Numa exposição oficial, realizada em junho proximo passado, em Buenos Aires, figurou o "tanque" protótipo, D. L. 43, de fabricação argentina.

Eis algumas características da nova arma do exército vizinho: peso: 35 toneladas; velocidade: 40 quilometros por hora; armamento: um canhão de calibre 75, com uma velocidade de fogo de 10 disparos por minuto, desenhado para ser utilizado na torre do tanque — 4 metralhadoras, uma das quais de calibre 12,7 e as restantes de 8 mm; blindagem: projetada para assegurar a proteção contra as armas leves e pesadas de infantaria, e médias de artilharia; tripulação: 5 homens (1 chefe de carro, 1 radio-telegrafista, 1 artilheiro, 1 ajudante, 1 motorista); transmissões: possue um sistema de comunicações interiores que permite manter em permanente contacto todo o pessoal do veículo, e a comunicação exterior é feita pelo rádio; potência do motor: 500 H. P., com uma autonomia de 250 quilometros.

A fonte desses informes, a "Revista del Suboficial", anuncia que desse tanque protótipo foi construída "uma série, cujo número e destino permanecem em absoluta reserva."

\* \* \*

Amador Cysneiros, que integrou as Forças Expedicionárias, na Justiça Militar, de retorno ao Brasil, publicou no "Diário de Notícias" uma série de interessantes crônicas fixando aspectos da viagem e da vida dos nossos soldados na Itália. Veja-se, por exemplo, como se processa a limpeza do material do rancho, após a refeição: "Finda a refeição, depositamos num buraco os restos dos alimentos líquidos e neutro, ao lado, os restos dos alimentos sólidos. Depois, formamos nova fila e passamos diante de tres grandes tinas de ferro galvanizado, colocadas sobre uma trempe, onde ardem achas de lenha que esquentam as soluções que nelas se contêm. Na primeira, ha uma solução de potassa forte e ao lado uma escova de grande cabo com a qual se removem os ultimos detritos da refeição aderidos à marmita; na segunda, ha uma solução de sabão e na terceira, agua pura. Enfiamos pelo cabo da marmita a parte superior da mesma, o talher e o caneco. Submergimos tudo isso na primeira tina, praticando um movimento giratório, rápido, durante alguns segundos, afim de eliminar toda a gordura; depois, na segunda tina, onde desaparece a potassa e, por fim, na ultima, esterilizando completamente a baixela de campanha".

\* \* \*

Houve tempo em que certas vozes proclamavam, com grande desenvoltura, que o nosso comércio com a Alemanha nazista nos era altamente favorável. Os mais avisados sabiam que a verdade era bem o oposto disso, que a absorvente e falsa economia nazista só tirava partido das

trocas comerciais conosco. E agora temos a palavra oficial a respeito. No "Conselho Federal do Comercio Exterior" o Ministro Mario Moreira da Silva, passando em revista o comercio exterior do Brasil, no ultimo decenio, assim se externou:

"Nosso maior fornecedor era então a Alemanha, que deslocara a Grã-Bretanha no fornecimento de grande numero de produtos ao nosso mercado. Mesmo os Estados Unidos da America tinham perdido a primazia em nossas compras no exterior. No entanto, nosso intercambio com os germanicos era inteiramente desfavoravel a nós, e, nos anos em que mantivemos intenso comercio com aquele pais, os elevados saldos de nossa balanca comercial, com o mesmo foram negativos."

\* \* \*

Uma grata e significativa novidade para os estudiosos do Exército: por iniciativa do Cel. Danton Garrastazu Teixeira, vai ser instituido pela Biblioteca Militar um premio de Cr\$ 35.000 para a melhor obra que fôr apresentada sobre a batalha dos Guararapes, por occasião do seu tri-centenario, a ser comemorado em 1948.

\* \* \*

Os germânicos, depois daquela dissipação de arrogancia, nos gordos tempos da "blitzkrieg", entraram francamente na fase das queixas e lamentações. Tambem deram para querer imitar os seus "desprezíveis" inimigos: a toda hora concitam os nazistas a reproduzirem a resistência moral dos britânicos; asseguram que farão guerrilhas na Alemanha, à medida que esta fôr sendo ocupada; e quanto a Berlim, cuja sorte está selada, prometem que será uma segunda Stalingrado. Vá promessa! Quem não vê que as condições são completamente outras e outros os homens. Em todo caso, para os que por ventura estejam iludidos a esse respeito, valerá a pena transcrever as observações do comentarista militar que se assina Strategicus. Dix ele: "As circunstancias são diferentes. Quando os russos resolveram deter Von Paulus na heroica fortaleza do Volga, dando ao mundo um exemplo sem precedentes, tinham, à sua retaguarda um territorio imensamente maior do que aquele já ocupado pelos alemães. Seus flancos se apoiavam em Murmansk, ao norte, e no Caucaso ao sul. Através desses dois extremos recebiam suprimentos que lhes enviam, em longos comboios marítimos, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Podiam recuar, se preciso fosse, até o outro lado dos Urais porque havia espaço bastante para uma resistência sem fim! A Alemanha é, ela propria uma praça sitiada. Seus contactos com o mundo estão reduzidos a duas precarias frestas por onde nada mais pode receber — a Suíça e a Suecia. Atacada por todos os lados, não tem propriamente uma retaguarda, mas um centro cuja área diminui progressivamente e cujo nucleo é Berlim. Quando esse núcleo fôr cercado, não haverá para onde mover-se manobrando diante do inimigo, nem de onde receber socorro e abastecimento. A resistência suicida poderá, sem duvida, retardar a ocupação, mas não repetir a gloriosa defesa de Stalingrado."

*Estas as ponderações fundamentadas de um observador. Os fatos iminentes comprovarão de que lado está a razão...*

\* \* \*

Os japoneses antes de conhecerem a guerra moderna, contra um inimigo equipado que os está esmagando metodicamente, conheciam as guerrilhas chinesas, feitas de astúcia e tenacidade. E nessa forma de luta muito cedo verificaram a sua impotência. Há uns versos de 1940, em que os próprios soldados nipônicos assinalavam o seu logro:

1

Nós somos as vítimas do Quarto Exército,  
que faz a guerra de guerrilhas com fantasmas,  
que destroem nossos caminhos e nossos fios de transmissão,  
e depois, quando nosso grande exército chega,  
nenhum deles está à vista..."

\* \* \*

#### Últimas publicações da Biblioteca Militar:

A Missão do Cruzador José Bonifácio, pelo Comt. Frederico Vilar. Trás a seguinte indicação na página de rosto: "Subsídios para a História Militar do Brasil"; na verdade, porém, é um livro de menor interesse para os leitores da Biblioteca Militar.

Emprego Tático do Batalhão de Transmissões, pelo Major Adalardo Fialho. Com este trabalho têm os assinantes da Biblioteca Militar os volumes LXXXVI e LXXXVII. Livro de alto merecimento, mas, por sua própria natureza, de interesse limitado, ou pelo menos remoto, para a maioria dos assinantes da B. M., deixa-os por isso mesmo em jejum prático durante dois meses...

\* \* \*

Os abastecimentos de origem anglo-americana, que chegam à Rússia pela rota do Ártico ou através da Pérsia, antes de chegarem às frentes de combate ainda fazem percursos imensos. De Murmansk devem viajar 1.200 quilometros por via-férrea até Leningrado e daí pelo menos 800 quilometros até a área de Varsóvia; da Pérsia eles se dirigem aos portos ou terminais de estrada de ferro ao sul do mar Caspio e, para alcançar a Hungria devem percorrer cerca de 2.500 quilometros através de dois mares interiores, e das estradas de ferro rumenas aos Cárpatos.

Com o pensamento nessas dificuldades, que são apenas algumas das gigantescas dificuldades de abastecimento da frente oriental, sofremos as nossas impaciências quando os avanços russos não se processarem ininterruptamente.

\* \* \*

Últimos regulamentos editados e expostos à venda pela Biblioteca Militar: I.O.T. (Instrução e Organização do Terreno) — 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> partes; R. P. I. Q. T. (Regulamento Provisório para a Instrução dos Quadros e da Tropa).

\* \* \*

"Vida dos correspondentes de guerra" é o título de uma série de crônicas de Murilo Marroquim, correspondente brasileiro na frente oci-

dental. Nessas crônicas relata algumas realidades, ora pitorescas ora amargas, da vida dos correspondentes de guerra. Em uma delas, exemplificando os rigores da censura militar, reproduz um diálogo com o censor inglês, o qual é uma delícia, inclusive porque focaliza o conceito britânico sobre a inteligência alemã. Eis o texto de Murilo Marroquim:

"Quando da ofensiva britânica para limpar o sul do Mosa e em consequência libertar o porto de Antuerpia, escrevi exatamente que o objetivo era libertar o porto de Antuerpia. E o resultado foi este diálogo:

Censor — Mr. Marroquim, a contragosto vou cortar o objetivo da ofensiva.

Correspondente — Mas, ouso insinuar que toda ofensiva tem um objetivo natural, sobretudo no caso particular desta.

Censor — Admito, mas neste caso particular, as coisas naturais não podem ser tratadas naturalmente.

Correspondente — Contudo, esse deslocamento de forças é óbvio, sobretudo para os alemães.

Censor — Estimo ser um excesso de gentileza de sua parte, Mr. Marroquim, julgar que os alemães podem apreender as coisas óbvias...."

E o objetivo, implacavelmente cortado, provou a firme convicção do censor britânico.

\* \* \*

O Gen. Silva Rocha agradeceu ao Cel. Lima Figueiredo a oferta de "Grandes Soldados do Brasil" com esta carta de conteúdo tão vivo e inteligente :

"Cada dia estou mais agarrado ao seu livro "Grandes Soldados do Brasil". Os nossos heróis descritos por ti, movem-se, chegam quasi a falar e agem produzindo uns grandes feitos. Tenho-os presentes e, às vezes, desconfio que estão olhando para mim."

\* \* \*

O correspondente de guerra brasileiro, que se assina "Veterano", enviou outro dia, ao "Correio da Manhã", uma nota viva e aguda sobre a "Psicologia do Brasileiro", mas cujos termos, em certas passagens, merecem o nosso veemente reparo.

Depois de dizer sobre o nosso soldado que ele "não nasceu guerreiro — é simplesmente homem, homem até debaixo das aguas, com neve ou sem neve", o que de certo modo aceitamos, porque é uma forma de exprimir que não somos militaristas, passa a compor umas referências estranhas: "Ele não sabe nem ler nem escrever, ou sabe tão pouco que é quasi nada." — "Não nasceu para soldado, mas é homem para qualquer alemão que apareça".

— "Não contem com ele para modelo de aprumo militar. Ele é, por natureza, mirrado, desengonçado, e quando calha, só tem um dente."

Convenhamos que essas referências deprimentes podiam ter sido evitadas, até porque compõem uma caricatura extremamente grosseira e deturpada do nosso soldado da F.E.B. Sabidamente aqueles bravos foram cuidadosamente selecionados, não são de modo algum esse rebulhalho descrito.

# LIVROS NOVOS

*Psicologia — Recrutamento — Instrução (sugestões) — Tenente Otávio Alves Velho — Imprensa Militar — 1944.*

Este ensaio, que foi publicado em primeira mão na "Revista Militar Brasileira" e depois se emancipou numa "plaque editada pela "Imprensa Militar", coloca no tabuleiro da discussão os clássicos problemas do recrutamento e da instrução militar. Só por isso já atraria o nosso interesse. Porém, mais do que pelo tema em si, o estudo do Ten. Otávio Alves Velho se impõe pelas suas qualidades intrínsecas. Mais do que a eleição de um grande assunto, mais do que a reabertura de outros problemas sepultados na rotina, é importante a orientação seguida pelo autor no seu trabalho.

Essa orientação pode ser considerada revolucionária, se tivermos em conta o recuado estágio em que nos deixamos ficar, em matéria de pedagogia. Por isso mesmo o autor, por precaução, adicionou ao título do ensaio a referência: "sugestões". E assim, com tais passaportes, o Ten. Alves Velho pode dizer o que é preciso dizer. Fá-lo, todavia, sem dogmatismo, sem arrogância, o que é, aliás, a marca dos espíritos colocados acima do charlatanismo.

Sua maneira de encaminhar a discussão das questões mais delicadas é inteligentíssima: vai lançando interrogações e de perrengue introduz argumentos já então irrecusáveis.

De inicio vemô-lo perguntar: "Como compreender que se dispenda tanto tempo no estudo do material — sua organização, funcionamento e emprêgo — e não se cogite do estudo do homem?" E' que deseja focalizar a falha "de não figurarem, nos programas de formação técnico-profissional de nossos quadros, as duas cadeiras básicas para quem se destina ao mister de *instruir e comandar*, na paz e na guerra: — a Psicologia e a Pedagogia".

Ora, continua o autor, "por mais que evolua a técnica e se aperfeiçoem os meios e processos de combate, é indiscutível — acaciano mesmo — que o elemento primordial da luta armada será eternamente o homem." Acresce ainda a ação social do Exército que "é, particularmente no Brasil, ampla e multiforme, mesmo nas condições normais de paz."

Faz-se mister, destarte, que os instrutores e sobretudo os comandantes de sub-unidades sejam confrontados em "um minimo de conhecimentos de pico-técnica e pedagogia que lhes permitam, não só

acompanhar e executar as diretrizes traçadas pelos órgãos superiores como igualmente adaptá-las às variações individuais naturalmente apresentadas por seus subordinados, escolhendo os processos mais convénientes para a instrução de cada um, dentro do método geral preconizado. Também deverão saber distribuir as tarefas por seus auxiliares, conforme as aptidões, capacidade e inclinação pessoal de cada um."

Sabidamente os cursos não incutem nos nossos oficiais esse *mínimo* de conhecimentos psico-técnicos, e então se exercitam eles na improvisação de recursos, na criação de variantes, no inventar de meios. "Porem — considera o Ten. Alves Velho — por trás de tudo isso quanto tempo e energia malbaratados? Quão melhores não poderiam ser os resultados se abandonassemos o *auto-didatismo* em que se vêm formando gerações intermináveis de instrutores, mestres na mais lídima acepção do termo?"

Registrando o avanço da Escola de Educação Física do Exército, que incluiu no seu curso a cadeira de Pedagogia e estabeleceu o grupamento homogêneo dos instruendos para o treinamento físico, lança as seguintes perguntas, cujas respostas, insofismáveis, conduzem o leitor à consciência do erro, ou se quizerem, do atraso em que nos encontramos: "Por que não fazer coisa semelhante (refere-se ao grupamento homogêneo) — simples, objetiva e científicamente correta — no que diz respeito à parte psicológica? Não será, porventura, tanto ou mais necessário o grupamento homogêneo sob o aspecto psíquico (moral e intelectual) do que no relativo aos caracteres somato-fisiológicos? Se há graves riscos para o indivíduo em submeter seu organismo a esforços superiores às suas limitações materiais não os haverá — e até bem maiores — no querer que homens de idade mental diversa, de capacidade de apreensão desigual, acompanhem um mesmo ritmo de aprendizagem? Sem falar na eventualidade da eclosão de complexos negativos no íntimo do soldado, não serão enormes os prejuízos para a sub-unidade, a unidade e mesmo para o Exército inteiro? Se existe o grupamento dos *poupados físicos*, como não crearmos — com mais ponderáveis razões — o dos *retardados mentais*?"

Os benefícios do grupamento psíquico incidiriam imediatamente "tanto no adiantamento da instrução (em ritmo e intensidade) e no grau de adestramento da tropa (que se tornaria mais homogênea, maneável e coesa) como no estado disciplinar da mesma."

Sobre esta última parte, então, haverá muito o que meditar. Até hoje temos exercitado um sistema disciplinar rígido, cujo mecanismo punitivo timbra em fazer abstração de indivíduo. Só uns poucos oficiais, mais esclarecidos, procuram ver os faltosos especificamente. No entanto, "se soubermos que um soldado possue a idade mental de 7 ou 8 anos apenas, e que outro é mentalmente adulto não inculparemos,

sem demorado estudo, o primeiro das faltas do segundo, nem tampouco colocaremos este no mero papel de cumplice ou testemunha inocente." E, ajunta o Ten. Alves Velho, "para a Justiça Militar seria, sem duvida, de incalculavel valia a identificação dos soldados sob os aspectos de *personalidade, temperamento e desenvolvimento mental* — muito mais do que o burocratico fichamento dectiloscopico."

Podem doer, e doem certamente essas observações, mas não ha melhor meio de corrigir erros senão denunciando-os e discutindo-os.

Outro ponto focalizado no meio que apreciamos, é do auxilio da psicotécnica no recrutamento militar. O autor vale-se da experiecia norte-americana, não sem antes advertir que será perigoso querermos limitar-nos a copiar aquilo que lá foi feito", porque "todos os dados do problema são diferentes — educação do povo, organização social, habitos de vida e alimentação, padrão economico, atividades civis dos cidadãos, organização militar etc." Em suma, como fixa muito bem, não se trata de tomar um *modelo*, mas apenas um *exemplo*. Dentro desse criterio menciona o trabalho, nunca interrompido, dos serviços de seleção do pessoal no exército americano e refere-se ao dicionário de profissões, "abrangendo a totalidade das formas de atividade" do povo, acentuando que "paralelamente, foi organizada uma coleção de testes relativa a cada profissão", "pois lá, como em nosso pais, é comum se encontrar um cidadão que já teve umas seis ou dez profissões e não sabe dizer em qual é mais capaz: — o Exército se encarrega de resolver a duvida no momento mesmo da apresentação, e encaminhá-lo para onde poderá trabalhar mais de acordo com seus pendores e talento." Assim, o primeiro ato à apresentação do conscrito vem a ser: "exame medico-psicologico; determinação da idade mental, temperamento e traços gerais da personalidade; verificação de suas habilitações e possivel aproveitamento militar; fichamento."

O Ten. Alves Velho, não querendo talvez espartar as possibilidades praticas de alguma realização nacional, nesse terreno, pleiteia, parcimoniosamente, que se promova desde logo "uma adaptação deste método ao recrutamento para as escolas de formação de oficiais, bem como à escolha de arma e especialidade dos mesmos." Vai mais alem lobi-gando na nova Escola Militar uma excepcional oportunidade "para se transformarem os métodos de ensino e o proprio *curriculum* academico daquele estabelecimento." A seu ver, "não só a Psicotécnica e a Pedagogia poderiam substituir cadeiras já obsoletas ou sem o mesmo alcance profissional para os futuros subalternos, mas tambem outras, como por exemplo a Geografia Militar, já ensaiada com êxito no Realejo, em certa época."

Idéias todas muito justas, como não se pode, em sã consciênciia, deixar de reconhecer. O unico reparo seria à redação. Na forma por

que se apresenta, indica antes que também a Geografia Militar se inclue entre as matérias "já obsoletas ou sim o mesmo alcance profissional.

Depois de assim examinar "os reflexos da preparação psico-pedagógica em todos os setores da atividade militar", o Ten. Otávio Alves Velho encara o problema da execução das suas idéias, como quem raciocinasse:

— Se não é possível negar-me razão, provavelmente negar-meão possibilidades práticas.

Aliás, enveredando por esse caminho, revela extraordinário conhecimento da realidade ambiente.

Para atalhar a infalível objeção de que nossos recursos são curtos e que essas soluções são luxo de rico, argumenta que quando escasseiam as verbas, e o material é exiguo, tanto maior deve ser o interesse em aumentar a eficiência do trabalho e reduzir os tempos mortos, as tentativas frustadas, as energias perdidas, o dinheiro gasto inutilmente com indivíduos que não estão aptos a fazer o que deles se exige."

Quanto a pessoal especializado para iniciar-nos na psico-técnica indica, habilmente, que, "assim como o Exército tem fornecido seu cabedal e experiência para orientar a educação física e a criação da indústria pesada entre nós, do mesmo passo que deu e dá o seu labor para abrir estradas, construir pontes estender linhas telegráficas, devassar sertões e civilizar regiões inóspitas e insalubres, assimilar e integrar em nossos meios os imigrantes e seus descendentes, alfabetizar milhares de patrícios e realizar tantas outras obra de benemerencia cívica, social e humana — nada mais justo do que agora dada a prenúncia com que urge solucionar tão relevante problema de organização e instrução recorrer aos especialistas idoneos e capazes, existentes em diversas repartições civis e escolas do nosso país."

O autor vai mais além no propósito de arredar todas as dificuldades à implantação das ideias lançadas pelo seu ensaio. Oferece-nos, adaptados à formação do oficial, programas de: Psicologia e Pedagogia. Mas como será necessário que haja "os especialistas destinados às funções superiores no Estado Maior do Exército, na Diretoria Geral de Ensino, nas direções dos estabelecimentos e nos Estado Maiores de Grandes Unidades," e ainda os que trabalhariam no Serviço de seleção e Recrutamento, a ser criado, o autor apresenta também programas que atendam à formação desses especialistas, isto é, programas de: Mensurações e Estatística e Psicologia Social.

(Continua)

# REVISTAS EM RÉVISTA

*De ORIENTAÇÃO, de Montevideu, número de setembro de 1944 — A GUERRA DE GUERRILHAS, pelo alferes Juan J. Lopez Silveira.*

*Terminaremos agora o exame do excelente trabalho sobre as guerrilhas, publicado em "Orientação".*

**INFILTRAÇÃO EM TERRENO INIMIGO** — O escritor norteamericano Erskine Caldwell, que accidentalmente se encontrava na Russia quando ocorreu a invasão alemã, narra uma excursão que fez pelas frentes, em companhia de um coronel soviético. A essa narrativa pertence a seguinte passagem: "Quando já volviamos ao caminho onde deixaramos nosso auto, atingimos a clareira de um bosque. Ao centro havia uma casa, de cuja chaminé saía fumo. Via-se uma figura de mulher na horta situada atrás da casa. Inclinava-se sobre um repolho."

"Quando chegamos à frente da casa uma menina loura, de uns oito anos, se levantou da areia onde brincava e correu para nós. O Coronel disse-lhe algo. Ela riu e se colou ao seu braço. Uma menina maior saiu da casa com uma canasta e colocou algumas roupas na corda do pateo."

— "Esta família vive realmente aqui, a menos de um quilômetro da frente?"

"O Coronel sorriu, confirmando com a cabeça."

— "Nossa gente fica onde está, até que se lhe ordene retirar-se, constituindo membros do nosso segundo exército; o exército de civis, que se deixa ficar em casa. Se os alemães avançam esses civis se convertem em nossos guerrilheiros."

— "Têm fuzis e munições? — perguntei".

— "Sim, mas ainda que você revistasse este lugar durante 24 horas, não encontraria uma só bala, um só fuzil. Estão bem escondidos. Se os alemães ocupam este território, são des-

*enterradas as armas, granadas de mão e garrafas de gasolina, com que serão dizimados os inimigos e incendiados os seus quartéis."*

*Esta é uma forma de criar nucleos de guerrilha na retaguarda inimiga. Mas as unidades militares rodeadas ou flanqueadas, e que se fracionam para prosseguir a luta, sob a forma de guerrilhas, bem como os grupos de guerrilheiros que têm suas bases em território amigo, hão que utilizar outros procedimentos para atravessar as linhas contrárias.*

*Geralmente a infiltração se pratica de noite ou ao amparo da neblina. Os grupos de guerrilheiros hão de estar bem adestrados em realizá-la por terra, mar e ar, individualmente ou por grupos, tanto nas zonas semi-desguarnecidas, como nas fortificadas e vigiadas.*

*A praticabilidade dos passos pode desaparecer de uma noite para outra, de sorte que os guerrilheiros quando se infiltram através de um sistema fortificado, efetuam seus próprios reconhecimentos. O segredo da infiltração, quanto à preparação e aos lugares, deve ser rigorosamente mantido com relação as tropas regulares, afim de evitar que chegue ao conhecimento do inimigo, por intermedio de algum prisioneiro.*

*Os guerrilheiros espanhois de 1936 realizaram penetrações em grande quantidade, por terra e mar, passando em certos casos por claros de apenas 100 metros.*

*A desinfiliação, operação inversa, oferece características semelhantes, e tambem exige exploração previa. Quando as passagens se encontrarem fechadas, porque as condições da frente tenham variado, os guerrilheiros apelarão, às vezes, para o recurso de abri-las à viva força.*

*Exemplo de infiltração por mar e desinfiliação por terra é o episodio conhecido da fuga de 300 prisioneiros asturianos que estavam encarcerados pelos franquistas no forte de Motril. Os asturianos foram libertados por um grupo de 30 guerrilheiros que chegaram ao território inimigo por mar, em um lanchão repleto de armas. Após o desembarque, protegido pela escuridão da noite, afundaram a embarcação para não serem delatados por ela, e dirigiram-se ao forte. Tomado este de assalto, em*

*poucos minutos os prisioneiros estavam armados e dispostos a empreender o regreso ao territorio republicano. Foi necessário irromper atrás das linhas inimigas do setor de Andaluzia.*

**O APOIO DA POPULAÇÃO CIVIL** — *O êxito da luta de guerrilhas reside no apoio da população civil. Desde o pão colocado em lugares convencionados de antemão, até as roupas que as mulheres confeccionam às escondidas, os guerrilheiros recebem toda classe de ajuda dos habitantes da zona em que operam. Estes proporcionam aos guerrilheiros valiosos informes sobre os movimentos do inimigo, prestam carinhosa assistência aos feridos e enfermos, transmitem mensagens de um lugar para outro. Na China a população organizou um sistema de correios à disposição das guerrilhas, constituído por jovens corredores que se revesam, através de milhares de quilometros, dispostos a morrer antes que o inimigo, se apodere da sua mensagem. Eis por que os guerrilheiros chineses simbolizam essa fraternal cooperação e num poético lema: "Nós somos o peixe e o povo é a agua em que nos movemos".*

*Não é facil para a população civil colaborar com os guerrilheiros. Pelo contrário, a tarefa é cheia de riscos, porque quasi sempre os invasores, desesperados por sua importância frente aos impalpaveis guerrilheiros, descarregam sua ira contra as mulheres, crianças, enfim, toda a população dominada. As represalias chegam a ser verdadeiramente terríveis quando o invasor aprisiona algum suspeito de entender-se com os guerrilheiros.*

**A VIDA EM TERRITORIO INIMIGO** — *As elevações das margens dos rios, as serras, as alturas e todos os acidentes do terreno que ofereçam boas defesas naturais, são os lugares preferidos pelos guerrilheiros para a instalação dos seus acampamentos. A boa escolha de um local será completada com o correspondente plano de segurança e vigilância.*

*Um acampamento deve estar em condições de ser rapidamente trasladado a um novo refúgio. Em 1938, 150 guerrilheiros espanhois acampados na serra de Monsalud (Badajoz) fo-*

*ram descobertos por patrulhas franquistas. Estas, porém, não se atreveram a atacá-los; pediram reforços, e ao amanhecer 3 batalhões inteiros, depois de uma esmerada preparação de artilharia, iniciaram a escalada. Os guerrilheiros de longe, já noutra montanha, observavam tranquilamente a ação de mais de 1.000 homens no vacuo...*

*Em regiões que não apresentem acidentes de importância, os guerrilheiros terão frequentemente que atravessar extensões de terreno sem proteção natural. Em algumas oportunidades usarão o cavalo, ganhando em rapidez o que se perde em dissimulação.*

*As marchas realizam-se em geral de noite; de dia se repousa. O perigo de encontros imprevistos com o inimigo e das emboscadas se evita mediante continuos reconhecimentos de terreno e a mais rigorosa adaptação aos seus acidentes.*

*Algumas regras dirigem sempre a conduta do guerrilheiro: silêncio absoluto; não fumar; redobrar a vigilância sobre as orlas de bosque; conduzir a arma sempre pronta a repelir um ataque inesperado; conhecer e resolver todos os problemas de orientação, manejando a carta topográfica e a bussola luminosa.*

**A ALIMENTAÇÃO, OS ABASTECIMENTOS** — Recomenda Yank Levy no seu livro em que estuda a guerra de guerrilha: "É preciso descansar e comer todas as vezes que seja possível. Ainda uma hora depois de haver comido é conveniente comer outra vez se ha alimentos disponíveis, pois nunca se sabe quando poderá comer de novo." Este é o grande princípio e não são exageradas tais recomendações, pois o problema da alimentação na retaguarda inimiga pode apresentar aspectos agudíssimos.

*Na Espanha, na China, na União Sovietica, e mais recentemente na França as guerrilhas têm sido abastecidas em algumas ocasiões pelo ar, utilizando-se paraquedas especiais. Nem sempre, porém, isto é possível, donde a conveniencia de dispor de um sistema de depósitos secretos, ao serviço dos guerrilheiros.*

**OS FERIDOS E ENFERMOS** — Quando de uma ação qualquer resultam feridos deve-se tratar de levá-los à base mais

*proxima ou à residencia de um agente amigo. Fundamentalmente há que cuidar-se que a condução do ferido não redunde em transtorno para a segurança do grupo ou para o desenvolvimento da ação projetada. Por vezes será necessário deixar o ferido ou enfermo na estrada, sob a proteção de outro camarada, à espera de um momento mais oportuno para sua trasladação. Desgraçadamente se dão casos em que se tem de decidir pelo sacrifício do companheiro ferido.*

**OS METODOS GUERRILHEIROS** — O numero de procedimentos empregados pelos guerrilheiros em sua luta direta com o inimigo não tem outro limite que o da imaginação humana. A abundancia de procedimentos, onde pudera parecer que não havia nenhum, caracteriza a luta de guerrilhas.

*Na guerra atual a surpresa dos alemães foi evidente em face da tática de guerrilhas do exército soviético (não se pode pensar que não a conheciam, senão que não estavam preparados para neutralizá-la) e até agora, há três anos do inicio da luta, não se tem notícia de ardís nazistas contra os guerrilheiros.*

*Não se comprovou ainda que a ariação ou as forças de limpeza alcancem exitos definitivos em suas tentativas de eliminar as guerrilhas do teatro de guerra.*

**A DESTRUÇÃO DOS RECURSOS, DAS TRANSMISÕES E DAS COMUNICAÇÕES DO INIMIGO** — A destruição ou um ato qualquer contra as comunicações inimigas não tem, obrigatoriamente, que realizar-se com substâncias químicas explosivas. As vezes se faz necessário apelar para meios mais silenciosos e não menos eficazes. Para deter automóveis nas estradas pode-se utilizar troncos de árvore, cabos, vidros em ponta e densamente disseminados. Para destruir motores basta colocar no seu sistema de lubrificação ou no depósito de combustível areia, esmeril, sal, açúcar. Das vias ferreas é sempre possível cortar os trilhos, subtrair dormentes, o que produzirá descarrilhamento e, portanto, demora na marcha das composições inimigas. Bert Levy aconselha o uso de cabos grossos extendidos obliquamente na estrada para deter veículos; as motocicletas, por esse processo, se desviam para um lado da via, onde se recolhe a máquina e

*faz-se o motociclista prisioneiro, sem que os que vêm mais atrás o percebam.*

*As ações contra as centrais de transmissão de rádio, telegrafia ou telefone exigem frequentemente todo um planejamento prévio e constituem verdadeiros golpes de mão.*

*No caso da destruição de armas de guerra pode suceder que não seja possível empregar explosivos. Nesse caso é recomendável retirar peças fundamentais das ditas armas e para isso deve o guerrilheiro estar em condições de reconhecer as suas partes vitais.*

**OS GOLPES DE MÃO** — *Para os guerrilheiros os golpes de mão não serão de ocupação; serão quasi sempre golpes de "ida e volta", do tipo muito usado nesta guerra, nas chamadas ações de "comandos".*

*As características desses "golpes de mão" são a surpresa, a rapidez, a audacia. Nesses assaltos pesa muito a qualidade do armamento empregado, em geral granadas de mão e armas leves de repetição, cujas condições de rapidez e precisão no tiro a curta distância paralizam o inimigo.*

*Um dos "golpes de mão" de maior efeito é o que se pratica contra os estados maiores e quartéis gerais do inimigo, particularmente contra os postos de comando das unidades inimigas empenhadas no combate.*

*Outros golpes de mão possíveis e de excelentes resultados morais são os que se dão contra postos policiais do inimigo, pequenos destacamentos de guarda e vigilância, acampamentos, aeródromos, parque de armas ou de automóveis, estações ferroviárias.*

*Assinale-se que a condução de prisioneiros, em regra, não deve constituir um motivo de perigo para a segurança dos guerrilheiros; assim, interrogados rapidamente, ver-se-á se é necessário ou não o esforço de conduzi-los.*

**OS COMBATES DOS GUERRILHEIROS E A PROTEÇÃO** — *Os pequenos grupos de guerrilheiros não travam combates táticos, senão em circunstâncias excepcionais. Suas ações se limitam correntemente a encontros com forças inimigas isoladas.*

*das ou separadas do grasso, em terreno escolhido pelos guerrilheiros e assegurada previamente a superioridade de meios sobre o adversário. Evitar-se-á toda prorrogação da luta que enseje o jogo das reservas inimigas. Ademais, é preciso ter em conta que o objetivo mais importante é a destruição do inimigo e que não interessa a conquista do terreno, que não poderia ser mantido, quando se opera em zona ocupada pelo adversário.*

*Quando, porém, os guerrilheiros têm tarefa em coordenação com o exército regular de acordo com os seus meios e efetivos, combatem nas condições táticas estabelecidas para a Infanteria e a Cavalaria.*

*Para a execução dos atos de guerrilhas é indispensável uma meditada proteção que varia em relação com as características de cada ato. O homem isolado que realize uma missão busca sua proteção na própria escolha do momento para agir — a solidão, o silêncio, a noite. Em geral, porém, as medidas de proteção se estendem antes, durante e depois da ação. Pode suceder que quem esteja encarregado de proteger qualquer dessas fases da ação se veja obrigado a atrair sobre si a atenção das patrulhas inimigas que poderiam descobrir seus camaradas. Em todos os casos, na previsão de uma retirada fracionada, o chefe fixa pontos de reunião e até itinerários, de modo que um grupo de guerrilheiros, ao retirar-se, não sirva de obstáculo à direção dos fogos de outros grupos, nem sirva de guia para a localização dos demais grupos.*

**ATOS DE PROPAGANDA —** *A melhor propaganda é a que resulta do bom comportamento dos guerrilheiros junto às populações, bem como do êxito das suas ações.*

*Ha, todavia, formas de propaganda direta a favor da fação dos guerrilheiros e contra o adversário. Os guerrilheiros espanhóis revelaram-se mestres nesse gênero de atividades. Assim, por exemplo, falavam ao povo de uma província por eles invadida: "Trabalhadores compatriotas: nós guerrilheiros republicanos temos a satisfação de estar entre vós. Faz 20 dias que percorremos a terra espanhola franqueada aos italianos e aos alemães. Temos visto as penosas condições de vossa existência e sa-*

bemos que foram rebaixados vossos jornais ao passo que aumentam os impostos. Do nosso lado não existem duques com 50.000 héctares, nem os guardas castigam os trabalhadores. E' para garantir estas e muitas outras conquistas obtidas pelo povo e a Republica, em 1936, que formamos nosso exército popular, em cujas fileiras lutam os guerrilheiros espanhois, dando sua ajuda para expulsar da Espanha os mouros, alemães e italianos, e construir uma patria livre e feliz."

Tambem sabiam desmoralizar o inimigo. Em certa oportunidade uma aldeia da província de Toledo foi cenário de um de tantos episódios em que a astucia e a audacia dos guerrilheiros se emparelharam. Dois deles chegaram à aldeia disfarçados em soldados franquistas, e fingindo que fugiam espavoridos, gritavam pelas ruas: — "Os vermelhos já atravessaram o rio, e se dirigem para cá! Salve-se quem puder!"

**A INFORMAÇÃO** — As seções de informação dos estados maiores têm nos guerrilheiros inestimáveis auxiliares para recolher toda classe de dados do campo inimigo, e, em casos especiais, para o cumprimento de missões concretas de espionagem. Os movimentos de tropas, de comboios; a localização de depósitos de armas e ríveres, de aeródromos, de parques de automóveis, tanques e carros blindados; a localização dos quartéis generais e postos de comandos; as características de vigilância inimiga, etc., são dados registrados diariamente pelas guerrilhas e levados ao comando do Exército regular. Às vezes fazem-se reconhecimentos de tipo político para conhecer a forma pela qual o inimigo organizou o governo na zona invadida, e os elementos que utiliza. Tambem são recolhidas pelos guerrilheiros informações de ordem económica, referentes a impostos, preços, salários, estado da exploração das riquezas nas zonas ocupadas.

**CONCLUSÃO** — O alferes Juan José Lopez Silveira, chega ao termo deste seu notável estudo sobre a guerra de guerrilhas, com as seguintes perguntas:

"Deve ser incorporada a guerra de guerrilhas à doutrina de guerra? De que maneira?"

*São esses, a seu ver, muito justamente, os problemas previos propostos aos estudiosos militares.*

*O segundo ponto a resolver é o da preparação. Aí ha que considerar que o estudo das guerrilhas nunca foi incluido nos nossos programas de instrução. De outra parte, a realidade impõe que a preparação dos guerrilheiros atinja tambem aqueles que ficam fóra do serviço militar comum. E' indispensável dar à população civil noções teoricas e praticas essenciais para a sua defesa e das regiões em que vive.*

*E, finalmente, resta-nos essa judiciosa observação: as guerrilhas constituem um movimento de massas sublevadas contra o invasor, no qual intervem de maneira decisiva o fator politico, e em que os partidos jogam um papel de primeiro plano. A guerra de guerrilha é uma modalidade tatica que é patrimonio dos povos. Temos visto que estes a fazem, ainda quando a doutrina oficial não a prevê. Sua realização depende somente do grau de firmeza de uma nação na sua propria defesa, e de sua vontade de vencer.*

*Mas, conclue o articulista, tambem em matéria de guerrilhas é melhor preparar que improvisar.*

## MADEIRAS E MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

Especialidade em madeiras em tóros serrados para todos os mistérios  
VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

**C. & ANDRADE Ltda.**

RUA FONSECA TELLES, 194      Telefone 28-2187  
AVENIDA DO EXERCITO, 13      RIO DE JANEIRO

## LIVRARIA ODEON

LIVROS MILITARES

Avenida Rio Branco, 157 — Tel. 22-1288



# HIPOTECANDO SOLIDARIEDADE A UM GOVÉRNO REALIZADOR



Comparecendo ao Palacio dos Campos Eliseos, os moradores do Ipiranga dizem de seus sentimentos em relação à obra do Presidente Getúlio Vargas e do Interventor Fernando Costa



Interventor Fernando Costa

O povo sabe ser justo, sabe fazer justiça aos seus legítimos e dedicados servidores. Um exemplo desse sentido de gratidão que marca a gente que trabalha em prol da riqueza e do agigantamento da Nação, responda com eloquência nessa magnífica manifestação, tão espontânea quanto vibrante, que a população de Ipiranga, o grande bairro paulista, vem de prestar ao Interventor Fernando Costa, patenteando, em presença do chefe do Executivo paulista, o seu sentimento de

gratidão ao Presidente Getúlio Vargas e ao delegado de sua confiança na terra do planalto.

O espetáculo oferecido pela espontânea manifestação dos habitantes da colina histórica ultrapassou de muito os limites de uma simples prova de simpatia, para assumir o expressivo aspecto de inequivoca demonstração de consciência cívica, de disciplina e de respeito ao governo, nesta hora de responsabilidade que estamos vivendo, quando é pouco tudo que se faça em favor da autoridade constituida, no objetivo elevado de assegurar-se à ordem e o bem estar coletivo. Neste momento em que não pode haver confusões, cujo resultado seria apenas o de prejudicar o próprio povo e, ainda além disso, os supremos interesses nacionais — que, infelizmente, não é devidamente compreendido por alguns maus cidadãos — a atitude daqueles honestos trabalhadores do Ipiranga se converte numa garantia de que a São Paulo e ao Brasil cabe esperar dos seus filhos o melhor dos esforços no sentido da própria segurança, grandeza e progresso. Isso porque — e aí é que se funda essa esperança de todos os bons brasileiros — a atitude dos manifestantes de ontem no Palácio dos Campos Eliseos reflete por certo o pensamento e o espírito de colaboração da maioria popular.

### OS DISCURSOS

O salão vermelho do Palácio estava literalmente tomado. A animação vibrante que reinava no ambiente explodiu em palmas e aplausos prolongados quando, sorridente, o Chefe do Governo paulista entrou no recinto. Acompanhando o sr. Interventor Federal, viam-se os srs. Mario Guastini, Diretor Geral do D. E. I. P.; Capitão Guilherme Rocha, chefe da Casa Militar da Interventoria; Tenente Guedes Figueira, ajudante de ordens de S. Excia.; Antonio Feliciano, membro do Conselho Administrativo do Estado, e diversos prefeitos paulistas que, estando em Palácio na ocasião, tiveram ensejo de assistir à homenagem ao Sr. Fernando Costa.

O sr. Angelo Antonio Milanesi, presidente do Clube Atlético Ipiranga, adiantando-se, exprimiu ao Sr. Interventor Fernando Costa o motivo da visita, passando a palavra ao sr. Armando Mattar, que proferiu o seguinte discurso, em nome dos manifestantes:

#### DISCURSO DO SR. ARMANDO MATTAR

"Exmo. Sr. Dr. Fernando Costa, DD. Interventor Federal no Estado de São Paulo. As pessoas que aqui se acham, diretores, membros do conselho deliberativo e associados do C. A. Ipiranga, em nome de seus quatro mil consócios e representando grande maioria do povo do bairro da Independência, querem dizer a V. Excia. e fazem questão de vos afirmar o seu apoio incondicional e sua simpatia imperecível.

Se hoje chegamos até V. Excia. corações abertos, alma transbordante, é para vos dizer que em todo o campo da ingratu luta política e em todo o terreno de

Vossa mais sônia ideologia, dentro de sua sinceridade e acima de suas próprias forças, o C. A. Ipiranga estará convosco, hipotecando desde já a V. Excia. a sua mais intensa solidariedade e o seu mais irrestrito apoio.

E é assim, que neste momento de incerteza, o C. A. Ipiranga impelido pela força do coração, vem até V. Excia. fazer a sua manifestação de fé, no sentido de que possa V. Excia. ter bem certo e sentir bem fundo a gratidão do nosso clube.

Temos, Dr. Fernando Costa, a certeza plena e afirmamos uma vez mais, alto e bom som, que o bairro da histórica colina da Independência está plenamente ao lado de V. Excia. e vos apoiará em qualquer contingência porque, de há muito aprendeu a ver em V. Excia. a figura impar do homem de Estado e do governante impecável, honesto e resoluto, sempre pronto a tomar as grandes iniciativas e a parainfar as grandes causas e para maior certeza, ai está, nas fulgurantes páginas da História do Brasil, toda uma epopéia de glória marcada por V. Excia. e gravada em indeléveis caracteres de ouro, ontem como Secretário e Ministro e hoje como Interventor em nosso Estado.

E, no decorrer destes poucos anos de seu período governamental, crescem e se agigantam as grandes realizações, seja no Comércio, na Indústria ou na Lavoura, pois têm a certeza de que o beneplácito de V. Excia. logo se fará sentir. E não é só aí; também no esporte, e na Cultura Física, mais e mais se acentuam a proteção sábia e vigorosa de V. Excia. No interior, no litoral ou na Capital, onde se necessitar um apoio, lá estará V. Excia. certo de seu mister e conscio de seu dever, tendo a convicção plena de que é nos esportes e na cultura física que repousa a eugenia da raça e se alicerça o futuro da Pátria e é na criança de hoje, crescendo e se desenvolvendo em ambientes saudáveis e fisicamente preparados, que estarão os futuros homens da Mãe-Pátria adorada.

V. Excia. compreendendo tudo isso, jámais tem hesitado em proteger e amparar o esporte de nossa terra. E é principalmente no interior de nosso Estado, onde vossa ideologia mais e mais se patenteia, transformando pântanos outrora infestados e pútridos em miraculosos "play-grounds", onde a criança e a mocidade brasileiras poderão se desenvolver e para que nelas possamos confiar o destino glorioso de nosso Brasil, hoje, graças a homens como V. Excia., situado no mais alto pedestal da glória e cuja bandeira hoje se desfazia altaneira e portentosa entre as grandes potências do mundo.

E' desta alta compreensão e mais ainda, desta aproximação entre governantes e governados, unidos e coesos, com apenas um único objetivo, que São Paulo prospera, que São Paulo avança a passos largos, galgando barreiras, saltando obstáculos, vencendo sempre nessa batalha de conquista esportiva.

E' por essa comunhão de pensamentos entre mandantes e mandatários que o Brasil rapidamente se transforma e vertiginosamente se impõe no conceito das nações.

E aqui em São Paulo, Dr. Fernando Costa, no vasto campo da Cultura Física, todos sabem compreender o alto valor e o grande benefício do governo de V. Excia., porque, é através do apoio que V. Excia. vem dando a todos os ramos dos esportes dessa Terra de Piratininga, que as agremiações progridem e evoluem, podendo concretizar as aspirações de largos anos de lutas e de inconstâncias e é graças a esse apoio franco, leal e entusiasta de V. Excia. que o esporte evolui intensamente, num caudal magnífico de progressos e numa torrente interminável de realizações fecundas. Pelo que V. Excia. tem feito em prol dos esportes de nossa terra, podemos afirmar, sem medo de erro: Os verdadeiros desportistas de São Paulo desejam e tudo farão para que jámais termine a laboriosa administração de V. Excia.

Terminando, Dr. Fernando Costa, quero deixar bem patente e em traços indeléveis, o sentir do C. A. Ipiranga e do Bairro Histórico, que hipotecam neste instante a V. Excia. a sua mais irrestrita solidariedade, onde quer que V. Excia. esteja e quando V. Excia. por nós chamar".

Ao expressivo discurso do Sr. Armando Matar, coroado de vivos e intensos aplausos, seguiu-se um eloquente improviso do Sr. Nassim José, cujas expressões, cheias de entusiasmo e sinceridade, transcrevemos a seguir:

#### ORAÇÃO DO SR. NASSIM JOSE'

"Exmo. Sr. Interventor Federal.

Quando V. Excia., há cerca de alguns meses, teve ensejo de visitar o nosso Club, ficou, naquele lugar, um marco da estima e apreço da gente do Ipiranga por V. Excia.

E agora, quando o tumulto de uma política nova surge no país, era necessário que o povo do Ipiranga viesse à presença de V. Excia. a fim de externar, de maneira franca e leal, como V. Excia. o tem sido para com ele, o seu reconhecimento, o seu apreço e mais a sua solidariedade.

O Governo de V. Excia., Sr. Interventor Federal, tem se colocado no prolongamento da política do eminent Chefe da Nação. (*Muito bem! Palmas*). E neste instante, quando uma imprensa agressiva e insolente transforma a mentira em verdade, nós, homens do povo, vivendo num bairro laborioso, teríamos, certamente, de vir à presença do Sr. Interventor Federal, a fim de demonstrar que o homem da rua está com ele porque ele sempre esteve com o homem da rua. (*Aplausos entusiásticos*).

Sr. Interventor:

Residindo, há longos anos, naquele bairro, eu posso falar a V. Excia. da grande estima que lá conseguiu. V. Excia., por certo, continuando a obra social do nosso Presidente Vargas tem feito, em São Paulo, realizações que merecem, sem dúvida nenhuma, o apoio de todos.

Nós vivemos num bairro eminentemente proletário. Conhecemos as dificuldades que o trabalhador, diuturnamente, sofre, e nós, por isso, podemos falar em nome daquele trabalhador humilde. Estamos neste momento diante de V. Excia., empregadores e empregados, irmãos nessa belíssima política social desenvolvida pelo Presidente Vargas. Queira Deus continuemos tendo V. Excia. em nosso Governo e o Presidente Vargas na Chefia da Nação. (*Palmas prolongadas*).

Sr. Interventor:

São estas as expressões sinceras de nosso coração".

Finalmente, falou o Interventor Fernando Costa, visivelmente emocionado, o Chefe do Governo de São Paulo, num vibrante improviso, externou o seu agradecimento pela demonstração de solidariedade que acabava de receber. Foram estas as suas palavras:

#### COMO FALOU O INTERVENTOR FERNANDO COSTA

Visivelmente emocionado, o chefe do governo bandeirante pronunciou, de improviso, a seguinte oração de agradecimento:

"Meus prezados amigos do Ipiranga — Neste mesmo instante, continuando os meus trabalhos administrativos costumeiros, eu cuidava da solução de magnos problemas de interesse da economia estadual.

E, abrindo um parentesis nesse trabalho dedicado à prosperidade do Estado, eu venho, com grande satisfação, receber esta manifestação tão carinhosa, tão expressiva e tão eloquente que me conforta e me anima nessa hora em que as preocupações políticas agitam os nossos setores sociais.

Pelo pouco que vos fiz, Senhores, muito mais fazéis agora, trazendo-me o vosso apoio para a peleja política que vamos enfrentar, num movimento de solidariedade irrestrita ao Sr. Presidente da República. (*Muito bem! Aplausos entusiasticos*).

E' grata a vossa visita de amizade e a vossa declaração política desassombrada, nestes dias em que os animos se definem no campo político.

Quando alguns nos deixam, faltando aos imperativos decorrentes de uma longa convivência, vós outros, firmes na vossa lealdade, grandes na emoção do vosso coração, vindes ao Palácio dos Campos Eliseos para dizer ao Interventor de São Paulo que a vossa solidariedade é certa e seguro o vosso apoio as Governos do Estado e da República.

Eu nunca duvidei da vossa sinceridade e da vossa solidariedade, meus caros amigos, porque, acompanhando de perto a obra que Getúlio Vargas realiza no seu Governo, eu não poderia nunca duvidar que os operários de São Paulo, os obreiros da prosperidade paulista, faltassem a S. Excia. e não lhe dessem o apoio decidido na hora que assim fosse necessário. (*Palmas*).

Lembro-me, com grande emoção, de uma visita que fizemos, certa vez, a uma grande oficina de trabalho, em companhia de alguns Ministros da República.

Ao entrarmos naquela casa de trabalho, os operários em peso irmanavam-se numa calorosa demonstração de apreço aos titulares presentes.

Destacado para agradecer a generosidade dos manifestantes, eu disse, então, palavras que bem poderia repetir agora: "meus senhores, esta manifestação que acabou de fazer não deve se endereçar a nós outros, mas ao preclaro Presidente Vargas, que tem tido coragem cívica de enfrentar a solução dos problemas sociais, trazendo-os para o plano dos primeiros e dos mais sérios problemas do seu Governo". (Palmas prolongadas).

Infelizmente, num passado que não vai longe, quando, aíssimo, surgia qualquer aspiração da classe trabalhista, quando os operários reclamavam qualquer melhoria de situação, quando reclamavam o necessário para a sua manutenção ou para a tranquilidade dos filhos e da família, os problemas se relegavam para os setores de preocupações secundárias.

Mas Getúlio Vargas teve a compreensão exata dos seus deveres de Chefe da Nação e de condutor de homens. Olhou a classe operária com carinho e não podia deixar de o fazer. S. Exceléncia, não teria, do contrário, pressentido o anseio latente na consciência trabalhista do mundo, de modo a descobrir os rumos seguros que haveriam de nortear as diretrizes da sua política que, atendendo aos reclamos e aos imperativos sociais do momento, dava ao nosso povo que trabalha as garantias de uma justiça social que honra o Brasil enaltecedo aos olhos do mundo civilizado (Muito bem! Muito bem!).

As condições atuais do mundo exigiam uma repartição mais equitativa da riqueza. Deve existir, de fato, maior solidariedade entre os operários e os patrões como vemos, por felicidade, aqui, neste momento, patrões e operários irmanados nos mesmos ideais, irmanados nas mesmas aspirações e nos mesmos compromissos de solidariedade. Vós, operários, tendes a responsabilidade da produção. Os vossos patrões têm a responsabilidade de vos dar o que necessitais, para o vosso conforto físico e moral.

Para tanto, meus Senhores, é que a política de Getúlio Vargas foi uma política de reajustamento, dando ao operário o que ele necessitava, dando, também, ao patrão, as prerrogativas necessárias para o justo equilíbrio da sua autoridade e das suas conveniências. É a política da concórdia, política cristã, política que há de ser continuada para a nossa felicidade (palmas), e que a de ser contínua, para que o Brasil se torne cada vez maior. É a política da solidariedade que firma, entre empregados e empregadores, a fraternidade e a mútua compreensão de que resulta o equilíbrio social.

Meus Senhores:

Eu vos agradeço, penhorado, esta manifestação que me fazéis nesta hora de tão grande importância para a vida política da Nação.

A vossa solidariedade define a vossa coragem e a vossa lealdade.

Solidários, marchemos, sob os auspícios das mesmas aspirações políticas e solidárias estrejamos para vencermos na peleja.

Coloquemos as nossas energias e o nosso cívismo a serviço de São Paulo, para o bem do Brasil.

1. — 2) Fiscal Administrativo: 3º sargento contador, 1. — 3) Tesouraria e Almoxarifado: 2º sargento contador, 1; Cabo contador, 1; Soldados auxiliares, 2. — Total, 13.

II — Devem ser aproveitadas no novo contingente as praças que, adidas à Diretoria de Armas, pertenceram ao da extinta Inspetoria do 3º Grupo de Regiões Militares.

Aviso n.º 206 de 22 — D. O. de 24-1-945.

#### COMPANHIA INDEP. DE FRONTEIRAS DE BRASILIA (Ordem).

Fica sem efetivo, a partir de 28 do corrente, a Companhia Independente de Fronteiras de Brasília criada pelo Decreto-lei nº 4.491, de 17 de julho de 1942.

Aviso n.º 305 de 5 — D. O. de 7-2-945.

#### CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA CAPITÃES NA E. DE INTENDÊNCIA DO EXÉRCITO (Resolução).

Usando da faculdade conferida pelo art. 59 do Decreto-lei n.º 4.130, de 1942, resolvo que, no ano de 1945, não funcione o Curso de Aperfeiçoamento para Capitães, da Escola de Intendência do Exército.

Aviso n.º 293 de 2 — D. O. de 5-2-945.

#### CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DA ESCOLA DE INTENDÊNCIA DO EXÉRCITO (Encerramento).

De conformidade com o que facilita o art. 59 do Decreto-lei nº 4.130, de 26 de fevereiro de 1942, resolvo mandar que se encerrem a 30 de abril próximo vindouro as aulas do Curso de Aperfeiçoamento da Escola de Intendência do Exército, realizando-se na primeira quinzena de maio seguinte os exames finais, dispensadas as provas orais.

A Diretoria do Ensino organizará os horários, de modo a não ocasionar redução dos programas do ensino.

Os exames de segunda época se realizarão quinze dias após a terminação dos da primeira época.

Aviso n.º 261 de 30 — D. O. de 2-2-945.

#### ESCOLA MILITAR DE REZENDE (Regulamento).

O Diário Oficial n.º 37 de 15 de fevereiro do corrente ano (página 2403) publica o Decreto-lei n.º 17.738 de 2-2-945, que aprova o Regulamento para a Escola Militar de Rezende.

#### ESCOLA DE SAUDE DO EXÉRCITO (Funcionamento).

Tendo em vista o reduzido número de candidatos à matrícula na Escola de Saúde do Exército não funcionará, no corrente ano, o Curso de Formação de Oficiais. Os inscritos no concurso que vieram a ser aprovados, ficarão com direito à matrícula no próximo ano letivo.

Aviso n.º 215 de 25 — D. O. de 27-1-945.

#### ESCOLA TÉCNICA DO EXÉRCITO (Matrícula).

Resolvo fixar em 55 o número de matrículas na Escola Técnica do Exército, em 1945.

Aviso n.º 238 de 25 — D. O. de 27-1-945.

#### INSÍGNIAS DE COMANDO — (Aprovação).

Aprovo a insignia de Comando para o Corpo de Cavalaria.

Aviso n.º 332 de 7 — D. O. de 9-2-945.

**INSIGNIAS DE COMANDO — (Resolução)**

O Ministro de Estado da Guerra resolve, em aditamento às normas para a feitura das insignias de Comando, aprovadas por Portaria n.º 37, 11 de fevereiro de 1938, sejam as insignias de alto Comando e respectivas lanternas, submetidas ao seguinte critério:

Comando de Brigada ou de Armas Divisionárias;

Insignia regulamentar de duas faixas, verde, amarelo — Lanterna de campo cortado de duas faixas.

Comando de Divisão:

Insignia regulamentar de três faixas, verde, amarelo, verde. — Lanterna de campo cortado de três faixas.

Comando de Corpo de Exército ou de Corpo de Cavalaria:

Insignia com o segundo campo cortado de quatro faixas:

Verde, amarelo, verde, amarelo. Lanterna esquartelada, em aspa.

Comando de Exército:

Insignia com o segundo campo cortado de cinco faixas: Verde, amarelo, verde, amarelo, verde. — Lanterna com um losango inscrito no retângulo.

**LANTERNAS**

Cores dos campos luminosos:

Infantaria — Verde e branco;

Cavalaria e Moto-Mecanização — Vermelho e branco;

Artilharia — Azul e branco;

Corpo de Exército e Exército — Verde e amarelo;

Etapas — Amarelo e branco.

As lanternas dos comandos de Divisões Moto-Mecanizadas terão os campos luminosos de vermelho, com um disco branco para a Divisão Motorizada, dois discos em faixa, para a Divisão Moto-Mecanizada Leve e três discos em triângulo para a Divisão Moto-Mecanizada Pesada.

Os diâmetros dos discos brancos não excederão de um terço da largura do campo vermelho.

Os Comandos de Artilharia de Exército e Artilharia de Corpo de Exército terão, respectivamente, cinco e quatro faixas nas insignias, assim como lanternas semelhantes no desenho, mas com as cores que aqui ficam determinadas.

Aviso n.º 7844 de 17 — D. O. de 19-2-945.

**LEI DO MOVIMENTO DOS QUADROS — (Declaração)**

Tendo surgido dúvidas na execução do disposto nos artigos 19, 20 e 26 § 1.º, declaro, de acordo com o artigo 50, tudo da Lei de Movimento dos Quadros (Decreto-lei n.º 7.039, de 10-11-1944):

a) — o oficial deve ser excluído no mesmo boletim que publicar a movimentação, permanecendo, porém, adido ao corpo, repartição ou estabelecimento a que pertence;

b) — findos os prazos fixados pelo Regulamento de Administração do Exército para a passagem da carga e observadas as demais disposições contidas no art. 19, será o oficial desligado, entrando em trânsito, este quando fôr o caso;

c) — o oficial deverá seguir destino na primeira condução marcada por quem de direito, seja durante o trânsito, se assim o desejar, seja logo após o término do mesmo.

Aviso n.º 310 de 6 — D. O. de 8-2-945.

## NÚCLEO DO 2º B. C. C., /L. M. — (Criação)

I. — Fica criado o Núcleo do 2º B. C. C./D. M., adido à Escola de Motomecanização, com o efetivo constante do Aviso nº 2.965 de 20 de setembro de 1944.

II. — Este novo Núcleo absorve as praças existentes no Núcleo de Formação de Novas Unidades que ficará sem efetivo.

III. — As praças que se achavam adidas à Escola de Motomecanização, por força do Aviso nº 2.829 de 24 de novembro de 1943, são transferidas para o Núcleo do 2º B. C. C./D. M.

Aviso n.º 353 de 10 — D. O. em 15-2-945.

## OFICIAIS DA RESERVA DE 2ª CLASSE, PRAÇAS, TAIFERO DA AERONÁUTICA E GRUMETES — (Convocados)

O Diário Oficial nº 23 de 27-1-945, publica na íntegra o Decreto-Lei nº 7270 de 25-1-945, que regula os casos de invalidez e de incapacidade física, para o serviço militar dos oficiais da reserva de 2.ª classe, praças, taifeiros da Aeronáutica, grumetes, e soldados, quando convocados, em estágio ou incorporados; cria a Comissão de Readaptação dos incapaços das Forças Armadas e dá outras providências.

## PRIMEIRO E SEGUNDO BTL. DE CARROS DE COMBATE — (Ordem)

O 1.º Batalhão de Carros de Combate (Pindamonhangaba) e o 2.º Batalhão de Barcos de Combate (Lorena) ficam dependendo, administrativamente, da 2.ª Região Militar, até ulterior deliberação.

Aviso n.º 352 de 9 — D. O. do 14-2-945.

## QUADRO DE EFETIVOS DE OFICIAIS VETERINARIOS — (Aprovação)

O Diário Oficial nº 27 pe 1 de fevereiro do corrente ano, (página nº 1795) publica o Decreto-Lei nº 17698 de 30-1-945, que aprova os quadros de efetivos de oficiais Oficiais Veterinários em Repartições, Estabelecimentos e corpos do Exército.

## QUARTEL-GENERAL DO DESTACAMENTO DE FERNANDO NORONHA — (Efetivos)

Fica o Quartel-General do Destacamento de Fernando de Noronha reduzido dos seguintes elementos: um Segundo Sargento identificador, um Cabo enfermeiro-veterinário; um Cabo ferrador, dois Soldados do Serviço de Engenharia e um Soldado do Armazém de Reunião, tudo perfazendo um total de seis praças.

Aviso n.º 239 de 26 — D. O. de 29-1-945.

## SORTEADO CONVOCADO — (Solução de consulta)

Consulta o Chefe da 22.ª C. R. se um sorteado convocado, operário da Prefeitura Municipal de Recife e pertencente ao contingente daquela C. R., deve continuar a ser prejudicado na etapa necessária a sua alimentação e se pode sacar para o mesmo diferença de vencimentos de engajado, a partir de 15 de abril de 1944, data em que completou um ano de serviço.

Em solução declaro:

a) — ao pessoal de obras, amparado pelo artigo 224 da Lei do Serviço Militar, retificado pela Exposição de Motivos n.º 1.769, de 16 de junho de 1943, do Departamento Administrativo do Serviço Público, é extensivo o disposto na alínea a do Aviso n.º 1.115, de 4 de maio de 1944;

b) — ao pessoal de obras (convocado e sorteado incorporado) não assiste direito à diferença.

Aviso n.º 424 de 19 — D. O. de 212-945.

#### TRANSFERENCIA DE RESERVISTAS DO EXERCITO PARA A RESERVA DA AERONÁUTICA — (Ordem)

Nas solicitações de transferências de reservistas do Exército para a reserva da Aeronáutica devem os órgãos competentes dêste Ministério esclarecer se se trata de praça especialista, artífice ou de fileira.

Aviso n.º 278 de 31 — D. O. de 2-2-945.

#### USO DE MÁSCARAS CONTRA GASES — (Instruções)

Passam a ter caráter ostensivo as *Instruções para uso das máscaras contra gases*, aprovadas pela Portaria Reservada n.º 86-79 de 28 de dezembro de 1943.

Aviso n.º 306 de 5 — D. O. de 7-2-945.

### Os pioneiros do melhor sistema de vendas



Rio - Niterói - São Paulo - Santos - Campinas - Curitiba  
Porto Alegre - Juiz de Fora

(x) — Morteiro — Cap. Gutemberg Ayres de Miranda .....	11,00
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino .....	16,00
Notas sobre o Comando do Btl. no Terreno — Cmt. Audet .....	5,00
Notas de Tática de Cavalaria — Cap. Alvaro Lucio Areas .....	11,00
Narrativas Autobiográficas — en. Bertoldo Klinger .....	—
(x) — Noções de Topografia em Campanha — Gen. Paes de Andrade .....	13,00
O Livro do Observador — Cap. Paladini .....	11,00
O Exército Alemão — Cel. Leony de Oliveira Machado .....	27,00
O Surto no Japão — Maj. Nicanor de Souza .....	2,00
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira .....	5,00
O Tiro da Secção do Morteiro Brand. 81m/m — Maj. Pavel .....	16,00
(x) — O Tiro de ruço nas L. Rápidas — Cap. Breno Boiges Fortes .....	6,00
O Tiro de Morteiro — Cap. Goberi de Couto e Silva .....	11,00
O Livro do Carro de Combate — Cap. Frederico Reis Pimentel .....	11,00
O Serviço de Campanha na Arma de Cavalaria — Cap. Antonio .....	
O Oficial de Cavalaria — enG. Benicio da Silva .....	11,00
(x) — O Serviço de Informações e de Transmissões em Campanha — Cap. Geraldo de Menezes Cortes .....	11,00
(x) — Os Pombos Correios e a Defesa Nacional — Dr. Freitas Lima .....	6,00
(x) — Pequeno Manual do Serviço em Campanha na Cavalaria — Trad. Maj. José Horacio Garcia .....	13,00
Pedagogia de Educação Física — José Benedito de Aquino .....	16,00
Pastas para Folhas de Alteração .....	8,00
(x) — Regulamento para Instrução dos Quadros e da Tropa .....	3,00
(x) — Regulamento de Educação Física, 1.ª parte (N.º 7) .....	25,00
(x) — Tática de Infantaria — Cel. X .....	3,00
Sinalização a braços e ótica — Ten. Cel. Lima Figueiredo .....	3,00
Telemetria — Cap. José Joaquim Gomes da Silva .....	16,00
Telemetros de Inversão Zeiss — Cap. José J. Gomes da Silva .....	9,00
(x) — Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões — Ten. Cel. Alexandre José Gomes da Silva Chaves .....	16,00
(x) — Travessia de Cursos Dagua — Maj. José Horacio Garcia .....	6,50
Transposição de Cursos Dágua — Ten. Cel. Lima Figueiredo .....	8,00
Transferidor Militar (Tipo A) — Carlos Morim .....	75,00
Transferidor Militar (Tipo B) — Carlos Morim .....	25,00
Transferidor de Derivas e Alças — Carlos Morim .....	80,00
Theoria e Progressões de Logarítmicos — Floriano Daltro Ramos .....	5,00
Theoria e Emprego dos Milésimos — Cap. Eduardo Campello .....	5,00
Três anos de Ortografia S. Brasileira — Gen. Bertoldo Klinger .....	16,00
Topografia Prática — Cap. João Augusto Fernandes — Rubens, Castro .....	31,00
Transferidor Militar (Tipo A) .....	75,00
Transferidor Militar (Tipo B) .....	25,00
Transferidor de Derivas e Alças .....	80,00
Um ao de Obs. no Extremo Oriente — Ten. Cel. Lima Figueiredo .....	15,00
Vade-Mecum de Matemática Elementar — Frederico J. Nunes Dias .....	13,00

## Nacional

(x) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I. "A Defesa

# "Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual a Defesa Nacional Limitada"

## ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

Em cumprimento ao que dispõem os Estatutos desta Cooperativa, reuniu-se no dia 7 de fevereiro do ano corrente, a Assembléia Geral Ordinária para fins de deliberar sobre o Relatório e Balanço anuais apresentados pelo Conselho de Administração, e respectivo Parecer do Conselho Fiscal, introduzir nos Estatutos as correções sugeridas pelo Serviço de Economia Rural, e proceder à eleição dos membros do Conselho Fiscal para o ano de 1945.

- I — Relatório.
- II — Parecer do Conselho Fiscal.
- III — Balanço Geral.
- IV — Demonstração da Conta de Lucros e Perdas.
- V — Relação dos Associados que receberam retorno.
- VI — Resumo do Movimento Financeiro.
- VII — Aia da Assembléia Geral.

## RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO REFERENTE AO ANO DE 1944

Em cumprimento ao que prescreve a letra g) do artigo 35 dos Estatutos desta Cooperativa, tenho a honra de apresentar aos senhores associados aqui reunidos em Assembléia Geral Ordinária, o Relatório e o Balanço anuais, acompanhados do parecer do Conselho Fiscal, afim de que a mesma delibre a respeito.

As atividades de nossa Cooperativa desenvolveram-se com regularidade e, de um modo geral, satisfatoriamente, no decorrer de 1944.

Pode-se, até, assinalar uma sensível prosperidade financeira, embora não se houvessem alcançado resultados tão compensadores como se poderiam esperar.

Nossas fontes de renda continuam limitadas à retribuição da matéria paga que "A Defesa Nacional" insere em suas páginas e aos lucros da venda de livros realizados pela Biblioteca.

Apesar da exiguidade da receita, que nos tem impedido de dar maior incremento à edição de livros, publicamos em 1944 a terceira edição do "FORMULÁRIO PARA O PROCESSO E JULGAMENTO DOS CRIMES DE INSUBMISSÃO E DESERÇÃO DE PRACAS" e a "TÁTICA DE INFANTARIA NOS PEQUENOS ESCALOES", que lograram boa aceitação nos meios militares.

Não tem sido, entretanto, animadora a manifestação do espírito de cooperação, traduzida pelo afluxo de associados, e esta é uma das razões da modéstia de nossos recursos pecuniários, a qual não autoriza maiores empreendimentos; basta observar que o número de associados que inicialmente era de 29, em 1943, cresceu apenas para 34, em 1944.

E' de esperar, entretanto, que as melhores vantagens resultantes da reforma dos Estatutos, realizada pela Assembléia Geral Extraordinária de 23 de outubro pp., atraiça maior número de cooperados porque, além da distribuição de 50% das sobras líquidas do exercício social aos associados, na proporção das aquisições que houverem feito na Cooperativa, foi estabelecido o rendimento de 6% sobre o Capital subscrito e realizado.

Apesar das vantagens e da facilidade que a aquisição de livros mediante reembolso postal oferece aos oficiais, notadamente aos que servem em guarnições longínquas, e do abatimento de 10 a 20% sobre o custo na praça, de que gozam os associados, o movimento de encomendas não é o que poderia ser.

As condições precárias do serviço postal público, resultantes das dificuldades de transporte, vem atrasando consideravelmente a entrega de encomendas, e da nossa Revista, vem contribuindo, sem dúvida, para o retrairo dos pedidos, principalmente em relação aos Estados do Noroeste.

Quanto aos serviços propriamente de administração, têm se executado com regularidade, graças à dedicação do pessoal auxiliar desta Cooperativa.

A situação financeira, ao encerrar-se o exercício social de 1944, como se pode verificar dos documentos anexos, é, em resumo, a seguinte:

**CAPITAL:** —

subscrito . . . . .	Cr\$ 8.100,00
realizado . . . . .	Cr\$ 6.590,00

**SALDO DE CAIXA** . . . . . Cr\$ 78.583,20

contra em 1943 de . . . . .	Cr\$ 48.710,30
-----------------------------	----------------

**FUNDO DE RESERVA** . . . . . Cr\$ - 24.544,80

contra em 1943 de . . . . .	Cr\$ 877,40
-----------------------------	-------------

**RENDAS BRUTAS DA BIBLIOTECA** . . . . . Cr\$ 103.650,70

contra em 1943 de . . . . .	Cr\$ 101.273,60
-----------------------------	-----------------

**RENDAS BRUTAS DA REVISTA** . . . . . Cr\$ 293.456,00

contra em 1943 de . . . . .	Cr\$ 206.254,60
-----------------------------	-----------------

**ASSINATURAS DA REVISTA:** —

anuais . . . . .	2.013
semestrais . . . . .	918

notando-se um decréscimo com relação ao ano de 1943, respectivamente, de 249 assinaturas anuais, e de 316 semestrais, decréscimo que não se pode atribuir ao aumento do custo de assinaturas, porque este só vigora em 1945.

Eis o que de essencial nos compria dizer e submeter à vossa deliberação, certos de ter feito o que nos compria pela prosperidade de nossa Cooperativa, embora outros pudessem ter feito mais e melhor.

Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1945.

(Assinados) — Cel. Renato Baptista Nunes, Diretor Presidente; Cel. José de Lima Figueiredo, idem Secretário; Major José Salles, idem Gerente.

**PARECER DO CONSELHO FISCAL**

Aos cinco dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, na sede da Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual A Defesa Nacional Ltda, reuniu-se o Conselho Fiscal da Sociedade, tendo comparecido os Tenentes Coroneis, Armando Vila Nova Pereira de Vasconcelos, Antenor de Alencar Lima e Pedro Eugenio Pies, o primeiro como Presidente. — Este Conselho, após examinar o Balanço Geral, Relatório e demais documentos da administração referentes ao ano de mil novecentos e quarenta e quatro, é de parecer que os mesmos mereçam a aprovação da Assembléia Geral.

Propõe também que sejam louvados o Gerente e seus auxiliares pela dedicação à causa da Cooperativa e a boa ordem sempre encontrada nos diversos documentos apresentados ao exame deste Conselho.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão servindo como Secretário o Tenente Coronel Pedro Eugenio Pires que com os demais membros do Conselho assinam o presente.

(Assinados) — Ten. Cel. Armando Vila Nova Pereira de Vasconcelos; Ten. Cel. Antenor de Alencar Lima; Ten. Cel. Pedro Eugenio Pires.

### BALANÇO GERAL

#### *Ativo*

##### IMOBILISADO

Moveis & Utensílios .....	24.326,00
---------------------------	-----------

##### REALISAVEL

Cooperados .....	1.510,00
Biblioteca — Venda de livros .....	200.397,90
Livros a Consignação .....	12.316,20

214.224,10

##### DISPONIVEL

Caixa .....	500,00
Bancos .....	78.062,90
	78.582,90

Cr\$ 317.133,00

#### *Passivo*

##### NÃO EXIGIVEL

Capital .....	8.100,00
Patrimônio móvel .....	66.823,60
Fundo de Reserva .....	24.544,80
Fundo de Beneficência .....	1.673,10
Fundo de Instalações Sociais .....	2.778,39

103.929,80

##### EXIGIVEL

Consignatários de Livros .....	85.200,90
Consignatários e/Venda .....	10.429,60
Associados — juros a/Capital .....	436,00
Retornos a distribuir .....	1.889,70

98.006,20

##### COMPENSAÇÃO

Livros da Revista .....	115.197,00
	317.133,00
	Cr\$ 317.133,00

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1944.

(a) ARNALDO GONÇALVES PIRES — Guarda-Livros, Reg. no D. N. I. C. sob n.º 34.533.

(a) — MAJOR JOSE' SALLES — Diretor Gerente.

## CONTA DE "LUCROS &amp; PERDAS"

<b>DE PUBLICIDADE</b>			
Saldo desta conta .....			89.506,40
<b>DE PERCENTAGENS</b>			
Saldo desta conta .....			2.104,30
			<hr/>
			91.610,70
<b>A ORDENADOS</b>			
Saldo desta conta .....	52.100,00		
<b>A DESPESAS GERAIS</b>			
Saldo desta conta .....	14.341,80		
<b>A REVISTA, C/MOVIMENTO</b>			
Saldo desta conta .....	5.696,60		
<b>A REVISTA, C/LIVROS</b>			
Saldo desta conta .....	6.033,50		
<b>A PORTE POSTAL</b>			
Saldo desta conta .....	1.052,40		
<b>A LIQUIDAÇÃO B. PAIVA</b>			
Saldo desta conta .....	8.120,80		
<b>A ASSOCIADOS, c/JUROS</b>			
Juros s/Capital — 6% a.a. ....	486,00	37.831,10	
			<hr/>
<b>A FUNDO DE RESERVA</b>			
10% s/lucro líquido de Cr\$ 3.779,60 ..		378,69	
<b>A FUNDO DE BENEFICÊNCIA</b>			
15% s/lucro líquido de Cr\$ 3.779,60 ..		567,00	
<b>A FUNDO DE INSTALAÇÕES SOCIAIS</b>			
25% s/lucro líquido de Cr\$ 3.779,60 ..		944,90	
<b>A RETORNO</b>			
50% s/lucro líquido de Cr\$ 3.779,60 — nos associados relacionados .....		1.889,70	
			<hr/>
		91.610,70	91.610,70

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1944.

(a.) — ARNALDO GONCALVES PIRES — Guarda-Livros, Reg. no D. N. I. C.  
n.º 34.533.

(.) — MAJOR JOSE' SALLES — Diretor Gerente.

RELAÇÃO DOS ASSOCIADOS QUE ADQUIRIRAM LIVROS DURANTE O ANO DE 1944 NA BIBLIOTECA — VENDA DE LIVROS E TIVERAM DIREITO AO RETORNO CONFORME PRECEITUA O ART. 56.º LETRA d) DOS ESTATUTOS

NOMES		VALOR	VALOR
		DAS AQUISIÇÕES	DAS RETORNO
CEL. RENATO BAPTISTA NUNES .....	Cr\$	620,20	Cr\$ 569,40
CEL. JOÃO BAPTISTA MAGALHÃES .....	Cr\$	495,00	Cr\$ 454,40
CEL. BENJAMIN RODRIGUES CALHARDO ..	Cr\$	62,70	Cr\$ 57,60
CEL. EVERALDINO ALCESTE FONSECA ..	Cr\$	21,20	Cr\$ 19,50
TEN. CEL. ARMANDO BAPTISTA GONCALVES	Cr\$	67,10	Cr\$ 61,50
TEN. CEL. JOSE' DE MELO ALVARENGA ...	Cr\$	20,40	Cr\$ 18,70

Março de 1945

## A DEFESA NACIONAL

435

TEN. CEL. AUGUSTO C. MAGESSI PEREIRA . . . . .	Cr\$ 178,50	Cr\$ 163,90
TEN. CEL. PEDRO EUGENIO PIES . . . . .	Cr\$ 36,20	Cr\$ 33,50
TEN. CEL. INIMA SIOUEIRA . . . . .	Cr\$ 15,00	Cr\$ 13,70
TEN. CEL. ALBERTO RIBEIRO PAZ . . . . .	Cr\$ 48,00	Cr\$ 44,60
TEN. CEL. JOÃO BAPTISTA DE MATTOS . . . . .	Cr\$ 76,00	Cr\$ 69,70
MAJOR ADAURY SAMPAIO PIRASSUNUNGA	Cr\$ 162,00	Cr\$ 148,50
MAJOR JOSE' SALLES . . . . .	Cr\$ 186,00	Cr\$ 170,20
1º TEN. OCTAVIO ALVES VELHO . . . . .	Cr\$ 70,00	Cr\$ 64,50
	Cr\$ 2.058,30	Cr\$ 1.889,70

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1944.

(a) — ARNALDO GONÇALVES PIRES — Guarda-Livros.

(a) — MAJOR JOSE' SALLES — Diretor Gerente.

**Resumo do movimento financeiro da Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual "A Defesa Nacional"**

ANO DE 1944

## RECEITA

## REVISTA "A DEFESA NACIONAL"

Assinaturas . . . . .	63.018,40
Venda avulsa . . . . .	96,00

## PUBLICIDADE

Anúncios e publicidade paga a cargo do Bureau Interestadual de Imprensa . . . . .	94.075,00
---	-----------

## RENDA EVENTUAL

Colaboração do D. I. P . . . . .	22.000,00
----------------------------------	-----------

## JUROS

Juros de depósitos em Bancos . . . . .	1.099,40
--	----------

## COOPERADOS

Valor de Quotas-Partes . . . . .	5.160,00
----------------------------------	----------

## JOIA

Joias de admissão de associados . . . . .	190,00
---	--------

## LIQUIDAÇÃO B. PAIVA

Quantias recebidas de diversos . . . . .	4.166,50
--	----------

## BIBLIOTECA — VENDA DE LIVROS

Livros vendidos de Consignatários . . . . .	18.890,70
---	-----------

Livros vendidos da Revista "A Defesa Nacional" . . . . .	78.542,30
--	-----------

Percentagens de livros vendidos dos Consignatários . . . . .	4.717,10
--	----------

Porte-Postal. — reembolsos . . . . .	1.500,60
--------------------------------------	----------

	103.650,70	293.456,00
--	------------	------------

293.456,00

## DESPESA

## REVISTA "A DEFESA NACIONAL"

Impressão — Editora H. Velho .....	62.138,20
Papel — Comp. T. Janér Com. e Ind. ....	26.745,00
Colaboração de diversos .....	9.290,00
Expedição postal .....	3.067,60
Ilustração — Henrique Schury .....	4.700,00
Ordenados — Diretores e Auxiliares .....	52.100,00
Despesas Gerais .....	14.341,80
	172.382,60

## PUBLICIDADE

Comissões de Agentes .....	4.568,60
----------------------------	----------

## LIQUIDAÇÃO — B. PAIVA

Resgate de Consignatários — Livros .....	15.974,10
--	-----------

## BIBLIOTECA — VENDA DE LIVROS

Resgate de Consignatários — Livros .....	9.477,10
--	----------

Livros adquiridos .....	56.014,20
-------------------------	-----------

Percentagens ao Encarregado da Biblioteca — Venda de livros .....	2.612,80
---	----------

Porto-Postal — reembolsos .....	2.552,70
	70.656,80

263.582,10

BALANÇO — SALDO .....	29.873,90
-----------------------	-----------

## DEMONSTRATIVO

SALDO do movimento financeiro .....	29.873,90
-------------------------------------	-----------

SALDO do ano de 1943 .....	48.709,30
	78.583,20

SALDO do ano de 1944 .....	Cr\$ 78.583,20
----------------------------	----------------

(a.) ARNALDO GONÇALVES PIRES — Guarda-Livros.

## DEMONSTRAÇÃO DO SALDO

Em depósito no Banco de Crédito Mercantil .....	34.985,70
---	-----------

Em idem no Banco Boavista .....	43.097,50
---------------------------------	-----------

Em CAIXA — moeda corrente .....	500,00
	78.583,20

(a.) — MAJOR JOSE' SALLES — Diretor Gerente.

## ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DE 7 DE FEVEREIRO DE 1945

Aos sete dias do mês de fevereiro de mil novecentos e quarenta e cinco, às dezessete horas, na sua sede, nesta Capital Federal, reuniram-se os associados da Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual "A Defesa Nacional", convocada na forma dos Estatutos com vinte dias de antecedência. Verificado no livro de presença o quorum necessário, trinta por cento dos associados, excluídos os membros do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal, o sr. Presidente deu por aberta a sessão. O Secretário leu o relatório da Diretoria e o parecer do Conselho Fiscal. Ambos foram aprovados por unanimidade. O diretor gerente

fez uma exposição do balanço do ativo e do passivo social relativos ao ano de mil novecentos e quarenta e quatro, o qual também foi aprovado por unanimidade, para o que foi aclamada uma mesa presidida pelo Sr. Cel. Benjamin Rodrigues Galhardo e secretariada pelo Ten. Cel. João Baptista de Mattos e 1.<sup>º</sup> Ten. Octávio Alves VeVlho.

Reassumindo a Presidência, o Presidente deu conhecimento aos associados do ofício número onze-B do Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura que informava à Diretoria da Cooperativa sobre a necessidade de serem introduzidas algumas modificações em seus Estatutos para que fosse efetivada a sua reforma e consequente anotação naquele Serviço. No artigo primeiro dos Estatutos dizer que o nome da Sociedade constante da Ata de 23 de outubro de 1943 deveria ser retificado para Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual — A Defesa Nacional. No artigo quinto suprimir as expressões "dentro dos direitos constantes do artigo trinta e três do Decreto 22239 de dezembro de dezembro de trinta e dois", por se tratar de lei revogada. Artigo quinto alínea B declarar o número de registro da Revista no Departamento de Imprensa e Propaganda. Artigo nono: fixar o quantum de taxa de transferência, de conformidade com o disposto no artigo quarenta e três parágrafo segundo do Decreto-Lei cinco mil oitocentos e noventa e três citado. Foi arbitrada a taxa de dez por cento sobre as quotas-partes que forem transferidas. Passou o Sr. Presidente à terceira parte consagrada à eleição dos Membros do Conselho Fiscal para mil novecentos e quarenta e cinco. Foram eleitos o Coronel Benjamin Rodrigues Galhardo, o Ten. Cel. João Baptista de Mattos e o 1.<sup>º</sup> Ten. Octávio Alves Velho, todos com nove votos. Por uma exigência legal do Serviço de Economia Rural foi declarado que para Conselheiros vogais do Conselho de Administração, de acordo com o disposto no artigo quinto inciso quatro do Decreto-lei cinco mil oitocentos e noventa e três, foram eleitos o Coronel João Baptista de Magalhães por sete votos e o Major Adaury Sampaio Pirassununga por cinco votos. Foram designados para assinar a presente ata o Coronel Benjamin Rodrigues Galhardo, o Tenente Coronel João Baptista de Mattos e o 1.<sup>º</sup> Ten. Octávio Alves Velho.

Declarou-se em tempo que, tendo sido unanimemente aprovados pela assembleia as correções de alguns artigos, propostos pelo Serviço de Economia Rural, ficaram estes assim redigidos: art. 1.<sup>º</sup> — Sob a denominação de "Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual A Defesa Nacional Ilimitada", fica constituída entre os abaixo assinados, e os que de futuro forem regularmente admitidos, nos termos da legislação em vigor, uma sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, que se regerá por estes estatutos. Art. 5.<sup>º</sup> — A Cooperativa tem por objeto: a) pugnar por todas as questões que interessam à defesa nacional, à assistência e ao melhoramento de suas forças armadas e à difusão da cultura geral e profissional dos seus associados; b) publicar mensalmente a revista subordinada ao título "A Defesa Nacional" e sub-título — Revista de assuntos militares — encampando, para tanto, o ativo e passivo, bem como o título da Revista de igual nome, já existente, registrada no Departamento de Imprensa e Propaganda sob número: DEZ MIL DUZENTOS E VINTE E OITO (10.228); (c, d, e, f, g e h, sem alteração). Art. 9.<sup>º</sup> — As quotas partes só podem ser transferidas a associados da Cooperativa; essa transferência só se poderá realizar mediante autorização da Assembléia Geral e o pagamento da taxa de 10% (dez por

cento), que será recolhida ao fundo de reserva; (os parágrafos 1.º, 2.º e 3.º sem alteração). Outrossim, tendo sido suscitadas dúvidas sobre o capital social, de que trata o artigo 55 dos Estatutos, deveria ser contado a partir de janeiro de mil novecentos e quarenta e quatro ou sómente da data em que foram aprovados os novos Estatutos pela Assembléia Geral de vinte e três de outubro do mesmo ano, deliberou a Assembléia, por unanimidade, que fossem aqueles juros recolhidos ao fundo de reserva, a título de doação dos associados. Em seguida, foi a sessão encerrada pelo Sr. Presidente que mandou lavrar a presente Ata que vai por mim, Secretário que a escrevi, assinada, bem como pela comissão designada e pela mesa.

(Assinados) *Cel. Lima Figueiredo — Secretário.*  
*Cel. Benjamin Rodrigues Galhardo*  
*Ten. Cel. João Baptista de Mattos*  
*1.º Ten. Octavio Alves Velho.*  
*Cel. Renato Baptista Nunes — Dir. Presidente.*  
*Cel. João Baptista Magalhães — Conselheiro*  
*Ten. Cel. Everaldo A. Fonseca — Conselheiro.*  
*Major José Salles — Diretor Gerente.*

## A 1001 BOLSAS

FÁBRICA DE ARTIGOS DE COURO E SOMBRINHAS  
 GRANDE SORTIMENTO DE BOLSAS E CARTEIRAS DE  
 CROCODILO

ACEITAMOS ENCOMENDAS PARA EXECUÇÃO DE MODELOS  
 EXCLUSIVOS

Tinge-se carteiras, sapatos e luvas em qualquer cor

SERVIÇO GARANTIDO

Fabricamos as últimas novidades em Carteira e Bolsas

Rua da Carioca, 40-Loja — Tel. 22-4985 — Rio de Janeiro

# Use Papel Couché

## NACIONAL

**Colaboram neste número:**

**Gen. Silveira de Melo.**

**Cel. Lima Figueiredo.**

**Cel. R. B. Nunes.**

**Cel. J. B. Magalhães.**

**Ten.-Cel. Adalardo Fialho.**

**Maj. R. D.**

**Maj. Antonio Moreira Coimbra.**

**Maj. Felicíssimo de Azevedo Avelino.**

**Cap. Tasso de Aquino.**

**Ten. Otávio Alves Velho.**

**Gláy Gowran.**



**Cr\$ 5,00**

**EDITORA HENRIQUE VELHO**

(Empresa "A Noite")